

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL

MOEMA MESQUITA DA SILVA BRAGA

**LÓGICA DOS USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET  
POR JOVENS DOS SETORES POPULARES**

FORTALEZA – CE  
JUNHO-2011

MOEMA MESQUITA DA SILVA BRAGA

**LÓGICA DOS USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET  
POR JOVENS DOS SETORES POPULARES**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Inês Silvia Vitorino Sampaio

**FORTALEZA – CE  
JUNHO-2011**

**MOEMA MESQUITA DA SILVA BRAGA**

**LÓGICA DOS USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET  
POR JOVENS DOS SETORES POPULARES**

Dissertação submetida à Coordenação ...  
Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação da Universidade Federal  
do Ceará como requisito parcial para  
obtenção do grau de mestre em  
Comunicação.

Área de concentração: Comunicação

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Inês Silvia  
Vitorino Sampaio

**Aprovada em:** \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup> Dra. Inês Silvia Vitorino Sampaio (Orientadora)**  
**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

---

**Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

---

**Prof<sup>a</sup> Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira**  
**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

*À minha família, suporte pra todos os meus desafios.*

## AGRADECIMENTOS

É muito difícil saber por quem devo começar a agradecer, pois foram muitas as pessoas que fizeram parte dessa pesquisa e que, de forma direta ou indireta, estão presentes nessa construção. Assim inicio meus agradecimentos aos jovens internautas do bairro Granja Portugal e aos responsáveis pelos lugares coletivos de acesso à internet, pois sem eles essa investigação não seria possível.

Devo dizer que sou muito grata a todos os professores do programa. Em especial agradeço à minha orientadora, Inês Silvia Vitorino Sampaio, que com toda sua dedicação, cuidado e afeto, conduziu-me nesse processo. Agradeço também aos professores Catarina Tereza Faria de Oliveira e Juciano de Sousa Lacerda que, além de me fornecerem dicas preciosas de pesquisa durante o exame de qualificação, mostraram-se sempre disponíveis para compor minha banca para avaliação final e contribuir com esse trabalho.

Todo o período do mestrado foi realmente muito especial, principalmente pela convivência que pude desfrutar com pessoas de tanto valor. Entre elas destaco meus colegas de turma, em especial, César da Silva, Naiana Rodrigues e Tarciana Campos com quem pude trocar ideias, interagir, ensinar e aprender (bem mais aprender, confesso). Entre esses amigos faço um agradecimento “mais que especial” à Tatiana Mota: sem o apoio dela dificilmente teria condições de ingressar no programa.

Sou profundamente grata à minha família que me forneceu todo o suporte para concluir esse trabalho. Em particular agradeço à minha mãe, Maria Luiza, ao meu irmão, Ciro Braga, à minha irmã, Iara Braga, ao meu noivo, Amaro Moniz e ao meu pai, Batista Braga, que sempre me cercaram de amor e carinho necessário para me impulsionar em busca dessa conquista.

Agradeço todo o apoio e compreensão das minhas amigas Mabel Melo e Cíntia Barbosa, que sempre estiveram presente de forma muito especial na minha vida.

Agradeço também ao meu eterno mestre Luís Bernardo que com suas inúmeras ideias me forneceu dicas interessantes para construção desse objeto.

Enfim, o resultado dessa dissertação dedico a todas as pessoas que fazem parte da minha vida e tornam os meus dias mais leves e felizes.

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo investigar se e como os diferentes lugares coletivos de acesso à internet possibilitam usos e apropriações distintos desse meio, por parte dos jovens internautas. Essa análise acontece no bairro Granja Portugal, periferia da cidade de Fortaleza onde existem diversos centros coletivos de acesso à internet. Para essa pesquisa escolhemos a Casa Brasil, programa de inclusão instalado no bairro desde 2007, e uma das *LAN houses* que funcionam em frente à praça principal. Para dar conta do objeto central foram aplicadas as seguintes metodologias: observação participante, entrevista em profundidade e a *webgrafia*. Com base nesses métodos foi possível compreender que as “condições de uso” da internet em cada lugar são evidenciadas nas *formas de agir formais, técnicas e simbólicas* e estão presentes nos usos de apropriações do espaço físico por parte dos jovens. Esses usos do espaço revelam apropriações que se conectam aos conceitos de *mancha, pedaço, trajetos e circuito*. Em relação aos usos da internet pude perceber que o *agir técnico* e o *agir normativo* de cada lugar são responsáveis pelo direcionamento de alguns acessos. Contudo, apesar de existirem especificidades, os acessos também apresentaram semelhanças fato que reitera a noção que a natureza de cada espaço ela interfere nos acessos, mas não os determina. Paralelo a esses usos encontramos também as apropriações da internet. Assim, mesmo apresentando alguns usos semelhantes nos dois lugares encontramos *formas de uso* distintas da internet em cada lugar. Com base nessas apropriações nos deparamos mais uma vez com interferências do *agir normativo* e *técnico*, elementos de uma *cotidianidade familiar* que se fizeram presentes, durante todo o processo de apropriação da rede por parte dos jovens. Estes, em alguns momentos, apresentam-se reproduzindo as formas de agir desses espaços e em outros demonstram elementos marcado por *táticas, resistências e negociações*.

**Palavras-chave:** Internet. Usos e apropriações. Jovens dos setores populares.

## ABSTRACT

This thesis aims to investigate whether and how the different places of collective Internet access allow different uses and appropriations of that environment by young surfers. This analysis takes place in Portugal Granja district, outskirts of Fortaleza where there are many collective centers for Internet access. For this research we chose Casa Brazil, inclusion program installed in the neighborhood since 2007, and from Internet cafes running opposite the main square. To take account of the central object were applied the following methodologies: participant observation, depth interviews and webgrafia. Based on these methods reveals that the "conditions of use" of the Internet in each place are evident in the ways of doing formal, technical and symbolic and are present in the uses of appropriation of space by young people. These appropriations show uses of space that connect the concepts of spot, block, and circuit paths. Regarding the uses of the internet I realized that the acting coach and normative act of each place are responsible for directing some hits. However, although there are specific, the hits also showed similarities fact that reiterates the notion that the nature of the space it interferes with access, but not determines them. Parallel to these uses will also find the appropriation of the Internet. Thus, even with some cloths in the two places we found ways to use the internet in each different place. Based on these appropriations are faced once again with normative act of interference and technical elements of an everyday family who were present during the entire process of network ownership by young people. These, at times, present-reproducing forms of these spaces and act in other show elements marked by tactics, resistance and negotiations.

**Keywords:** Internet. Use and appropriation. Youth from the popular sectors.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do bairro Granja Portugal .....	55
Figura 2 – Margem do Rio Maranguapinho .....	59
Figura 3 - Imagem da Praça.....	60
Figura 4 - Feira da Granja Portugal que acontece todas às quintas-feiras.....	63
Figura 5 – Imagem da entrada da Casa Brasil/Granja Portugal .....	77
Figura 6 – Demonstração da Planta baixa da Casa Brasil (planta ilustrativa).....	84
Figura 7 – Informativo dos horários dos grupos de dança .....	88
Figura 8 – Enquanto esperavam a próxima aula do curso de informática se reuniam no auditório para conversar e passar o tempo.....	89
Figura 9 – Grupo de <i>Hip Hop</i> .....	90
Figura 10 – Fotografia do Telecentro no horário da aula de informática.....	92
Figura 11 - Banner de divulgação da colônia de férias .....	106
Figura 12 – Demonstração ilustrativa da Estrutura da <i>LAN house</i> investigada.....	119
Figura 13 - Principais serviços oferecidos pela <i>LAN house</i> . .....	120
Figura 14 – Imagem da Estrutura da LAN House .....	122
Figura 15 – Clientes esperando para serem atendidos.....	123



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
2.1	ESCOLHA DO TEMA E DO CAMPO.....	18
2.2	DIRECIONAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
<b>2.2.1</b>	<b>Abordagens Qualitativas.....</b>	<b>34</b>
2.2.1.1	<i>Observação Participante.....</i>	36
2.2.1.2	<i>O desenrolar dos processos em campo.....</i>	40
<b>2.2.2</b>	<b>Desvelando os USOS e APROPRIAÇÕES da Internet.....</b>	<b>44</b>
2.2.2.1	<i>Webgrafia – Os usos da Internet.....</i>	44
2.2.2.2	<i>Entrevista em Profundidade – As apropriações da Internet,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,</i>	46
a)	<b>Os entrevistados.....</b>	<b>49</b>
<b>3</b>	<b>DEMARCANDO TERRITÓRIOS – O BAIRRO, REDES DE</b>	<b>54</b>
	<b>RELAÇÕES E A INTERNET.....</b>	
3.1	GRANJA PORTUGAL – PERIFERIA DE FORTALEZA.....	54
<b>3.1.1</b>	<b>Granja Portugal - O Bairro.....</b>	<b>57</b>
3.1.1.1	<i>A Feira.....</i>	63
3.2	A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	69
<b>3.2.1</b>	<b>Discussões sobre as Tecnologia de Comunicação e Informação (TIC)</b>	<b>72</b>
3.3	CASA BRASIL – O LUGAR.....	76
<b>3.3.1</b>	<b>A Casa Brasil/Granja Portugal.....</b>	<b>83</b>
3.3.1.1	<i>Os Desafios para se estudar a Inclusão Digital no Brasil.....</i>	97
<b>3.3.2</b>	<b>Vivências na Casa Brasil.....</b>	<b>100</b>
3.3.3.1	<i>A LAN house e o Bairro Granja Portugal</i>	118
3.3.2.1	<i>Um quadro de crises.....</i>	108
<b>3.3.3</b>	<b>LAN HOUSE.....</b>	<b>113</b>
<b>4</b>	<b>JUVENTUDES DOS SETORES POPULARES E AS TIC.....</b>	<b>128</b>
4.1	OS JOVENS DO BAIRRO GRANJA PORTUGAL E OS ESPAÇOS	135

	COLETIVOS DE ACESSO À INTERNET.....	
4.2	USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET NOS DOIS LUGARES DE ACESSO.....	145
4.2.1	<i>Webgrafia</i> <sup>1</sup> - o que usam? .....	147
4.2.1.1	CASA BRASIL.....	150
4.2.1.2	LAN HOUSE.....	158
4.2.1.3	CASA BRASIL e a LAN HOUSE – dos usos às apropriações.....	164
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	186
	APÊNDICE .....	193

---

<sup>1</sup> Método utilizado com base nas proposições de Lacerda (2008).

## 1 INTRODUÇÃO

Convivo diariamente com a Internet. Por meio dela faço contatos, pesquisas escolares, agilizo atividades profissionais, tenho acesso a informações, faço parte de diversas redes sociais onde posso encontrar velhos amigos e fazer novos. Já há algum tempo, grande parte de minhas atividades são executadas diante de um computador e conectadas à internet. Contudo, antes de possuir internet residencial, não conseguia sentir o impacto dessa tecnologia em minha vida, pois acessava esporadicamente de acordo com necessidades pontuais pré-estabelecidas. Ou seja, somente após aderir à rede residencial que incorporei tal hábito a minha rotina. A internet é a mesma, mas com a mudança do lugar de acesso, minha relação com o meio sofreu profundas alterações. Com base nessa experiência pude perceber o quanto os lugares são importantes mediadores nesses processos de usos apropriações da internet. A partir dessa primeira percepção foquei o meu olhar nos jovens que fazem parte dos setores populares e que, em sua maioria, ainda não possuem internet residencial buscando diferentes lugares para terem acesso à rede.

São milhares os jovens das periferias que lotam as *LAN houses*<sup>2</sup>, ou mesmo que buscam os diversos programas de inclusão para poderem acessar à internet. Os jovens a que me refiro fazem parte de uma realidade marcada por um alto índice de desigualdade social e sofrem sérias restrições de serviços básicos como moradia, saneamento, saúde e educação. Assim, soa dissonante pensar em “era digital” ou em “sociedade em rede” ou mesmo “sociedade da informação” dentro de uma realidade em que outras necessidades básicas ainda não foram atendidas. Contudo, mesmo diante de

---

<sup>2</sup> No Nordeste, 63% dos internautas utiliza os centros coletivos de acesso pago – *LAN house*. Dado coletado no site: [www.cetic.br](http://www.cetic.br)

tantas outras emergências, pude constatar que o acesso à internet já é uma realidade na vida desses jovens.

Ao me deparar com essas dissonâncias, surgiram algumas inquietações iniciais referentes à relação desses jovens com a internet. O Brasil de acordo com os resultados do PISA<sup>3</sup> (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), teve em 2006 um dos piores níveis de educação em relação aos outros países ditos “em desenvolvimento”, como a Argentina e a Coréia do Norte. Diante desses baixos níveis da educação pública brasileira e conseqüentemente, do baixo nível de educação formal, surgiu um primeiro questionamento, como esses jovens se relacionam com a internet?

Essa pesquisa está situada no Nordeste brasileiro, uma das regiões mais pobres do país. Em 77% dos municípios no interior nordestino, mais da metade da população vive na pobreza e os grandes centros urbanos dessa região são marcados por fortes desigualdades sociais<sup>4</sup>. Fortaleza, capital do estado do Ceará, possui a quinta maior população no Brasil contando com 2.447,409 habitantes. Assim como em quase todas as capitais brasileiras essa explosão demográfica foi decorrente do êxodo rural, quando milhares de pessoas vieram do interior do estado em busca de oportunidades de trabalho e de sobrevivência<sup>5</sup>. Essa população migrou para Fortaleza e aos poucos foi se estabelecendo nas periferias da cidade. As pequenas comunidades da periferia de antigamente, hoje se configuram como bairros populosos, desordenados e pobres. Um exemplo desse dado está na região denominada de “Grande Bom Jardim” que é formada por 16 bairros onde se concentram 570 mil habitantes<sup>6</sup>. Essa região é caracterizada por apresentar um baixo índice de IDH ( Índice de Desenvolvimento Humano) , forte

---

<sup>3</sup> <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/> - O PISA é um programa internacional de avaliação comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

<sup>4</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) – acessado em 04/2011

<sup>5</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) – acessado em 04/2011

<sup>6</sup> [http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=37&itemid=52](http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=37&itemid=52) – acessado em 04/2011

carências de serviços públicos e um alto índice de violência urbana<sup>7</sup>. Um dos bairros mais antigos da região é a Granja Portugal, bairro de periferia, onde acontece esta investigação.

Os jovens que vivem nesse bairro possuem alguns traços semelhantes. Dentre eles destaco: estudam em escolas públicas, possuem dificuldades de inserção (principalmente no mercado de trabalho) e estão rodeados por uma realidade marcada pela violência. Outro traço semelhante que marca esses jovens é a adesão às novas tecnologias e a busca por internet em diversos lugares de acesso. Dentre esses lugares destaco dois os lugares coletivos de acesso à internet – a Casa Brasil e uma *LAN house*. A Casa Brasil é um programa de inclusão digital de iniciativa do Governo Federal. Foi implantado no bairro Granja Portugal, há cinco quarteirões da praça principal. Funciona desde agosto de 2007 e até julho de 2010 se dedica a ministrar cursos de informática voltados principalmente para os jovens do bairro. A *LAN house* escolhida para essa pesquisa abriu suas portas em 2005. Estabelecida em frente à praça principal funciona até os dias de hoje comercializando acessos à internet e prestando serviços gerais de informática.

Cada lugar de acesso possui uma rotina peculiar, com políticas de funcionamento específicas e com regras e condições de uso da internet próprias e estruturas técnicas diferenciadas. Levanto a hipótese que as especificidades de cada lugar podem afetar a relação dos jovens usuários com a internet. Devido a isso me dediquei a investigar os usos e apropriações da internet por parte dos jovens do bairro a partir desses diferentes lugares de acesso.

Foi com base nos jovens dos setores populares, na realidade periférica de Fortaleza – particularmente do bairro Granja Portugal, e nesses lugares coletivos de

---

<sup>7</sup> Esses dados serão apresentados com maior especificidade no terceiro capítulo dessa pesquisa.

acesso à internet, que surgiram os seguintes questionamentos: Como esses jovens usam e se apropriam desses lugares de acesso? Quais os seus usos da internet em cada lugar de acesso? Quais as formas de uso e as apropriações nesses diferentes lugares?

Com base nesses questionamentos iniciais e nos percursos traçados em campo formulei a seguinte questão central: Se e como os diferentes lugares de acesso à internet – Casa Brasil e a *LAN house* - possibilitam diferentes usos e formas de apropriação da internet por parte dos jovens do bairro Granja Portugal e quais são essas forma de uso e apropriação?

Com a questão central da pesquisa definida iniciei minha busca de forma que pudesse dar conta de responder à questão central proposta para essa pesquisa. Ou seja, após definir o que fazer, tive que determinar o “como fazer”.

Para tentar encontrar respostas busquei bibliografias diversas - que refletiam sobre as TIC (Tecnologias de Comunicação e Informação) - e me deparei com importantes embates teóricos que se referem ao uso das novas tecnologias, basicamente, sob duas perspectivas: a primeira com uma visão positiva de caráter evolucionista<sup>8</sup> e a segunda com uma visão pessimista e apocalíptica<sup>9</sup>. Tais embates evidenciaram o caráter dúbio<sup>10</sup> que envolve essa temática, especialmente quando as novas tecnologias estão associadas aos setores populares. Em meio a esses debates encontro De Certeau(1994), Martin Barbero(2008) e Thompson(1990)<sup>11</sup> autores que propõem estudar os meios de comunicação a partir dos usos que lhe são dados, partindo da perspectiva do ator sem

---

<sup>8</sup> Castells(2000 e 2003), Levy(1999 e 2000)

<sup>9</sup> Cazelloto(2008), Trivinho ( 2003)

<sup>10</sup> Já que, por um lado, as novas tecnologias, por suas possibilidades técnicas, poderiam tornar-se poderoso veículo de democratização do conhecimento, por outro, diante de suas inúmeras possibilidades, essas mesmas tecnologias servem aos interesses neoliberais. (Demo, 2000)

<sup>11</sup> As pesquisas desses autores estão alinhadas com os Estudos Culturais que trata da relação dos usuários com os meios de comunicação sem perder de vista os contextos que esses sujeitos estão inseridos. De Certeau e Martin-Barbero fazem parte da vertente dos estudos culturais latino-americano no qual direcionam as mesmas questões tratadas pelos estudos culturais às peculiaridades da cultura latino-americana. Essas teorias estão direcionadas aos usos e apropriações dos meios de comunicação de massa, mais especificamente da televisão. Mas nessa pesquisa adaptei tais abordagens aos usos e apropriações da internet.

perder de vista o contexto em que estão inseridos. Os autores sugerem ingressar no universo dos investigados de modo a identificar as “*formas de uso*”(DE CERTEAU, 1994) das tecnologias por parte dos setores populares, analisar quais as “*mediações*”(MARTIN-BARBERO, 2008) que perpassam a relação desse público com os meios e buscar compreender o que usam, como usam e do que se apropriam (THOMPSON, 1990).

Nas proposições desses autores identifiquei categorias de análise que me deram base para estar em campo e para perceber os jovens e suas relações com as tecnologias. Mas para atuar de fato como pesquisadora precisaria adotar metodologias adequadas que pudessem dar conta de desenvolver tais reflexões. No início tinha a certeza de que utilizaria uma abordagem de natureza qualitativa, por seu caráter mais sensível às individualidades e mais sintonizado com os cotidianos. Mas em campo aprendi que os métodos são definidos a partir de demandas que se dão no fluxo da pesquisa. Naquele contexto, para atingir meus objetivos foi necessário me deixar conduzir pelos acontecimentos, traçando estratégias que pudessem me aproximar dos jovens e me conduzir dentro desse contexto. Com base nas demandas do campo fui tecendo o meu caminho utilizando diversos métodos que não se enquadravam, necessariamente, somente entre as abordagens qualitativas. Com base nessa abordagem metodológica enfatizo que a informações que trago no desenvolvimento da pesquisa são, antes de tudo, interpretações de um aspecto da vida social. Devido a isso peço licença para apresentar essa construção na primeira pessoa.

Para chegar aos meus objetivos, adotei diferentes metodologias que foram direcionadas a atender a cada objetivo específico da pesquisa. Então, para Identificar e comparar as “*condições de uso*”<sup>12</sup> dos lugares que disponibilizam acesso à internet – Casa Brasil Granja Portugal e em uma das *LAN Houses* que fazem parte do bairro

---

<sup>12</sup> Estruturas físicas, propostas, discursos que pautam os usos

Granja Portugal adotei como método a observação participante<sup>13</sup>. Para identificar e problematizar os usos e apropriações dos lugares coletivos de acesso à Internet por parte dos Jovens internautas assim como também os usos e apropriações da Internet em cada lugar de acesso utilizei a *webgrafia*<sup>14</sup>. (LACERDA, 2008). Para compreender os sentidos dados pelos participantes da pesquisa à internet em cada lugar de uso e apropriação desse meio elegi como método mais adequado a entrevista em profundidade<sup>15</sup>.

A trajetória dessa investigação foi apresentada em cinco capítulos. Após a introdução, no segundo capítulo me dediquei a problematizar a metodologia da pesquisa e a traçar o caminho percorrido em campo durante a aplicação dos métodos descritos no parágrafo anterior. O terceiro e o quarto capítulo foram destinados a trazer minhas percepções sobre o campo, os depoimentos e as fotografias. Registros que evidenciam e ilustram minhas experiências de contato com os jovens da periferia e suas formas de acesso à internet.

A terceira seção dessa pesquisa foi dedicada a discutir a questão dos *espaços*. Primeiro busquei problematizar as minhas vivências junto ao bairro Granja Portugal, o cotidiano e às práticas culturais de seus moradores. Em seguida, apresentei os lugares de acesso coletivo à internet, buscando descrever como eram esses espaços e analisar como funcionavam e discutir quais as posturas dos jovens internautas nesses lugares.

No quarto capítulo busquei dar ênfase aos jovens e as diversas relações desenvolvidas com a internet nos dois diferentes lugares de acesso. Essa seção foi dividida em quatro tópicos. No primeiro trouxe uma breve discussão sobre juventude,

---

<sup>13</sup> Método tratado com mais profundidade no capítulo 2.

<sup>14</sup> Metodologia utilizada na tese de doutorado de Lacerda(2008). Não se caracteriza como um método qualitativo, pois utiliza dados numéricos e percentuais. Contudo durante esse trabalho foi necessário a aplicação dessa técnica para possibilitar uma noção de quais os acessos eram realizados **por esses jovens**.

<sup>15</sup> Método tratado com mais profundidade no capítulo 2



situando o leitor acerca do perfil do jovem a que estava me referindo. No segundo busquei evidenciar os principais aspectos identificados na relação entre o jovens e os lugares coletivos de acesso à internet. O terceiro tópico foi dedicado à compreensão dos usos da internet, e a desvendar o que esses jovens acessam nos dois lugares, e o quarto e ultimo tópico deste capítulo enfatiza o “como” esses jovens usam a internet nesses dois lugares de acesso buscando traçar quais as apropriações da internet feitas por eles dois nesses lugares de acesso.

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo buscarei a traçar os caminhos da pesquisa, trazendo ao leitor os obstáculos e desafios encontrados no percurso, assim como também as reflexões que foram conduzidas pela “voz” do objeto. Nesse diálogo contínuo evidenciarei os processos teóricos-metodológicos vivenciados na investigação que me nortearam na construção e compreensão do objeto assim como também configuraram minha “forma de estar” dentro do campo.

### 2.1 ESCOLHA DO TEMA E DO CAMPO

Comecei a ter acesso à internet em 2001, ano que ingressei na universidade. Apesar de já possuir computador em casa, de já manipular com facilidade alguns *softwares* como o *Word*, *Excel*, *Power Point*, a internet, naquela época ainda era algo novo em minha vida. Foi na universidade, no laboratório de informática, que aprendi com meus colegas a criar o meu primeiro e-mail e a trocar algumas informações na rede.

Nessa época passei a utilizar com mais frequência a internet, seja para realizar pesquisas para universidade, ou para trocar e-mails com amigos. Esse contato foi intensificado quando iniciei o meu primeiro estágio onde acessava no intuito de dinamizar os processos de execução na empresa. Logo em seguida pude ter acesso irrestrito em minha casa, fato que me fez ter uma intimidade maior com essa TIC. Em 2003 criei o meu primeiro *Messenger(MSN)*<sup>16</sup>, no qual despertei para uma nova funcionalidade da rede, a conversação *on-line* onde pude ter contato com meus amigos

---

<sup>16</sup> *Software* de Bate-Papo.

substituindo o telefone. Passei a estar sempre conectada fazendo da internet uma rotina em minha vida.

Hoje, muitas de minhas atividades cotidianas são operacionalizadas na rede, transferências *on-line*, compras em *sites* comerciais, pesquisas, contato com amigos, envio de trabalhos, contatos profissionais, enfim, passo maior parte do meu dia em frente a um computador. Essa relação estreita com a internet só aconteceu quando passei a acessá-la de minha residência, ou seja, ao modificar o lugar de onde acessava, minha relação com o meio sofreu profundas alterações.

A partir da minha experiência pessoal com esse meio, desloquei o meu olhar para as diversas pessoas que ainda hoje estão possivelmente “estreado” na rede. Dentre essas pessoas destaco parcela expressiva dos jovens que pertencem aos setores populares. Com uma demanda da sociedade cada vez maior, muitos Jovens, ainda estão sendo “iniciados” em uma vida *on-line*. Alguns, inclusive já incorporaram o hábito de acessar a internet rotineiramente. Contudo, muito desses jovens não possuem internet residencial, utilizando lugares coletivos de acesso à internet como os programas de inclusão digital, a escola, e as LAN (Lugar Área Network) *houses*. Além dessa “forma” de acesso, mais frequente nos setores populares, deparei-me com outra questão também comum entre esses setores, as deficiências em termos de uma educação de qualidade questão que gira em torno das “competências culturais” que potencializam as dificuldades de manipular um computador e navegar na internet.

Segundo Canclini (2009) o acesso às tecnologias é menos desigual que a posse dessa tecnologia. Dentre os jovens pesquisados pelo autor 74% afirmou ter acesso à internet, mas apenas 32,2% alegou ter a posse dos equipamentos. Não obstante, com base numa investigação sobre os hábitos culturais dos setores que possuem uma educação formal mais avançada – estudantes universitários – revelam que possuir

internet residencial favorece a utilização mais fluida e intensa (2009, p.120). Essa afirmativa de Canclini(2009) reforça a percepção que a mudança dos lugares de acesso pode influenciar o uso da tecnologia.

Com base nessa condição de acesso dos jovens da periferia - que possui o lugar de acesso como intermediador e participa de uma realidade sociocultural marcada por profundas carências, questiono: como os jovens dos setores populares estão se relacionando com a internet nesses diferentes lugares de acesso?

Essa inquietação inicial me forneceu elementos para refletir sobre o tema central dessa pesquisa, que, naquele momento, se apresentava a mim ainda numa perspectiva fragmentada, confusa e sem muitos direcionamentos. Somente pude ter uma compreensão melhor desse tema quando mescliei minhas idas ao campo às leituras teóricas que me ofereceram uma forma de enxergar melhor o objeto.

Para construir essa questão genericamente definida em uma possibilidade real de investigação empírica foi necessário escolher o campo. O campo, segundo Beaud e Weber (2007), é inseparável do tema, ou seja um bom objeto só é possível com a escolha de um bom campo e vice e versa. Mais exatamente, o objeto faz o campo (a questão permite ler o lugar e ambiente de interconhecimento como significativo) e o campo faz o objeto (a pesquisa permite descobrir boas questões). (BEAUD; WEBER, 2007, p. 37).

Assim, com base nesse tema, construído, inicialmente, a partir de inquietações pessoais, que ao longo de novos estudos se mostraram também coletivos, tive que decidir em que campo deveria atuar. Por pertencer a um setor social médio, residente de um bairro nobre da cidade de Fortaleza, tive dificuldade em identificar que lugar seria mais adequado para minha pesquisa.

Na época da construção do projeto para seleção do mestrado, fui convidada a ministrar oficinas no bairro Granja Portugal para um grupo de mulheres artesãs que fazia parte da SOLIDU (Associação dos Moradores do Bairro Granja Portugal). Durante minhas idas ao bairro encontrei diversos elementos que poderiam favorecer minha investigação e me ajudariam a compreender melhor questões referentes ao tema central da pesquisas. O elemento existente no bairro que mais influenciou a minha escolha foi a diversidade de lugares coletivos de acesso à internet.

O primeiro lugar coletivo de acesso à internet que conheci foi a Casa Brasil, que logo me chamou atenção tanto pela sua estrutura física como pela sua proposta institucional voltada prioritariamente para a inclusão social por meio da inclusão digital. Outro fator curioso era a forte presença de outras organizações do bairro constituindo a rotina dessa instituição. Por exemplo, o grupo de mulheres artesãs (citado anteriormente) utilizava a estrutura da Casa Brasil para imprimir materiais, enviar e-mails e realizar reuniões. Achei aquele fato bem interessante, pois além de um programa de inclusão digital a Casa Brasil funcionava como um suporte estrutural para algumas manifestações da comunidade.

Outro lugar de acesso que entrei em contato na mesma época foi a escola Martins Filho que está localizada ao lado por trás da Casa Brasil e possui um Laboratório de Informática com acesso à internet.

Ainda durante as oficinas pude perceber que ao redor da praça principal do bairro existia um grande número de *LAN houses*, e todas eram bastante frequentadas pelos jovens do bairro. Essa percepção confirmava a estatística<sup>17</sup> anteriormente consultada, de que *LAN house* representa o principal lugar de acesso à internet dos setores populares, principalmente dos jovens. Encontrar esse grande número de *LAN*

---

<sup>17</sup> De acordo com o Cetic.br, 64% dos pertencentes aos setores populares utilizam *LAN Houses*, dentre essa estatística 56% são jovens entre 16 e 24 – [www.cetic.br](http://www.cetic.br).

*houses* distribuído numa pequena área do bairro me despertou o interesse, pois, em relação aos outros dois lugares citados, a *LAN house* apresentava uma proposta diferenciada de acessos e a partir de sua análise seria possível obter uma outra perspectiva acerca da relação Internet e jovens pertencentes aos setores populares. Mesmo sabendo da grande distância que existia entre minha residência e o campo, o bairro Granja Portugal apresentava muitas vantagens para minha pesquisa:

1. O Bairro possuía diversos lugares coletivos de acesso à internet – Casa Brasil *LAN house*, e a escola.
2. Nesse bairro já havia estabelecido um primeiro contato, fato que poderia facilitar a minha entrada como pesquisadora no campo.
3. Trata-se de um dos bairros de Fortaleza com menor IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.
4. Trata-se de um bairro pouco explorado em pesquisas acadêmicas;
5. O bairro não é referência em Inclusão Digital, fato que me daria uma visão mais aproximada acerca da realidade dos bairros de periferia de Fortaleza.

Essas características me fizeram ter a certeza que o bairro Granja Portugal seria o campo mais adequado para investigar os usos e apropriações da internet por parte dos jovens pertencentes aos setores populares.

Dentre os diversos lugares de acesso tive que selecionar quais seriam os viáveis para a realização da pesquisa. Durante as idas constantes ao campo pude ter contato com os diversos lugares de acesso: Diversas *LAN houses*, Casa Brasil/Programa de Inclusão, e a Escola municipal Martins Filho.

A Escola foi o primeiro lugar a apresentar dificuldades, pois não existia acesso livre, toda navegação era conduzida pelo professor. Quando não era utilizado pelo professor, o Laboratório de Informática permanecia trancado. Essa forma de funcionamento da instituição inviabilizou a atuação da pesquisa nesse lugar de acesso.

Em relação às *LAN houses* me deparei com problemas de outra natureza. Durante o ano de 2009 existiam 05 *LAN houses* ao redor da praça. Na passagem no ano de 2009 para 2010 três dessas cinco fecharam suas portas, o motivo foi a pouca lucratividade do empreendimento. Dessa forma restaram-me apenas duas *LAN houses*, que ficam no entorno da praça. E a Casa Brasil, programa de inclusão instalado no bairro desde 2007, que apesar de apresentar diversas dificuldades em seu funcionamento<sup>18</sup>, permaneceu na pesquisa.

Dessa forma, os lugares de acesso a serem pesquisados restringiram-se à Casa Brasil/Granja Portugal e à uma das *LAN houses* que resistiu à crise e permanece em atividade até os dias de hoje, chamada de Ponto.com informática.

Paralelo às minhas idas à campo, iniciei uma busca por categorias analíticas que pudessem me ajudar a aprofundar questões acerca do tema e que pudessem me mostrar como me conduzir em campo.

## 2.2 DIRECIONAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

Escosteguy e Jacks (2005) fazem um levantamento acerca dos principais estudos desenvolvidos no campo da comunicação. Cada teoria traz uma perspectiva diferenciada acerca da relação meio de comunicação e “receptores”. Mesmo existindo consensos, cada abordagem possui um traço que lhe é peculiar. Fundamentada nas

---

<sup>18</sup> Tais dificuldades serão descritas mais á frente.

peculiaridades fui pinçando alguns traços de cada abordagem teórica que poderiam contribuir para encontrar um caminho de reflexão sobre o tema.

Este é o caso da tradição dos Usos e Gratificações que ao contrário da teoria dos efeitos reforça a centralidade da pesquisa nas audiências, suas escolhas, decisões e interpretações. Porém, antes abordar a Teoria dos Usos e Gratificações acredito que seja relevante traçar alguns aspectos centrais da teoria dos Efeitos.

A teoria dos Efeitos está vinculada à tradição da pesquisa empírica norte-americana (*Communication Research*). Nasceu na década de 1920 e tinha uma maneira simplista de compreender a relação comunicação e “audiências”, ou seja, vinculada a uma perspectiva *behaviorista* pautada no modelo estímulo/resposta. Nessa linha, assumia na perspectiva de público como integrante de uma “sociedade de massa”. Essa vertente costuma também ser denominada de teoria dos efeitos ilimitados. Na década de 40, essa abordagem começou a ser revista e os pesquisadores passaram a considerar outros fatores atuantes no processo de comunicação como, por exemplo, os processos psicológicos, a rede de relações do “receptor”. (ARAÚJO, 2001). Dessa forma, essa vertente passou a ser denominada de teoria dos “efeitos limitados” ou “efeitos fracos”.

Mesmo variando entre efeitos fortes/fracos, limitados/ilimitados essa abordagem está orientada para identificar quais os impactos/efeitos provocados pela mensagem comunicacional no público. Possui como pergunta motivadora “o que os meios fazem com o indivíduo?”. A teoria dos Usos e Gratificações, por sua vez, altera radicalmente esta indagação ao propor: “o que o indivíduo faz com os meios?”. Desse modo, o “receptor” ganha importância já que essa perspectiva privilegia os usos que são dados aos meios de comunicação pelo público. (ARAÚJO, 2001).

A constituição dessa vertente pode ser dividida em dois momentos: “Clássico” e o “Moderno”. (MC QUAIL; WINDAHAL apud JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 31).



A fase clássica enfatiza as atividades de interpretação das “audiências” diante dos meios de “comunicação da massa”, investigando quais as gratificações proporcionadas pelo meio de comunicação entre suas audiências. De certa forma, nessa fase os “efeitos” dos meios ainda eram levados em consideração. A segunda fase, moderna, reforça a centralidade das audiências e tira de cena as considerações sobre os meios. Nessa fase, essa abordagem segue a seguinte linha de raciocínio:

Os meios e conteúdos são geralmente escolhidos em função de objetivos e satisfações específicos; os membros da audiência são conscientes de necessidades relacionadas aos meios de comunicação que surgem em circunstâncias sociais (compartilhadas) e pessoais (Individuais) específicas, manifestando-se em termos de motivações; a utilidade pessoal é mais significativa nas escolhas das audiências do que fatores estéticos ou culturais; os fatores mais relevantes na formação de audiências podem em princípio ser medidos. (MCQUAIL; WINDAHL apud JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p: 32).

Assim como a teoria dos Usos e Gratificações considero que a audiência é ativa, conceituando-a aqui nessa dissertação como “internautas”, capaz de fazer suas próprias escolhas na rede. Contudo, concordo com a crítica tecida por McQuail e Windahl, (apud JACKS; ESCOSTEGUY, 2005) ao propor que a racionalidade do público é muitas vezes superestimada. Outro aspecto nessa abordagem que também é passível de crítica é a pouca importância dada aos contextos nos quais esses indivíduos estão inseridos. Para Martin-Barbero (2008) essa abordagem é um desdobramento da teoria dos efeitos, já que trata o estudo da recepção como um espaço limitado por uma comunicação voltada para mensagens que circulam, de efeitos e reações. (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 302).

Segundo Thompson (1990) a Teoria dos Efeitos e dos Usos e Gratificações têm a sua importância para o campo da comunicação, mas perdem o seu potencial quando desconsideram os “contextos sócio-históricos particulares em que as pessoas ou

grupos de pessoas recebem as mensagens, que significado dão a elas, o quanto as apreciam e o quanto as integram em outros aspectos da sua vida”. (THOMPSON, 1990, p.403). Para contemplar tais elementos o autor propõe o estudo dos usos e apropriações dos meios de comunicação massivos na perspectiva de identificar aspectos fundamentais presentes na relação meio de comunicação e audiências. Esses aspectos foram elencados da seguinte maneira:

1. “Os modos típicos de apropriação dos produtos de comunicação de massa”. (THOMPSON, 1990, p.403). Esse tópico refere-se ao modo como esses meios, por sua natureza técnica, são utilizados. Quais são as circunstâncias concretas em que esses “produtos comunicativos” são recebidos e apropriados. “Consiste em identificar algumas maneiras características como os produtos comunicativos são recebidos e usados pelas pessoas”. (THOMPSON, 1990, p.404). Por exemplo, em relação aos usos e apropriações da internet devo perguntar, em que lugar o acesso acontece? Uma pessoa ou mais por computador? Existe caixa de som, *Webcam* ou outras ferramentas? Qual o sistema operacional utilizado?

2. “As características sócio-históricas dos contextos de recepção” (THOMPSON, 1990, p.405) segundo o autor a “recepção” e a apropriação são práticas situadas que acontecem em espaços e tempos determinados. Essas práticas, situadas em determinado espaços e tempos, são permeadas de relações de poder, regras e convenções, padrões consequentes de interação, pela mediação de instituições sociais. Nesta pesquisa este tópico será evidenciado junto à investigação das regras e das condições de uso da internet, nos espaços coletivos de acesso.

3. “A natureza e significância das atividades de recepção” (THOMPSON, 1990, p. 406), leva em consideração as maneiras concretas de como as mensagens veiculadas estão sendo apropriadas, por exemplo, a televisão pode ser assistida enquanto se acessa a internet. Ou seja, a natureza e o significado dessas atividades de “recepção” são ações qualificadas, que podem ser consideradas, pelos internautas, significativas. Esse tópico é de fundamental importância para essa pesquisa, pois permite dar conta do usuário diante de um determinado meio, ou seja, dos jovens diante da internet, como usam e qual o significado que dão a essa atividade.

4. “O significado das mensagens como interpretado pelos ouvintes” (THOMPSON, 1990, p. 406), quais os sentidos construídos diante das mensagens, como são recebidas e interpretadas. Em relação a esse tópico é importante salientar que quando me refiro à internet estou tratando de acessos e, portanto de internautas que buscam os mais diversos conteúdos na rede, que possuem uma forma própria de se comportar na rede, ou seja, uma rotina de acesso. Com base na identificação dessa rotina de acessos, pretendo compreender como esses conteúdos acessados estão sendo incorporados à vida desses jovens e como interagem com a realidade sócio-histórica desse usuário.

5. “A elaboração discursiva das mensagens comunicativas” (THOMPSON, 1990, p.407), como essas mensagens são apropriadas pelos internautas e como serão interpretadas já que “a apropriação de mensagens mediadas não coincide, necessariamente, com a recepção inicial da mensagem.

6. “As formas de interação e quase interação estabelecidas através da apropriação” (THOMPSON, 1990, p.408). Diz respeito à interação entre usuários de conteúdos

similares que formam uma “comunidade”, buscando os mesmo conteúdos. Assim, por meio dessa interação poderá existir uma modificação dos sentidos dados a determinados conteúdos, devido a isso esse aspecto deverá também ser levado em consideração.

Os dois últimos tópicos (5,6), não serão tratados nesta pesquisa, pois esta investigação está centrada em compreender a relação jovem da periferia e o meio de comunicação e não no tratamento em profundidade da gestão de como esses jovens interpretam e reinterpretam os conteúdos acessados.

A apropriação (significa - segundo a hermenêutica – o processo de tornar próprio algo que é alheio e estranho) é uma ação contínua e para compreendê-la é necessário perceber as pessoas, com suas vivências específicas, em contato com seus contextos e com os meios de comunicação.

O conceito de apropriação pode ser revisitado na obra de De Certeau (1994) quando o autor ressalta que o consumidor não é “passivo”. Por trás das estratégias de produção “racionalizada, expansionista, espetacular, barulhenta” (DE CERTEAU, 1994, p.94) existe uma produção outra de caráter silencioso capazes de alterar, “piratear” clandestinamente as culturas difundidas pelas elites produtoras. Assim, apropriar-se implica nos usos imprevistos para atender uma necessidade própria.

Seja como for, o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele e esses produtos (indícios da “ordem” que lhe é imposta) existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles. (DE CERTEAU, 1994, p.95).

Identificar essas apropriações, esses usos imprevistos, as maneiras de fazer requer perceber o contexto em que esse usuário está inserido. Esses contextos e as diversas forças sociais também são fortemente consideradas pelos Estudos Culturais, razão pela qual a contribuição deste campo também será considerada. Segundo

Escosteguy (2001) tal abordagem não se constitui em uma disciplina, mas num campo de cruzamento de diversas disciplinas. Essa perspectiva teórica elege a cultura vivida como objeto de estudo e compreende a “comunicação de massa” como integrante das demais práticas da vida diária responsáveis por dar sentido à vida social. Dessa forma, a pesquisa de comunicação não deve ser focada somente nos meios, mas deve acontecer no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. Assim, os estudos culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

Nessa investigação o contexto é tratado como objeto central, pois além de considerar o lugar de acesso um ponto de partida para investigar os usos e apropriações. Também levo em conta a rotina do bairro, os circuitos traçados por esses jovens e todas as outras forças que perpassam esses acessos. Devido a isso os Estudos Culturais levantam importantes pistas para nos conduzirmos dentro do campo e compreendermos essa relação Usuário e Internet.

Essa importância dada à cultura também é profundamente abordada pela vertente dos estudos culturais dedicados às questões sociais e culturais da América Latina. De fato, essa corrente de pensamento tem sido imprescindível na compreensão do objeto, seja pela importância dada à conexão cultura e comunicação como também pelo fato desse traço latino americano marcar a realidade cotidiana em que o objeto está inserido. Segundo Escosteguy e Jacks (2005):

As razões teóricas, no caso latino-americano, referem-se a insuficiência dos modelos importados e largamente adotados nas pesquisas até então, concebidos “em” e “para” outras realidades e que, sobretudo, não davam conta da vida cotidiana e de seus agentes. Estes viviam, naquele momento, duas outras razões para mudança de rumo apontada por Martín-Barbero – experiências culturais e fatos sociais específicos – como, por exemplo, a redemocratização da maioria dos países da região e a ação de movimentos sociais que levaram adiante lutas contra a repressão e a discriminação. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p.53).

Os Estudos latino-americanos ressaltam o contexto de países que passaram por processos históricos semelhantes, são marcados pelo “subdesenvolvimento” e pela forte miscigenação cultural e hoje estão vivendo processos similares no que diz respeito a uma imposição por “desenvolvimento tecnológico” numa constante corrida pela inclusão digital dos setores populares.

Segundo a perspectiva latino-americana apesar de existir uma “força homogeneizadora da cultura” existem também as *estratégias e táticas*<sup>19</sup> silenciosas da cultura popular que escapam a esse poder, principalmente no que diz respeito aos usos de um determinado meio de comunicação ou de uma nova tecnologia. Essa abordagem costuma enfatizar as diversas formas de usos e apropriações, negociadas, dos meios de comunicação por parte dos setores populares, pois compreende que o momento da “recepção” é a etapa principal do processo de comunicação. Devido a isso, o momento da “recepção” torna-se “o lugar” de onde devem partir os estudos e as pesquisas do campo da comunicação, sem perder de vista os contextos, as interações, os sujeitos e suas práticas simbólicas quando em contato com os meios de comunicação.

Martin-Barbero (2008), com base nessa abordagem dos usos sociais dos meios, busca compreender como os setores populares latino-americanos inseridos nesse quadro de “subdesenvolvimento” vivenciam esse processo acelerado de modernização desencadeado, em especial, pelo aparecimento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação(TIC). Com base nessa perspectiva o autor propõe uma forma de compreender esse processo:

A tentação do apocalipse e a volta do catecismo não deixam de estar presentes, mas a tendência mais secreta parece ser outra: avançar tateando sem mapa ou tendo apenas um mapa noturno. Um mapa que sirva para

---

<sup>19</sup> Conceito criado e desenvolvido por De Certeau (1994) que será melhor desenvolvido em outros capítulos.

questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho- mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos. (MARTIN-BARBERO, 2008, p.290).

Para compreender esse processo (latino-americano) o autor propõe deslocar o olhar dos meios para as mediações. Mediações podem ser definidas segundo Jacks (1994)<sup>20</sup> como “um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor”. (JACKS, 1994, p.47). Podemos dizer também que as mediações podem ser consideradas “filtros” que contribuem para produção e reprodução do significado social e esses filtros perpassam esses usos e apropriações da internet. Martin-Barbero (2008) para estudar a relação entre televisão e seus usuários, elege três tipos de mediações fundamentais, são elas: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Essas categorias de análise, de Martin-Barbero (2008) apesar de estar voltada aos usos da televisão guiou-me, de certa forma, na compreensão do meu objeto. Contudo, tais categorias (cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural) para serem aplicadas nesse trabalho precisam ser revistas e direcionadas para os usos da internet.

Cotidianidade familiar segundo o autor é o “lugar social” de onde os usuários se relacionam com a televisão, é nesse ambiente que a audiência latino-americana dos setores populares pode manifestar suas ânsias e frustrações. “A família é um espaço fundamental de leitura e codificação da televisão”. (MARTIN-BARBERO, 2008, p.295). Com base nessa mediação, eleita por Martin-Barbero como fundamental para compreender a relação usuário e televisão, buscamos adequar tal constatação à nossa realidade de pesquisa, pois assim como o autor compreendemos que o lugar onde

---

<sup>20</sup> O conceito de Mediações foi criado por Martin-Barbero mas Jacks(1994) em seu artigo Tendência Latino-Americana nos Estudos de Recepção oferece uma visão esclarecedora acerca do conceito.

acontece essa relação é fundamental para compreender a lógica que pauta esses usos e apropriações. Contudo, ao contrário da televisão, o ambiente familiar ainda não é o principal lugar de acesso. Ainda hoje a maioria dos acessos à internet por parte dos setores populares acontece em lugares coletivos de acesso (nessa pesquisa abordaremos a Casa Brasil e a *LAN house*). São nesses lugares que acontece essa cotidianidade, e é partindo deles que buscamos compreender esses usos da internet, fazendo um levantamento das rotinas de funcionamento desses lugares, do cotidiano desses jovens nesses lugares e das rotinas de acesso desses jovens dentro desses espaços. Esse posicionamento não supõe que a instituição familiar não esteja presente neste processo, mas que não será prioridade de análise nessa investigação.

A temporalidade social diz respeito ao funcionamento da televisão e sua divisão em gêneros. Tais conteúdos apresentam traços da cultura popular latino americano e se organizam na programação televisiva de forma fragmentada e ao mesmo tempo seriada, como é o exemplo das telenovelas e dos seriados. Tal mediação busca encontrar no conteúdo televisivo os traços do popular buscando compreender por que certos gêneros conquistam grandes audiências nos setores populares. Como não pretendemos nessa pesquisa estudar conteúdos da internet não darei ênfase a esse tipo de mediação.

A terceira e última mediação diz respeito às competências culturais. Tal elemento está impresso na Lógica dos Usos. Essas Competências Culturais não se restringem às diferenças de classe, mas as atravessam, e podem estar presentes no sistema de educação formal, nas culturas regionais, no bairro em que reside o usuário, nas etnias, nas memórias e nos imaginários. Segundo o autor:

O acesso a esse modos de uso passam inevitavelmente por um ver com as pessoas que permitam explicitar e confrontar as diversas modalidades e as competências ativadas por aquelas, e pelas narrativas – histórias de vida –



que deles nos contam e dão conta deles. (MARTIN-BARBERO, 2008, p.303).

O ato de “ver com os usuários” permite uma leitura das lógicas dos usos que se manifestam na organização do tempo e do espaço cotidiano, ou seja, é possível compreender essa lógica com base na repetição desses usos e qual o lugar que eles ocupam na rotina dos usuários. Assim para compreender essa lógica dos usos é necessário ter em vista: Quais os lugares de acesso que esses jovens utilizam? Que momento do dia eles costumam acessar a internet? Quais os sites mais visitados por esses jovens? Uma vez conectados qual a rotina de acessos desses jovens? Quantas horas do dia ficam conectados? E outros elementos que poderão surgir no curso da investigação. Para Martin-Barberon (2008) investigar esses usos não se limita à observar a quantidade de tempo dedicado, mas o tipo de tempo dedicado, o significado social desse tempo e o tipo de demanda que as diferentes classes sociais fazem do meio a ser investigado.

Com base no tema, no campo e nas categorias analíticas formulei o objetivo central dessa pesquisa: Compreender se e como os diferentes lugares de acesso à internet – Casa Brasil e a *LAN house* - possibilitam diferentes usos e formas de apropriação da internet, por parte dos jovens do bairro Granja Portugal e quais são esses usos e formas de apropriação.

A partir desse objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar e comparar as “condições de uso”<sup>21</sup> dos lugares que disponibilizam acesso à internet – Casa Brasil/Granja Portugal e em uma das *LAN Houses* que fazem parte do bairro Granja Portugal; identificar e problematizar os usos e apropriações dos lugares coletivos de acesso à Internet por parte dos jovens internautas;

---

<sup>21</sup> Estruturas físicas, propostas, discursos que pautam os usos.

identificar e problematizar os diferentes usos e apropriações da internet por parte dos jovens, nos dois lugares coletivos de acesso.

De fato Martin-Barbero (2008) com a formulação de suas categorias contribui de forma efetiva para essa pesquisa, contudo estou de acordo com a crítica tecida por Jacks (1994, p.48) ao afirmar que “o avanço das categorias analíticas do autor não é acompanhada, na mesma proporção, pelas técnicas operacionais”. Isto é, o autor não propõe um método que possa conduzir o pesquisador no campo, dessa forma, me apoiei em outros teóricos para traçar os procedimentos metodológicos.

Para dar conta de cada objetivo específico adotei metodologias que elegi como as mais adequadas. Para tratar sobre as *condições de uso* de cada lugar de acesso coletivo à internet recorrerei à observação participante e entrevista em profundidade com os “funcionários” de ambos os lugares. Para identificar os usos dados aos lugares de acesso e as formas de apropriação dos mesmos, utilizarei a observação participante e entrevista em profundidade com os jovens. Para identificar e problematizar os usos e apropriações da internet nesses diferentes lugares de acesso serão utilizadas a *webgrafia* (LACERDA, 2008) e a entrevista em profundidade também com os jovens e a observação participante. Esses métodos serão especificados, de modo mais detalhado no decorrer do capítulo<sup>22</sup>.

### **2.2.1 Abordagens Qualitativas**

Segundo Melucci (2005) por meio de um estudo qualitativo, a dimensão da experiência do indivíduo é evidenciada em razão do uso de métodos mais sensíveis às individualidades e mais sintonizados com os cotidianos. Caracterizam-se como práticas de pesquisa próximas da experiência e mais presentes no campo. Por apresentar tais

---

<sup>22</sup> O caminho metodológico traçado nesse capítulo possui forte contribuição de Thompson (1990) e Lacerda (2008).

características, esse enfoque se apresenta como o mais apropriado para compreender o objeto central desta pesquisa.

Segundo Velho (1978) as premissas tradicionais das ciências sociais defendem a necessidade de um distanciamento mínimo entre investigador e objeto de modo que seja preservado a objetividade da pesquisa, contudo o autor defende que o envolvimento entre observador e observado é inevitável e tal fato não constitui defeito ou imperfeição à investigação e sim uma profunda interação entre pesquisador e objeto.

Nessa pesquisa partimos do princípio que a aproximação entre observador e observado constitui elemento enriquecedor que oferece não só uma ampliação nas percepções sociais do pesquisador como também contribui para o conhecimento social em geral. Para Melucci (2005) “cada observação também é uma intervenção” (MELUCCI, 2005, p. 37) a observação é uma prática social que de uma forma ou de outra intervém no campo e o modifica. Contudo, devemos ter cuidado para que essa intervenção não se transforme em manipulação.

Ainda que a pesquisa seja interessada e tecida com a subjetividade, não podemos torcer os dados ao manipulá-los ocultando o que contradiz nossos pressupostos, hipóteses ou intenções e amplificando o que nos reforça, o que poderia gerar um discurso verossímil que não traduz o processo da pesquisa. Mas como nos proteger de nossas próprias tramas de tradução que sempre se fazem acompanhar da traição? (ESTEBAM, 2003, p.207).

A questão levantada por Estebam (2003) é reforçada nos questionamentos sobre a noção de realidade e representação. Numa pesquisa qualitativa os “resultados reais” e as representações se confundem (MELUCCI, 2005). Becker (2009) enfatiza que existem inúmeras formas de representação da sociedade, contudo alguns tipos de representação são legitimadas por uma organização institucional e outras não. No caso da pesquisa sociológica existe uma tendência em legitimar esse tipo de representação como o único conhecimento real da sociedade; contudo, essa representação é mais uma,

dentre as inúmeras maneiras de apreender a realidade. De fato as afirmações anteriores reforçam o papel central do processo de interpretação advindo da tradição hermenêutica que afirma que todo objeto da pesquisa sociológica é uma construção simbólica já pré-interpretada e toda a análise construída sobre o objeto constitui uma interpretação de uma interpretação.

Thompson ressalta que mesmo que a análise social seja uma forma de compreensão do pesquisador – mais uma forma de representação - ela deve ser direcionada por métodos de análise formal ou objetiva. E a abordagem qualitativa me oferece um conjunto de métodos que me permitem compreender com profundidade o objeto, saindo de uma visão panorâmica do objeto para estudar a trama que dá forma ao cotidiano. Assim, para dar conta dessas tramas que permeiam as relações, os métodos de cunho qualitativos mais utilizados são: “a observação participante, a entrevista aberta e o contato direto, pessoal com o universo do investigado”. (VELHO, 1978, p.37).

Cada proposta metodológica dessa abordagem qualitativa pode ser direcionada a um objetivo específico facilitando assim minha compreensão do objeto central.

#### *2.2.1.1 Observação Participante*

Durante a construção do projeto, logo no início da pesquisa, elegi como método principal da Entrevista em Profundidade. Mas no decorrer da investigação percebi que para compreender melhor as questões referentes aos usos dos diferentes lugares de acesso seria necessária uma permanência maior em campo. Essa permanência me permitiu compreender as regras e cotidianos que são traçados, algumas vezes por seus coordenadores e financiadores, outras por seus usuários que desenvolvem ali

formas de usos diversas<sup>23</sup>. Tais *bricolagens* não são possíveis de encontrar somente numa análise documental ou mesmo em dados estatísticos.

Esse método constituído por um “estar em campo” denominado como Observação Participante tem como característica primordial observar as pessoas em seu *habitat* natural buscando enxergar nos costumes e hábitos rotineiros elementos úteis para o conhecimento social. Na observação participante o caráter íntimo das relações sociais deve ser revelado ao lado das tradições e costumes, das ideias, dos sentimentos de grupo e da compreensão da totalidade de sua vida. Dessa forma é necessário estar atendo às regras implícitas nas atividades do grupo, assim como também às regras não obedecidas ou transgredidas e como ocorrem os sentimentos de amizades e os laços que são estabelecidos no grupo. Assim o pesquisador por meio desse método tem possibilidade de analisar a realidade social que rodeia o sujeito da pesquisa. Segundo Guimarães (1980):

a Observação participante é um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação direta com os observados e participando da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto. (GUIMARÃES, 1980, p. 89).

Segundo Junker (1971) a Observação Participante é estafante, porém desafiadora e compensadora, pois ao mesmo tempo que possibilita ao observador uma expansão de conhecimento e percepções contribui de forma efetiva para o conhecimento social em geral. Para o autor este não é apenas um dentre os vários métodos de estudo social, mas é o mais importante pois, bem mais que um método, trata-se de um estilo, uma prática sociológica que prioriza a interação face-a-face, a pesquisa “ao vivo”.

---

<sup>23</sup> Tais elementos estarão presentes nos capítulos seguintes.

De fato a característica peculiar desse método é que o pesquisador em maior ou menor grau é imerso na teia de interação social que observa, analisa e relata. Contudo, existe em torno dessa prática uma dialética infundável, que diz respeito ao grau de imersão do observador. Segundo Junker (1971) o pesquisador oscila entre dois extremos: “Participante Total” e o “Observador Total”. Entre esse dois extremos estão o “Participante-como-Observador” que se aproxima mais do primeiro extremo e o “Observador-como-Participante” que se aproxima do segundo.

Participante-como-observador se relaciona com o campo e com seus informantes de forma clara e consciente, ou seja todos os envolvidos na pesquisa estão cientes de que a relação entre ele é meramente de campo. Esse papel é exercido em estudos de comunidades nos quais o observador constrói relações com os informantes lentamente e onde pode utilizar tempo e energia para participar da vida social daquele local.

O Observador-como-participante exige uma observação mais formal do que informal sem a intenção de espécie de participação. Esse tipo de papel resulta num menor risco de “virar nativo”. Contudo esse tipo de comportamento observacional pode tornar a pesquisa superficial.

Esses dois tipos de comportamento em campo levantam novamente as questões que giram em torno da Riqueza de dados x Objetividade. (JUNKER, 1971). O fato é que o observador deve deixar o objeto falar de forma que a condução desses papéis possa ser exercida de maneira mais coerente possível.

Mesmo tendo o propósito, desde o início, de me portar de forma participativa dentro do campo, confesso que no início dessa investigação me sentia mais ligada a uma posição de observador do que de fato participante. Esse quadro foi se invertendo no decorrer do processo da pesquisa.

A Casa Brasil, programa de inclusão digital é uma instituição governamental, possui regras que não permitem um pesquisador “estranho”. É como uma casa, uma residência, exige uma apresentação para haver permanência. Nessa instituição, mesmo que de forma gradativa, pude atuar de forma participativa. Na LAN *house*, estabelecimento comercial que consideram os usuários de internet como clientes, minha permanência no local foi justificada, inicialmente, pela simples necessidade de acessar à internet. Durante as primeiras visitas ao estabelecimento não me apresentei como pesquisadora e utilizava os computadores mediante a um pagamento como todos os outros usuários. Com o passar do tempo fui ganhando simpatia pelo dono do estabelecimento e pelo seu funcionário e me apresentei como pesquisadora depois de aproximadamente dois meses.

Essas posturas diferenciadas deixam claras as peculiaridades existentes em cada realidade. Essas se apresentam por meio de regras de funcionamento e rotinas de cada local de acesso. Essas especificidades mostram a flexibilidade exigida em campo para que haja sintonia com o objeto estudado. Como Velho (2003) assegura que para ser bem-sucedido na pesquisa de campo

depende das peculiaridades das próprias trajetórias dos pesquisadores(...)Logo, não há fórmulas nem receitas, e sim tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos empobrecedores. Assim, cada pesquisador deve buscar suas trilhas próprias a partir do repertório de mapas possíveis. (VELHO, 2003, p.18).

De acordo com esse direcionamento metodológico pude perceber as rotinas dos lugares de acesso, o comportamento dos sujeitos da pesquisa nesses espaços e a rotina silenciosa traçada por eles. Apesar de ter iniciado minhas idas ao campo em Maio de 2009, foi no ano de 2010, a partir do mês de abril, que iniciei minhas idas sistemáticas duas vezes por semana. Essas visitas foram registradas no diário de campo

(DC) até o dia 24 de novembro de 2010. Em abril de 2011 tive que voltar a campo para fazer novos registros na *LAN house*, a fim de complementar o levantamento de dados importantes para a pesquisa.

A Observação Participante auxiliou-me a conhecer e compreender a rotina desses jovens, tais elementos quando mesclados as informações obtidas com base na *webgrafia* e na entrevista em profundidade me oferecem importantes elementos que me ajudam a responder às questões centrais dessa pesquisa.

#### 2.2.1.2 *O desenrolar dos processos em campo*

O fato de estar em campo sugere ao pesquisador uma adaptação constante, pois o campo, assim como os sujeitos que o habitam, está sempre em constante movimentação, demandando do pesquisador atitudes que possam solucionar problemas que surgem no campo, sugerir novas técnicas para esclarecer melhor as questões que não ficaram bem definidas ou mesmo aproveitar as oportunidades que surgem para desvelar cada vez mais o universo do pesquisado.

Um forte exemplo dessa constante modificação habita na atual “rotina” da Casa Brasil/Granja Portugal. No final de 2009 a instituição vivenciou uma forte crise em todo o cenário nacional. Fato que fez com que no período muitas unidades fechassem suas portas. Na Casa Brasil/Granja Portugal essa crise refletiu diretamente nos cursos de informática (Básico e Avançado) que por falta de pagamento dos professores foram interrompidos. Contudo, mesmo sem os cursos de informática, a unidade da Granja Portugal permaneceu de portas abertas para “expressões culturais”<sup>24</sup> do bairro como os grupos de dança, *hip hop* e capoeira.

---

<sup>24</sup> Denominação dada aos grupos de dança por parte dos funcionários da Casa Brasil/Granja Portugal.



Logo no final do ano de 2009, a Casa Brasil passou por outra modificação na rotina do lugar, a instituição abriu suas portas para o funcionamento do PRONASCI (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania). Outras iniciativas também fizeram uso da Casa como o Centro Cultural Bom Jardim, a Prefeitura de Fortaleza com o curso de programação de computadores PROINFOR, o SENAC que promoveu cursos profissionalizantes e outros que funcionaram na instituição.

No início de 2010, o projeto Casa Brasil abriu novamente turmas. Contudo, nesse período, o único curso oferecido pela instituição foi o curso de Informática Básico, módulo que quase não oferece acesso à internet. Durante esse período (1º semestre de 2010) aconteceu uma forte evasão dos alunos. Nesse momento tive a oportunidade de verificar alguns acessos à internet na Casa Brasil. Como as salas dos cursos de informática estavam vazias, por conta da evasão de alunos, a professora permitia que os computadores, que não estavam sendo utilizados pelos alunos do curso, pudessem ser usados pelos jovens que faziam parte do PRONASCI. Durante os intervalos das oficinas os jovens “passavam” no Telecentro para acessar a internet.

Por conta dessa intensa mobilidade, dessa oscilação na rotina da instituição e da grande rotatividade dos jovens, tive dificuldade de me aproximar do universo dos pesquisados e estabelecer um contato aproximado. Não tinha ideia como iria me apresentar aos garotos, como me fazer ser reconhecida por eles.

Essa dificuldade de aproximação com os jovens também acontecia na LAN *house* que apresenta como característica primordial de sua rotina a mobilidade, o “entra e sai” de clientes e usuários de internet. O dono do estabelecimento e o funcionário sabiam que eu era pesquisadora, mas os clientes em geral não compreendiam muito bem o meu papel naquele lugar. Em muitos momentos me sentia deslocada, pois o pequeno

espaço de 3m<sup>2</sup> vivia cheio e permanecer nesse estabelecimento implicava, de certa forma, ocupar o lugar de um cliente.

Outra grande dificuldade que senti durante a pesquisa na *LAN house* foi acompanhar os acessos dos jovens, pois todos os computadores são divididos em cabines e virados para a parede. Isto é, a própria estrutura do estabelecimento implica numa vivência “*on line*” de forma privada e individual não permitindo um acompanhamento de acessos e até mesmo dificultando uma aproximação<sup>25</sup>.

Por trás da aparente falta de rotina do estabelecimento existe uma rotina silenciosa, formada pelos usuários do estabelecimento que definem em seu cotidiano os melhores dias e horários para ir a *LAN house* e acessar a internet. Apesar de bastante flexível é possível encontrar uma regularidade na frequência dos usuários no estabelecimento. Ao encontrar esse ritmo pude perceber melhor os sujeitos que faziam parte daquele lugar.

Mesmo tendo noção do funcionamento cotidiano de cada lugar existia uma barreira entre eu (pesquisadora) e os jovens pesquisados. Percebia a presença dos atores em cada lugar, mas muitas vezes não conseguia ser percebida por eles. Ao estabelecer uma conversa informal, não conseguia identificar nas banalidades aspectos que pudessem ser utilizado na pesquisa. Assim não sabia como iniciar uma conversa com os jovens sobre o meu objeto de pesquisa sem me sentir invasiva.

Dessa forma, para conseguir um primeiro contato com os jovens, me apresentei como pesquisadora e iniciei a aplicação de questionários fechados<sup>26</sup>. Por meio desse questionário comecei a perceber quem se mostrava mais disponível e, ao mesmo tempo, passei conhecer um pouco mais a vida de cada jovem.

---

<sup>25</sup> No decorrer da pesquisa veremos que essa estrutura individualista é o tempo inteiro rompida pelas vivências cotidianas de bairro.

<sup>26</sup> O questionário está presente nos anexos.

Aplicar um questionário fechado, prática de pesquisa de natureza quantitativa, se mostrou uma estratégia eficaz o suficiente para iniciar uma conversa, estabelecer um contato podendo ser vista e reconhecida como pesquisadora. Por meio desse método também pude ter acesso a informações que não são elucidadas durante uma pesquisa com base na observação como, por exemplo, idade exata dos usuários, nível de escolaridade, bairro onde moram, outros lugares de acesso à internet que frequentam, quanto tempo utilizam a internet. Enfim, por meio desse questionário obtive uma visão panorâmica do perfil do jovem que intencionava pesquisar, além de atingir meu objetivo de estabelecer um contato mais efetivo com os jovens do lugar.

Podem parecer incoerente a utilização dessa metodologia dentro de um contexto de pesquisa qualitativa, contudo Melucci (2005) nos esclarece que cada vez mais essa dicotomia entre os métodos qualitativos e quantitativos perdem o sentido, temos que apostar na complementaridade dos métodos e aproveitar os benefícios de cada um. Segundo o autor:

Nessa enorme redefinição do estatuto da pesquisa social perde o significado a oposição entre qualidade e quantidade, entre pesquisa qualitativa e quantitativa: é uma oposição que aparece sempre mais obsoleta(...). (MELUCCI, 2005, p. 28).

A aplicação desses questionários fechado foi uma porta de entrada para o universo dos entrevistados. Contudo, para identificar os usos e apropriações da internet precisaria de métodos que dessem conta de registrar não só *o que* esses jovens acessavam, mas qual a sua rotina de acesso, ou seja, *o como* acessavam. Com base nesses *usos* seria necessário, ainda identificar quais as apropriações da internet em cada lugar de acesso.

## 2.2.2 Desvelando os USOS e APROPRIAÇÕES da Internet

Mesmo com essas duas abordagens metodológicas: Observação Participante, e Aplicação de questionário fechado, os dois últimos objetivos específicos ainda não estava sendo claramente evidenciado: Identificar os usos da internet e identificar as apropriações da internet nos diferentes lugares de acesso. Para esses dois objetivos me propus trabalhar com a *Webgrafia*<sup>27</sup>, um método desenvolvido e aplicado por Lacerda (2008) em sua tese de doutorado e a Entrevista em Profundidade.

### 2.2.2.1 Webgrafia – Os usos da Internet

Tal método foi desenvolvido no intuito de registrar os acessos para assim identificar as rotinas de acesso, as *estratégias de navegação* da internet. Tais rotinas se articuladas aos hábitos culturais midiáticos de cada jovem fora do ambiente *on-line* fornece à pesquisa um registro mais preciso dos usos e apropriações de cada jovem. Esse acompanhamento foi traçado por Lacerda (2008) em uma planilha minuto a minuto durante uma hora. Foram investigados em sua tese 136 internautas em diferentes lugares de acesso durante 5.650 minutos de navegação.

Essa técnica que se pauta em levantamento quantitativo de dados permite também uma incursão em aspectos mais qualitativos do processo de pesquisa. A partir do momento que o pesquisador faz registros de acessos e o apresenta em forma de porcentagens, esses apontamentos numéricos passam a ser um dado quantitativo. Contudo junto a esses registros o investigador também pode acompanhar a rotina desse

---

<sup>27</sup> “A *Webgrafia* buscou identificar nas lógicas de navegação do internauta de Telecentro as “ trilhas de interesse” e os” elos de associação” (JOHNSON, 2001:88-92) que estabelece entre os ambientes que navega, ou seja, “o tecido conectivo” (JOHNSON, 2001:88) que constrói dentro da indeterminada malha do ciberespaço que experiência os sentidos e sabedorias produzidos em sua vivencia no mundo digital”. (LACERDA, 2008, p.200).

jovem no universo *on-line*, quais as suas habilidades, quais os conteúdos que mais interessa a esse usuário, enfim, quais os caminhos traçados na rede. Nesse aspecto, essa abordagem apreende os sentidos, as rotinas podendo ser compreendida como uma abordagem qualitativa.

Esse método se apresentou adequado para identificar as rotinas de acessos dos jovens do bairro, o que e como usavam a internet nos dois lugares de navegação. Contudo no decorrer do processo em campo deparei-me com inúmeras dificuldades para realizar esse acompanhamento. A primeira dificuldade foi encontrada na Casa Brasil em que o acesso livre não era proporcionado rotineiramente, com horários definidos. Somente pude acompanhar esses acessos durante o curso de criação de *website* no qual era permitido o acesso num curto espaço de tempo, 20min em apenas um dos cursos de informática oferecido pela instituição que acontece duas vezes por semana. Nesse lugar pude realizar um acompanhamento em 14 computadores onde circulavam 12 jovens durante o mês de outubro de 2010. Ao realizar a investigação nos 14 computadores com os 12 jovens percebi que a frequência dos alunos era muito variada, por isso ao fazer o cálculo do tempo de investigação fui obrigada a traçar uma média do número de computadores utilizados naquele espaço de tempo. Foi investigado um total de 160 min. no mês que multiplicado ao número médio de computadores investigados, 8(oito), totalizaram 1280min.

Na LAN *house* esse acompanhamento apresentou dificuldades ainda maiores, de natureza estrutural. Todos os computadores do estabelecimento são virados para parede fato que dificultou enormemente o acompanhamento dos acessos. Contudo, insisti para que pudesse realizar um acompanhamento similar ao ocorrido na Casa Brasil. Depois de muitas idas ao estabelecimento, criando vínculos, principalmente com o dono da LAN *house*, consegui a permissão de alguns jovens para realizar o

acompanhamento de seus acessos. Foram investigados 5 computadores onde circularam cerca de 40 jovens, pude acompanhar nesse estabelecimento cerca de 240 minutos em cada computador. Quando multiplicamos o número de minuto ao número de computadores a investigação totalizou 1200 minutos. Essa investigação aconteceu entre os dias 08 e 30 de abril de 2011.

No total foram acompanhados 52 jovens, e um total de 2480 minutos em dois lugares diferentes de acesso. Com base nesses registros pude conhecer O QUE esses jovens acessam e COMO eles acessam nos dois lugares de acesso, conseqüentemente, algumas apropriações também foram evidenciadas nesse processo. Contudo, para abordar com mais profundidade o universo do investigado, buscando compreender os sentidos atribuídos à internet, e buscando identificar outras formas de apropriação do meio, aliei a *Webgrafia* à entrevista em profundidade e à observação participante.

#### 2.2.2.2 *Entrevista em Profundidade – As apropriações da Internet*

Segundo Haguette (1997) a entrevista pode ser caracterizada como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. (HAGUETTE, 1997, p. 86).

Muitas informações podem ser coletadas por outras vias metodológicas, como análise de tabelas ou a Observação Participante. Mas alguns dados subjetivos podem ser mais facilmente obtidos através da entrevista em profundidade, como por exemplo, os valores, as opiniões dos sujeitos entrevistados.

As formas de entrevistas mais utilizadas em Ciências Sociais são: a entrevista estruturada, semi-estruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e também a entrevista projetiva. (SELLTIZ, 1987).

O sucesso dessa abordagem está num planejamento prévio bem definido, que deve contemplar elementos como: objetivos bem definidos; a escolha criteriosa dos entrevistados; direcionamentos e questões bem elaboradas de maneira que se possa satisfazer às perguntas centrais do objeto da pesquisa; a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista; condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o sigilo de suas informações e sua identidade; e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes. (LAKATOS, 1996).

Durante minhas idas ao campo, pude observar o comportamento de alguns jovens. Com a aplicação de questionário fechado tive a oportunidade de me aproximar dos mesmos. Mesclado às informações e compreensões adquiridas nessas duas experiências pude ter critérios de escolha mais acertivos. Essas informações me fizeram escolher jovens que pudessem contribuir diretamente com a pesquisa. O aspecto explorado com a aplicação desse método restringiu-se em compreender as vivências desses jovens relacionadas à internet e aos lugares de acesso.

Na escolha dos entrevistados segui os seguintes critérios: ser jovem entre 18 e 24 anos; estudar ou já ter estudado em escola pública; frequentar pelo menos um dos lugares pesquisados – Casa Brasil e a LAN house; acessar a internet em um desses lugares. Por meio desses critérios escolhi quatro jovens em cada lugar de acesso para aplicar a entrevista em profundidade. Contudo, percebi que seria necessário obter depoimentos do coordenador da Casa Brasil, do professor do curso de informática, e do

dono da LAN *house*<sup>28</sup>, afim de que pudesse ter uma noção sobre os significados que os responsáveis pelos espaços depositam no lugar de acesso. E se esses significados são partilhados pelos usuários do lugar, os jovens.

Com os sujeitos da pesquisa já identificados e definidos deveria agora pensar uma forma de aplicação que pudesse obter mais informações possíveis sobre cada entrevistado, sem que essas informações fugissem do assunto central da pesquisa. Por meio de leituras identifiquei que a entrevista semiestruturada, seria a mais viável. Esse tipo de entrevista combina perguntas abertas e fechadas, nas quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador segue um roteiro, mas ele tem a liberdade de fazer perguntas adicionais para deixar mais claro algumas questões ou pode ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o entrevistado tenha “fugido” ou tenha dificuldades com o tema. (SELLTIZ, 1987).

A principal vantagem da entrevista semi-estruturada é a flexibilidade permitida quanto à sua duração, podendo haver uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também possibilitam uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista mais trocas, são favorecidas. Desse modo, os pesquisados podem mostrar de forma mais espontânea suas opiniões e pontos de vista. (SELLTIZ, 1987).

---

<sup>28</sup> O roteiro de perguntas será disponibilizado nos anexos.



### a) Os entrevistados

Os jovens participantes<sup>29</sup> da entrevista em profundidade possuem as seguintes características: Usuários de internet, frequentam pelo menos um dos lugares de acesso investigado: Casa Brasil/Granja Portugal ou LAN *house* e acessam a internet, todos estudam ou terminaram seus estudos em escola pública e vivem no bairro Granja Portugal.

#### **LAN house**

**Álvaro:** (*Indica uma pessoa de iniciativa, que está sempre em busca de novas oportunidades*)

Frequenta a LAN *house* em dias alternados e em horários variados: tem dias que frequenta no período da manhã, outros dias frequenta no período da tarde. Rapaz simpático e comunicativo. Sempre que espera um computador desocupar, conversa com alguém que também está esperando. Tem 19 anos, estatura alta, magro, usa óculos e aparelho nos dentes. Terminou o segundo grau ano passado e trabalha num *Cyber Café* na Beira Mar. Aprendeu a acessar a internet num curso de informática pago. Além da LAN *house*, costuma acessar a internet no seu trabalho.

**Mônica:** (*Sozinha, Solitária*)

Frequenta a LAN *house* todos os dias no período da manhã. Durante sua permanência não costuma conversar com ninguém. Apenas cumprimenta o dono do estabelecimento

---

<sup>29</sup> Os nomes reais dos entrevistados serão resguardados como uma maneira de cuidar da privacidade de cada participante. Os nomes apresentados nessa pesquisa foram escolhidos para dar sentido, de alguma maneira, à personalidade de cada participante por isso os significados dos mesmos seguem indicados ao lado.

e senta no primeiro computador desocupado. Mônica não costuma conversar com os usuários vizinhos e sempre que usa o computador utiliza os fones de ouvido. Magra, branca, estatura média, usa óculos, cabelos encaracolados e constantemente amarrados. Sempre com um jeito acanhado não parece ser pessoa de muitos amigos e conhecidos. Mora com os pais, com idade de 22 anos ainda não conseguiu o primeiro emprego. Terminou o segundo grau com 18 anos e desde então só frequenta cursos profissionalizantes como, por exemplo, secretariado. Aprendeu a utilizar um computador durante um curso de informática na época da escola, e aprendeu a navegar na internet com alguns colegas na LAN house.

**Jair:** *(Está sempre aberto a novas experiências. Acredita na amizade e se mostra constantemente disposto a ajudar)*

Tem 18 anos, estatura média, moreno e robusto. Está cursando o terceiro ano do segundo grau e participou do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Está sempre na LAN house, também em horários variados, costuma utilizar o computador em média de uma hora e meia por dia. É amigo do proprietário da LAN house, assim como também de vários outros frequentadores do estabelecimento. Apresenta-se sempre bem humorado, alegre e desinibido. Nunca teve experiência profissional, mas pretende trabalhar assim que conseguir passar no vestibular.

**Gaspar:** *(indica uma pessoa que, por ser sensata e ponderada, encara o dia-a-dia com grande senso de responsabilidade)*

Moreno claro e Magro possui 22 anos. Costuma frequentar a LAN house em média de três vezes por semana sempre no horário da manhã. Além de utilizar o estabelecimento, também faz curso de informática na Casa Brasil, o PROINFOR que tem como

conteúdo a programação de computadores. No momento está desempregado mas já teve experiência profissional trabalhando com serviços gerais numa loja de automóveis. Hoje faz curso de informática para obter uma melhor colocação no mercado.

### **Casa Brasil**

**André** – *(pessoa intuitiva e extrovertida. Tem sempre ideias originais e brilhantes a respeito de tudo e gosta)*

Não costuma faltar nenhum dia de curso, na sala de aula é sempre participativo e está sempre entre os colegas do curso “puxando” conversa e interagindo. Bastante magro com estatura média, possui 19 anos, já terminou o segundo grau. Aprendeu a acessar a internet, sozinho em casa. Hoje em dia não possui internet residencial e costuma acessar durante o curso de construção de web sites e durante os outros cursos de informática que frequenta, por exemplo, o programa Com.domínio Digital. Hoje em dia André não utiliza a LAN *house* para acessar a internet. Começou a frequentar a Casa Brasil durante o curso de fotografia uma das atividades do PRONASCI e foi iniciado no final do ano de 2009. André trabalha hoje dando aula de fotografia para crianças do ensino fundamental.

**Mateus:** *(Indica uma pessoa equilibrada e muito racional, que não gosta de magoar ninguém e procura sempre ser gentil nas suas palavras)*

Está sempre presente no curso. Apesar de apresentar certa timidez, sempre que pode busca trocar ideias sobre os conteúdos do curso com o professor. Apesar de não participar muito durante a aula se mostra sempre bastante envolvido com os conteúdos discutidos. Possui 19 anos, e está no segundo grau completo ainda não conseguiu ingressar no mercado de trabalho. Antes do curso de construção de web sites já tinha

cursado Informática Básica na Casa Brasil onde estabeleceu o primeiro contato com a internet. Além da Casa Brasil, costuma acessar a internet na casa de familiares, amigos e na LAN house.

**Bárbara:** *(Está sempre em busca de novidades. Criativa, pode fazer sucesso nas artes ou na literatura)*

Tem 18 anos, estatura média, magra e morena clara. Faz o terceiro anos do segundo grau, nunca trabalhou. Reside próximo a Casa Brasil e por isso frequenta a instituição desde sua inauguração. Fez o curso de informática básico, aula de violão e canto do PRONASCI, hoje está dedicada ao curso de criação de web sites na instituição. Durante as aulas acompanha bem o ritmo mostrando-se sempre interessada e motivada com os conteúdos. Não frequenta a LAN house pois possui internet residencial e demonstra um grande interesse por estar constantemente conectada.

**Paulo:** *(disposição e um otimismo contagiante. Encara cada dia como um novo degrau para obter o desenvolvimento material e social.)*

Faz o terceiro ano do segundo grau e também possui 18 anos, até então, nunca possuiu experiência profissional. Hoje se dedica ao curso de web sites na Casa Brasil, mas anteriormente já participou do curso de informática básico. Sua convivência com a internet acontece somente na instituição, durante o período de 20 minutos de acesso livre, antes de começar a aula, permitidos pelo professor. Não costuma frequentar a LAN house, pois não se interessa em passar mais tempo conectado. Para ele o curso de informática é importante para promover melhores oportunidades de emprego.

Cada entrevistado com suas peculiaridades apresenta características comuns. Todos participam de uma realidade social semelhante, estudaram em escola pública, moram na

periferia e acessam a internet em lugares coletivos de acesso. Durante essas entrevistas buscamos compreender quais apropriações da internet eram feitas por parte desses jovens.

Os direcionamentos teórico-metodológicos eleitos para essa pesquisa serão evidenciados nos capítulos seguintes junto aos aspectos mais relevantes da relação entre jovens e internet. Dentre esses aspectos ressaltamos as mediações do bairro e dos lugares de acesso, que fazem parte da “cotidianidade familiar” desse jovem na sua relação com o meio de comunicação.

### 3 DEMARCANDO TERRITÓRIOS – O BAIRRO, REDES DE RELAÇÕES E A INTERNET

#### 3.1 GRANJA PORTUGAL – PERIFERIA DE FORTALEZA

Com referência no objeto central da pesquisa temos como ponto de partida uma primeira delimitação. Essa delimitação se dá através de fronteiras espaciais, geográficas, que delineiam um lugar que, no caso desse estudo, denominei de *bairro*. Minha jornada investigativa se inicia no percurso de acesso a essa realidade, no caminho de ida, e com toda a logística de transporte, realizada por três conduções coletivas, necessárias para sair do centro da cidade de Fortaleza e chegar ao bairro Granja Portugal, periferia de Fortaleza.

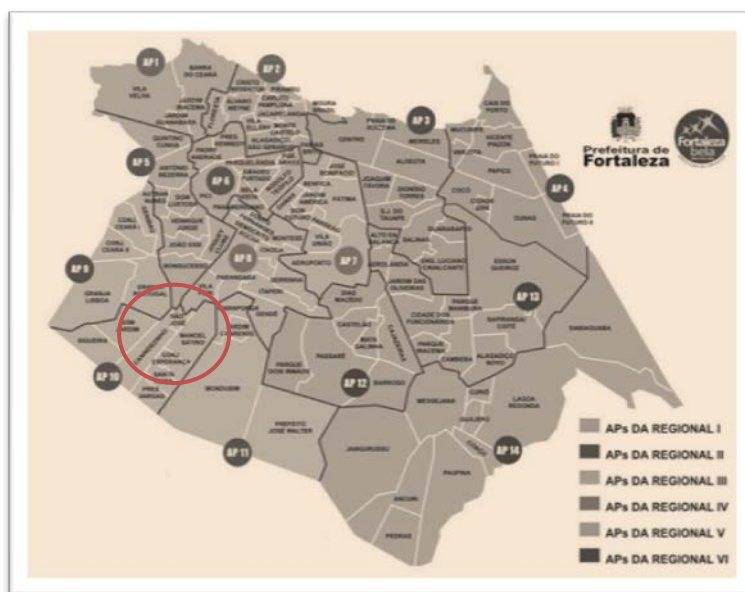
Esse lugar faz parte da região denominada Grande Bom Jardim, sudoeste de Fortaleza. Em suas fronteiras encontram-se os bairros: Conjunto Ceará, Bom Jardim, Genibaú, Parque São José, Bom Sucesso, Canidezinho e Granja Lisboa. De acordo com pesquisa realizada pelo GPDU (Gestão Pública e Desenvolvimento Humano)<sup>30</sup>, em parceria com o CDVHS<sup>31</sup> (Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa), a região do Grande Bom Jardim é considerada uma das mais populosas de Fortaleza -175.144hab - e apresenta sérios problemas sociais, como o alto nível de analfabetismo, precariedades no saneamento básico e violência. Inserido nessa região, o bairro Granja Portugal não foge à regra. Com uma população de 37.369 hab, e um total de 130 logradouros esse bairro apresenta diversos elementos que o situam entre as comunidades de baixo IDH

---

<sup>30</sup> Grupo de pesquisa vinculado à UECE( Universidade Estadual do Ceará) que tem como principal objetivo compreender Fortaleza e sua Região Metropolitana por meio de estudos, pesquisa e intervenções específicas nos seus bairros. Para ter mais informações consulte o site: [www.gpdu.com.br](http://www.gpdu.com.br).

<sup>31</sup> Uma organização não- governamental, sem fins lucrativos que está estabelecida na região do Grande Bom Jardim, região onde se encontra o bairro Granja Portugal. De acordo com informações contidas no site: [www.cdvhhs.org.br](http://www.cdvhhs.org.br), o CDVHS é uma instituição que atua em mobilizações sociais, animando as comunidades locais, atento ao foco do seu trabalho que é a “idéia de “Comunidade de Comunidades” e a certeza do protagonismo dos mais pobres. As lutas e o tempo amadureceram o CDVHS. Atendendo à sua missão de “defender a vida e promover os direitos humanos”” (Acessado em 17/08/2010).

(Índice de Desenvolvimento Humano). Esse Índice de Desenvolvimento Humano abaixo da média é nitidamente visualizado na própria infra-estrutura do lugar. Das 130 ruas existentes no bairro, apenas 11 delas são asfaltadas e apenas 33 saneadas. Apenas 28,26% das ruas possuem coleta de lixo. Existem apenas 11 linhas de ônibus **que** fazem o acesso do bairro com o restante da cidade.



**Figura 1:** Localização do bairro Granja Portugal

A partir do rio que atravessa o bairro, conhecido como Rio Maranguapinho, posso visualizar a precariedade de alguns casebres que se estabelecem em suas margens. Seja pelos esgotos sem tratamento que escorrem para o rio podendo causar doenças, ou mesmo pelo em constante risco que essas residências sofrem de desabamentos ou enchentes.

Economicamente, o bairro vive de pequenos comércios, feiras e artesanato. Dentre os moradores que vivem na Granja Portugal, apenas 9% é assalariado com carteira assinada, e já 30% não possui renda fixa sendo considerados autônomos. São pequenos comerciantes (20,96%), artesãos (12,58%), costureiras (10%),

camelôs/ambulantes (8,71%), faxineiras/diaristas (8,21%) e trabalhador da construção civil (6,45%). Entre as mulheres, 23% são donas de casa. Os desempregados somam um percentual de 13,46%. E os estudantes ocupam uma parcela de 11,7% <sup>32</sup>.

Dentre os estudantes a maioria é jovem, sendo responsável por uma parcela de 56,18% de sua população. Para essa pesquisa, esse percentual reforça a importância de estudar esse segmento social, não só pela grande representatividade numérica, mas também por serem eles os responsáveis por maior representatividade no espaço virtual<sup>33</sup>.

Ainda segundo a pesquisa realizada pelo GPDU e CDVSH, o bairro Granja Portugal conta com 42 instituições educacionais, dentre as quais apenas 13 são escolas públicas. Em relação às formas de lazer, 40% da população afirmam não haver dentro do bairro nenhuma. Quando definem suas atividades nas horas vagas os entrevistados mencionam: ficar na praça, frequentar bares, jogar futebol ou praticar esportes, ir à churrascaria, e ir ao clube, atividades que não costumam considerar como forma de lazer. Dentre as principais habilidades identificadas no bairro destaca-se: artesanato, costura, futebol, música e grupos de dança.

Nos últimos quatro anos o bairro Granja Portugal foi contemplado com algumas políticas públicas assistenciais e culturais como o Casa Brasil programa de inclusão digital implantado desde 2007, o CAPS<sup>34</sup> (Centro de Atenção Psicossocial) que começou a ser implantado desde 2005 e que contempla Oca de Terapias

---

<sup>32</sup> Ainda com referências na pesquisa realizada pelo GPDU(Gestão Pública e Desenvolvimento Humano)<sup>32</sup> em parceria com o CDVHS(Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa).

<sup>33</sup> Esse dado pode ser facilmente comprovado através da pesquisa do CETIC.br(Centro de Estudos das Tecnologias de Comunicação e Informação) no qual 80% dos usuários da internet são jovens. Endereço: [www.cetic.br](http://www.cetic.br).

<sup>34</sup> Dispositivo de atenção à saúde mental têm valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. “Seu objetivo é oferecer atendimento à população, realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.” ([www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)). Acessado em 17/08/2010.



Comunitárias<sup>35</sup>, inaugurada em 2008, espaço que oferece à comunidade cuidados a saúde mental.

Com base nesses dados quantitativos tenho o intuito de situar o leitor acerca da realidade do bairro, tanto em sua configuração estrutural, como também no que diz respeito as principais atividades ali desenvolvidas. No tópico seguinte esse bairro será apresentado através do “olhar do investigador”, ou seja, nesse momento trouxemos minhas percepções do bairro Granja Portugal.

### **3.1.1 Granja Portugal - O Bairro**

De acordo com Magnani (2005) existem diversas formas de experiências da rua, e para categorizar esses tipos de experiências o autor utilizou as categorias *Pedaço*, *Mancha*, *Trajectoria* e *Circuitos*. Para esse momento me limitarei à conceituação de *pedaço*, termo geralmente utilizado para conceituar o espaço urbano do bairro de periferia, o bairro popular, como o bairro Granja Portugal. Segundo o autor o pedaço é o espaço intermediário entre o privado (casa) e o público - a cidade como um todo. Nesse espaço se desenvolve uma sociabilidade mais ampla do que a referente aos laços familiares, porém mais estável e significativa do que as relações formais e individualizadas propostas pela sociedade. (MAGNANI, 2005, p.179).

O conceito de “pedaço” é muito semelhante à conceituação dada por De Certeau, Giard, Mayol (1994, p.40) ao Bairro. Segundo os autores o Bairro é “um domínio do ambiente social, que constitui ao usuário uma parcela conhecida do espaço urbano, na qual negativa ou positivamente ele se sente reconhecido”. Essa porção

---

<sup>35</sup> As Ocas de Terapia Comunitária e suas ações complementares foram adotadas como política pública em Fortaleza com a gestão Luizianne Lins, vinculando-se ao SUS através do Programa Saúde da Família e da Rede Assistencial de Saúde Mental. Esse projeto nasceu de um trabalho de terapias comunitárias desenvolvido no Projeto Quatro Varas desde 1986, pelo psiquiatra Adalberto Barreto, em parceria com o Departamento de Saúde Comunitária e Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC). ([www.fortaleza.ce.gov.br](http://www.fortaleza.ce.gov.br)) acessado em 17/08/2010.

espacial quando utilizada diariamente por seus moradores, vai transformando o espaço público, tornando-o cada vez mais particularizado. É nesse espaço, permeado de “costumes recíprocos” de “processos de reconhecimento” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1994, p.40) que é possível compreender um pouco melhor a “vida cotidiana” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1994, p.41) e o que há nela de enriquecedor. Assim, o bairro é compreendido como

uma porção do espaço público em geral (anônimo de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças a proximidade (...). (DE CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1994, p. 40).

Segundo Magnani (2005) o “pedaço” ou o bairro é uma categoria formada por dois elementos básicos. O primeiro de ordem espacial, físico, que configura algumas particularidades territoriais como a mercearia da esquina, a *LAN house* da praça, a Praça, a escola, a Casa Brasil/Granja Portugal. O segundo elemento tem a ver com a rede de relações estabelecidas nesse pedaço que combina laços de vizinhança, laços familiares, vínculos por participação em atividades comunitárias. Essa mesma rede de relações instaura códigos que define quem faz ou não parte do “pedaço”.

Com base nesses conceitos trago considerações sobre o bairro Granja Portugal e percebo que as peculiaridades territoriais que fazem parte desse “pedaço” vão sendo visualizados logo na ida, dentro do ônibus. Nesse percurso o bairro Granja Portugal, visto anteriormente pela ótica dos mapas e das estatísticas simplesmente como um bairro de periferia com baixo IDH, vai se desenhando e sendo percebido, pelas pessoas que transformam os limites geográficos em espaços de convivência, em cotidianos e narrativas.

Ao percorrer a Granja Portugal, pouco a pouco fui percebendo as peculiaridades espaciais daquele *pedaço*: os comércios de pequeno porte, casas modestas e nenhum edifício. A avenida larga, que dá acesso ao bairro, disfarça bem as estreitas ruelas que se entrelaçam a medida em que ingresso no bairro. Nessas ruas, pude perceber a precariedade de serviços públicos prestados a muitas pessoas naquele local. Ao cruzar a ponte pude visualizar ainda o Rio Maranguapinho, que completamente poluído, recebe diariamente dos casebres construídos em seu entorno, litros e litros de esgoto sem tratamento.



**Figura 2:** Margem do Rio Maranguapinho

Logo na chegada à Granja Portugal percebo a praça, que representa o centro do bairro. Mesmo com uma arquitetura pouco convidativa, bancos desconfortáveis, quase nenhuma árvore, e um campo de futebol sem gramado, a praça é intensamente utilizada e apropriada de diferentes formas: pelos senhores que sentam todas as manhãs para conversar, pelos jovens rapazes que se reúnem para treinar futebol, pelas mães que atravessam suas calçadas levando e trazendo seus filhos das escolas ou mesmo pelos

feirantes que se reúnem todas às quintas-feiras na praça para vender ou trocar objetos novos e usados, complementando assim sua renda.



**Figura 3:** Imagem da Praça

A praça, mesmo sem muitos “recursos”, é um ponto central do bairro e um ponto de referência. Em suas imediações estão presentes, a Igreja, uma creche municipal, e alguns estabelecimentos comerciais como bares, locadora de vídeo, *Pet shop*, LAN(*Lugar Área Network house*)<sup>36</sup>, lojas de concerto de bicicleta, armarinhos, salão de beleza dentre outros.

Logo em seguida, há cinco quarteirões da praça, encontra-se um *núcleo* formado por diversas instituições que incluem: A Casa Brasil, a Associação dos Moradores, o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), a Escola de Ensino Fundamental Martins Filho e a OCA de Saúde Comunitária onde existem prestações de serviços terapêuticos aos moradores do bairro.

---

<sup>36</sup> Estabelecimento comercial que comercializa acesso à Internet.

Esse trecho espacial do bairro – a praça e suas imediações e o “núcleo” (conjunto de instituições) - é o lugar onde pude perceber uma maior circulação de pessoas. Nesse trecho tem sempre alguém indo ou voltando de algum lugar, seja as senhoras que passam com seus guarda-chuvas abertos para se protegerem do forte sol, ou jovens fardados que vão ou voltam da escola.

Nesse constante movimento, percebi aos poucos os espaços se constituindo. E nesse ir e vir comecei a visualizar algumas ambiguidades, as “colagens” (GEERTZ, 2000, p.43), que emergem na medida em que se observa a rotina das pessoas que aí vivem. Apesar de estar localizado numa grande metrópole brasileira, Fortaleza, esse bairro pára de funcionar entre meio dia e duas da tarde. A maioria dos estabelecimentos comerciais fecha, a rua se esvazia, o silêncio invade toda a atmosfera do lugar. Contudo, apesar da aparente tranquilidade, percebi uma forte marca da violência, expressa nos comércios sempre com grades, ou mesmo pelo depoimento de senhoras que evitam sair de suas residências por medo dos assaltantes.

Outro elemento que me deparei no campo foi a constante mobilidade que o bairro sofre dia após dia, que pode ser vista claramente através dos estabelecimentos comerciais. Novos estabelecimentos comerciais surgem, outros lutam pra sobreviver colocando três ou mais categorias de produtos em suas prateleiras, e outros desaparecem sem deixar vestígios. Por exemplo, as LAN *houses*. Em 2009, existiam quatro ao redor da praça. No começo de 2010, duas fecharam suas portas. O motivo alegado foi a baixa rentabilidade do estabelecimento, que apesar de haver grande demanda, o obtido não é suficiente para pagar os custos de Internet e energia elétrica. A terceira LAN *house* encontrou a solução para esse problema colocando junto aos computadores uma pequena mercearia, e por hora sobrevive. Dentre essas quatro LAN *houses*, apenas uma permanece exclusivamente com serviços de Internet e Informática.

Foi por meio da observação desses lugares - a praça, a LAN *house*, o comércio local, a Casa Brasil, da escola e outros - que pude visualizar o dia a dia das pessoas, e como esses cotidianos formam, transformam e desenham aos poucos a identidade de um lugar. Foi através dessas rotinas que foi possível acompanhar as *práticas culturais* vivenciadas naquele local, que De Certeau, Giard, Mayol, (1994) definem como:

combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos, ao mesmo tempo passados por uma tradição e realizados dias a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente. (DE CERTEAU, GIARD, MAYOL, 1994, p. 40).

Essas práticas culturais fazem parte dos territórios e podem ser representadas pela “rede de relações peculiar” (MAGNANI, 2000), que tece a trama do cotidiano de cada lugar, e dela fazem parte “a vida do dia a dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações, os inevitáveis conflitos, a participações em atividades vicinais”<sup>37</sup>.

No caso da Granja Portugal uma prática cultural bem antiga no bairro é a feira, que acontece todas as quintas feiras na praça principal e nas ruas centrais do bairro.

---

<sup>37</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. [online]. In: **NAU- Núcleo de Antropologia Urbana da USP** Disponível via: [www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html](http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html)>.

### 3.1.1.1 A Feira

Quinta feira de manhã. A Praça e a rua que segue a sua frente estão tomadas por barracas assimétricas. Tal trecho do bairro, normalmente calmo e tranquilo, é modificado e apropriado por um conjunto de pessoas e coisas que se amontoam e mudam a “paisagem”<sup>38</sup> (SANTOS, 2009) local. São os feirantes vindos tanto das ruas vizinhas como de lugares longínquos para realizar uma atividade nascida na idade média e que perdura até hoje, os tempos ditos “pós-modernos”<sup>39</sup>. A feira, com produtos das mais variadas categorias são divididos em “departamentos” disponibilizados segundo uma ordem local que foi estabelecida no decorrer dos anos por contratos informais e por redes de relações que são intrínsecas às atividades populares.



---

<sup>38</sup> Paisagem, segundo Santos (2009) é a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão.

<sup>39</sup> Giddens questiona essa terminologia e afirma que ainda continuamos vivenciando a modernidade. Tal discussão pode ser encontrada na seguinte bibliografia: GIDDENS, Antony. **As Consequências da Modernidade**. Ed. UNESP, São Paulo: 1991.



**Figura 4:** Feira da Granja Portugal que acontece todas às quintas-feiras

Nas andanças pela praça principal além da gritante informalidade do comércio local me deparo com outros elementos que chamam a minha atenção. Senhores de meia idade que todas as manhãs de quinta feira esvaziam seus quintais e levam animais domésticos vivos para serem negociados são: Porcos, galinhas, cabras, perus. Em frente a esse “departamento vivo”, encontro cerca de três barracas de jovens garotos que se autodenominam como “autônomos” e se dedicam à venda de CDs e DVDs piratas, tal segmento está presente em quase toda a extensão da feira e segundo os feirantes, esse tipo de comércio costuma ser lucrativo. Ao lado dessas barracas de artigos, digamos “audiovisuais”, está o segmento de eletrônicos onde se podem encontrar peças de equipamentos velhos, vídeo games da década passada, computadores fabricados na “primeira geração”.

Quando presenciei tal situação pude perceber que apesar de participarem de um mesmo setor social e de compartilharem experiências semelhantes do espaço urbano esses indivíduos vivenciam diferentes tempos históricos que se entrecruzam nesse espaço. Tal desarticulação temporal é designada por Canclini (1995, p.72) como “heterogeneidade multitemporal” responsável por formações híbridas que estão



fortemente presente em todos os estratos sociais latino-americanos. Outro forte exemplo desse contraste temporal aconteceu quando, nessa mesma feira encontro, coincidentemente, dois jovens, que frequentam a Casa Brasil e a LAN *house*. O primeiro é aluno do projeto Trilhos Urbanos do PRONASCI que funciona na Casa Brasil. Junto com a professora aproveitava os elementos da feira para registrar boas fotografias. O segundo frequentava a LAN *house* e junto com a sua mãe ajudava nas compras de casa. O primeiro jovem, que faz registro em uma máquina digital, representa a interação de dois tempos históricos, um retrato das ambiguidades vivenciadas nos centros urbanos da América Latina. Já o segundo jovem me apresentou outro aspecto em sua relação com a feira, intimamente interligado com a noção de tradição familiar. Segundo Canclini (1995), as tradições coexistem com a modernidade. Modernidade esta que nos contextos latino americano ainda não se consolidaram. Essa coexistência de temporalidades desemboca em processos de negociação entre os sujeitos. Ou seja, fazer parte de uma perspectiva digital não implica, necessariamente, no abandono das tradições.

Ainda na Praça, agora do outro lado, encontro o segmento de vestuário, roupas e calçados, novos e usados. A senhora responsável pela banca de roupas usadas, pertence ao bairro e realiza aquela atividade no intuito de levantar fundos para a igreja evangélica que participa. A barraca ao lado, com roupas novas, pertencia ao grupo das mulheres artesãs (SOLIARTE), que aproveitam a feira para comercializar os seus artigos.

Essas mulheres pertencem a associações comunitárias<sup>40</sup> que se organizam pra de certa forma obter uma proteção - “como um teto que abriga da chuva pesada”

---

<sup>40</sup> A comunidade é um entendimento compartilhado, tácito. Significa um entendimento compartilhado do tipo natural o autor ressalta que esse tipo de organização não pode sobreviver ao momento que estamos vivendo e o que acontece hoje são associações a grupos que lutam por objetivos comuns com é o caso dos

(BAUMAN, 2003, p. 13) - e força de forma que consigam obter benefícios políticos. Cada grupo - a associação dos moradores e a Igreja - possuem características distintas, que não serão enfatizadas aqui, mas que se assemelham na dedicação demandada à suas associadas. Esses grupos, além da feira, estão fortemente presentes em outras instituições coletivas como é o caso da Casa Brasil onde pude encontrar uma forte presença dos grupos organizados do bairro, dentre eles a SOLIARTE, e onde percebi que um grande número de jovens que participam dos cursos é evangélico.

A rua que passa em frente à praça e segue adentro no bairro, também é ocupada pelos feirantes. Nesse local predomina a comercialização de alimentos, apesar de também haver roupas, calçados, CDs, DVDs, dentre outros. São inúmeras barracas organizadas em três longas fileiras que seguem pela rua. Nelas encontrei frutas regionais e diversos tipos de legumes e verduras. Também são comercializados ali, a céu aberto, os mais variados cortes de carne, diversos peixes e frango. Tal atividade imprime àquele setor um odor que demarca o lugar se estendendo pelos dias seguintes.

Como toda feira popular o barulho e a movimentação são constantes. Neste dia, além dos comerciantes, vão à rua os clientes. São mulheres fazendo “a feira” de casa, garotas munindo-se de artigos de beleza, garotos buscando entretenimento com as músicas e filmes. Pessoas do bairro e de bairros vizinhos que aproveitam a ocasião para consumirem o que for preciso até a semana seguinte. Nesse constante movimento percebo que a feira além de aquecer o comércio é um lugar de interação e de encontros. Pessoas que saem de suas residências, e mesmo na total insegurança sempre enfatizada pelos moradores do bairro, vão pra rua.

Visitar a feira me deu uma visão dos diversos grupos e organizações que se encontram no bairro. Apesar de estarem situados num mesmo território e pertencerem a

uma mesma realidade social possuem sistema de valores específicos, que ora de fundem e ora se espaçam. Isto é, apesar de características distintas possuem práticas culturais semelhantes que podem ser percebidas nas repetições que conduzem a uma norma do lugar. Essas normas estão pulverizadas em outros espaços coletivos do bairro<sup>41</sup>.

Ainda na feira, observando e interagindo com o *espaço* me deparo com mais uma situação curiosa, a presença de um canal televisivo. Tal canal, representado por um jovem repórter e um cinegrafista, entrevistava um feirante. Essa situação me remeteu à uma forte noção de contraste sociais, culturais e temporais. O jovem repórter de aproximadamente 22 anos, tinha um visual bem contemporâneo: óculo *New Wave*, *T-Shirt* e *all star*. Tal vestuário se mesclava a um sotaque paulista com vocabulário repleto de gíria. O entrevistado era um senhor de aproximadamente 50 anos que vendia frutas e legumes há mais de 15 anos na feira da Granja Portugal. O senhor com um vocabulário rústico, rosto enrugado e vestimentas simples falava da sua vida na feira e da importância que aquele lugar tinha pra sua sobrevivência. No final da entrevista o repórter pediu que fizesse uma propaganda dos seus produtos. O senhor com aquele “tom” apressado e enfático, proveniente do comércio ambulante, gritam: “Mistura tudo, Mistura tudo, aqui tem tudo de fruta e verdura!”<sup>42</sup>.

E essa “mistura” presenciada na feira faz parte da própria dinâmica urbana onde os traços globalizados e traços populares são postos frente à frente deixando claro as contradições e enfatizando que cada bairro não é uma ilha isolada, pelo contrário: suas fronteiras são flutuantes e suas práticas contraditórias. Ao contrário das

---

<sup>41</sup> Isto é, esses diferentes grupos possuem “*estilos próprios*” (Especifica uma maneira própria de ser no mundo, conota um singular) mas “*usos*” semelhantes (usos define um fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação de manifesta de fato: remete a uma norma própria de um lugar) (DE CERTEAU, 1994, p. 179).

<sup>42</sup> Situações como essas, em que os ditos “meios de comunicação clássico” dirigem-se à Granja Portugal (para fazer matérias relatando as rotinas vivenciadas no bairro, ou mesmo para enfatizar ações realizadas pelo poder público), foram relativamente frequentes<sup>42</sup>. No espaço de 1 ano de investigação pude presenciar quatro visitas de repórteres que de alguma forma buscavam relatar no espaço de uma hora a realidade local.

comunidades pensadas pelos folcloristas nos deparamos com a completa hibridização e com a intensa mobilidade do espaço.

Vivenciar a experiência da feira me fez ter uma noção mais ampla de certos traços culturais daquele bairro. Tais traços estão presentes em outras práticas culturais desse *pedaço*. Dentre tantas práticas destaco uma que nasceu junto às demandas da contemporaneidade, a busca por internet.

Quando deslocamos o nosso ponto de vista para estudarmos as tecnologias com o foco no bairro Granja Portugal, percebemos o quanto as TIC já fazem parte da vida de muitos que vivem nas periferias. Contudo, esses acessos ainda são relativamente difíceis, seja pelos altos custos de conexão e manutenção do computador, ou mesmo pela falta de formação desses jovens, para manipular um computador ou mesmo acessar a Internet. Essa dificuldade pode ser visualizada através dos dados estatísticos que indicam que apenas 25% dos setores populares já tiveram acesso a Internet. Nessa porcentagem são maioria os jovens entre 16 e 24 anos.<sup>43</sup>

Esses internautas – a maioria jovem – que acessam a Internet buscam locais de uso coletivos como Escola, centros públicos de acesso pago – LAN *houses* - e centros públicos de acesso gratuito – Programas de Inclusão Digital (80%). No bairro Granja Portugal, esses lugares de acesso podem ser facilmente encontrados na região central do bairro. Como já descrevemos anteriormente, a Casa Brasil programa de Inclusão Digital está há cinco quarteirões da praça principal, e ao redor da mesma praça encontramos duas LAN *houses*. Tais lugares são intensamente frequentados pelos jovens do bairro, que conseguem, por intermédio desses espaços fazer parte da “Sociedade da Informação”.

É importante ressaltar que esses lugares coletivos de acesso à internet,

---

<sup>43</sup> Informação disponibilizada no site: [www.cetic.br](http://www.cetic.br) – informações do ano de 2009 . Entre os Jovens que possuem de 18 a 24 anos 69% já acessaram à internet.

apesar de fazerem parte, aparentemente, de uma demanda local, são frutos de uma ação planetária que marca a contemporaneidade e “exige” conexão. Essa configuração social contemporânea é denominada por vários autores como “Sociedade da Informação”.

Na perspectiva de compreender essas transformações ocorridas nos setores populares, vinculadas às novas “práticas” comunicativas dos jovens do bairro Granja Portugal, considero importante resgatar brevemente alguns estudos que discutem as ambiguidades e contradições que perpassam essa relação, setores populares e novas tecnologias.

### 3.2 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Autores como Bernhein e Chauí (2008) utilizam o termo “Sociedade do Conhecimento” para discutir uma característica da sociedade contemporânea que traz o conhecimento como protagonista dos processos de produção. Para os autores a Sociedade do Conhecimento está cada vez mais relacionada aos interesses econômicos que elegem como seu principal pilar, a Informação. Devido a essa forte associação, entre poder econômico e produção de informação, verifica-se uma produção acelerada do conhecimento, comprometido, contudo, com um processo de obsolescência contínua. Demo (2000) parte desse mesmo pressuposto e ressalta que a dita “Sociedade da Informação” é permeada por ambivalências. De um lado, existe o desenvolvimento do conhecimento sem precedentes que provoca condições mais favoráveis de uma condução autônoma. Por outro lado, observa-se que a mola mestra que impulsiona a busca por conhecimento é a competitividade econômica. Ou seja, “a sociedade do conhecimento é feita de modo preponderante pelo mercado neoliberal”. (DEMO, 2000, p.38).

Segundo Vattimo (1989), que utiliza o termo “Sociedade da Comunicação” como característica central da “modernidade”<sup>44</sup>, acrescenta que a contemporaneidade é “dominada” e “modelada” pelas tecnologias que são responsáveis por sistemas de recolha e “transmissão” de informação. Para o autor, essas tecnologias de comunicação foram inicialmente vinculadas aos ideais da “autotransparência”<sup>45</sup> – que se desenvolve no horizonte de uma comunidade ideal com perfeita transparência cognitiva podendo assim democratizar a informação. Por conta desse ideal, aderir a essa sociedade comunicativa tornou-se um imperativo.

Mattelart (2006), por sua vez, nos esclarece que essa busca por uma comunicação “ecumênica”, pela igualdade e pela universalização de valores, não é um movimento exclusivo da contemporaneidade, pelo contrário, essa procura nasceu desde os séc. XVII e XVIII quando Leibniz (1646-1716) formula um projeto de automação através do raciocínio lógico e dos números nos quais pretendia encontrar uma “língua ecumênica”. Com o passar dos anos e após inúmeras mudanças econômicas, sociais e políticas a busca por uma linguagem universal permanece. Na atualidade, essa busca pode ser visualizada através dos ideais que giram em torno da “Sociedade da Informação”. Com base nesses ideais de universalização da informação e de democratização do conhecimento, essa “Sociedade da Informação” vai ganhando cada vez mais força (MATTELART, 2006). Contudo, está permeada de ambiguidades, ao mesmo tempo em que está vinculada a uma universalização do conhecimento, é extremamente vinculada aos interesses econômicos de uma minoria.

Vattimo (1989) reitera essa afirmativa quando ressalta, com aporte na teoria crítica de Adorno, que no ponto de vista técnico a “autotransparência” seria possível,

---

<sup>44</sup> O autor utiliza esse conceito para denominar a contemporaneidade.

<sup>45</sup> Ao retratar esses ideais o autor cita as obras de Habermas e Apel que acreditam numa sociedade da comunicação ilimitada, aquela em que se realiza a sociedade do socialismo lógico, uma sociedade transparente. (VATTIMO, 1989, p.27).

por outro lado esse ideal torna-se uma forma velada de domínio e não de emancipação. Segundo o autor, o desenvolvimento intenso das ciências humanas e o forte desenvolvimento da comunicação social parecem não produzir um aumento da autotransparência da sociedade, mas, pelo contrário, parecem desempenhar as funções de apoio ao poder hegemônico tornando-se fatalmente escravos da propaganda, da publicidade, completamente atrelados ao poder econômico.

A reflexão de Vattimo (1989) é semelhante às proposições de Demo (2000) que enfatiza que o mundo tornou-se uma pequena aldeia, não pela facilidade comunicativa promovida pelas tecnologias, mas por que as linhas de força se fizeram um tanto mais “colonizadoras”. Ou seja, o uso demasiado do conhecimento e da informação, ao mesmo tempo em que pode emancipar pode também colonizar. Na “Sociedade do Conhecimento” o conhecimento está cada vez mais “aprisionado à lógica do mercado”. (DEMO, 2000, p.38). Isto é cada vez mais o conhecimento e a informação estão servindo às demandas produtivas do mercado. Assim esses valores estão fortemente atrelados aos poderes econômicos e essa supervalorização do aspecto tecnológico, inclusive como política pública, “trata-se de novo e sempre no capitalismo de progresso unilateral” (DEMO, 2000, p.38) que segue a interesses hegemônicos.

Em meio a essas ambiguidades o termo Sociedade do Conhecimento, antes relacionado a uma força promotora da emancipação da humanidade, é confundido, cada vez mais, com a noção de Sociedade da Informação. Este último, mais utilizado em relação ao campo da informática, se aproxima da noção de tecnologia e de progresso.

Com efeito o conhecimento mais inovador é provocado pelo mercado, que necessita do ímpeto desconstrutivo do conhecimento, particularmente do conhecimento dito pós-moderno colocando a inovação mercantilizada como razão maior de ser. Nesse sentido ao falarmos de sociedade da informação ou do conhecimento é fundamental não perder de vista o seu contexto econômico para não supervalorizarmos o aspecto tecnológico como se a face do progresso fosse a única. (DEMO, 2000, p. 38).

De acordo com a citação acima e com as considerações tecidas anteriormente acredito que ao me referir a “Sociedade do Conhecimento” estou diante de um termo vinculado comunicação “sem ruídos” ou mesmo de “autotransparência”. Esse termo está associado a uma noção idealizada da comunicação. Como busco tratar a relação meios de comunicação e seus usuários de forma crítica, atrelada a uma perspectiva mais “realista”, utilizarei durante toda a investigação a nomenclatura “Sociedade da Informação”. Ou seja, ao adotar o termo Sociedade da Informação como a atual configuração contemporânea, faço referência às ações contraditória, ambivalentes, que disfarçadas em ideais democratizantes estão atreladas à lógica comercial, ou seja, antes de tudo aos interesses do capital.

Esse debate, que existe em relação ao surgimento das novas tecnologias frente às mudanças sociais não é recente, pelo contrário, a cada nova tecnologia de comunicação que surge reacendem os antigos questionamentos.

### **3.2.1 Discussões sobre as Tecnologia de Comunicação e Informação (TIC)**

Essa discussão sobre a Sociedade da Informação, que ressalta a ambiguidade das Tecnologias de Comunicação e Informação, também foi intensamente tratada pela Escola de Frankfurt. As obras de Adorno e Horkheimer (2002) e Marcuse (1964) referem-se com frequência aos debates sobre a técnica. Na época, os meios de comunicação vistos como alvo da discussão eram ainda a televisão e o rádio. Já hoje, esses debates são em sua grande maioria centrados nas TIC.

Adorno e Horkheimer (2002) através do desenvolvimento do conceito de Indústria Cultural, problematizaram questões referentes à conversão da cultura em mercadoria associado a expansão dos “meios de comunicação de massa”. Para os



autores, tais meios, tão aclamados como uma forma de democratizar o conhecimento, mercantilizam a cultura a partir do momento que seguem a lógica do capital. Esses “meios de comunicação de massa” são principalmente representados pela televisão, o rádio, a fotografia e o cinema, caracterizando-se por serem meios de difusão de informação em larga escala.

Assim como a internet, o surgimento desses meios foi permeado por expectativas permeadas de ideais igualitários, com a promessa de um futuro melhor por meio de uma comunicação mais democrática. Entretanto, Adorno e Horkheimer (2002) em sua obra buscaram problematizar o surgimento desses novos meios de comunicação discutindo questões que giram em torno da relação arte e meios de comunicação de massa. Segundo os autores, para estudar os meios de comunicação e sua condição tecnológica é necessário pesquisar a relação desses meios inseridos em sua realidade social e histórica. Ou seja, sempre é preciso ter cuidado com as generalizações. A comunicação e sua dimensão tecnológica devem ser compreendidas e situadas na totalidade histórica na qual está entrelaçado o seu desenvolvimento.

Para os autores, a tecnologia é um fenômeno ambivalente, “não é boa nem má: provavelmente é boa; os males a ela imputados derivam da maneira como é criada, apropriada e desenvolvida pela sociedade”. (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 35). Ou seja, os meios de comunicação de massa poderiam tornar-se poderosas ferramentas de democratização do conhecimento se não fossem atrelados aos interesses econômicos de grupos minoritários. Assim a Indústria cultural não deveria ser motivo de entusiasmo, mas sim vista de forma crítica já que segue a uma lógica sociocultural hegemônica.

De acordo com os autores, apesar de a tecnologia moderna ter provido uma melhoria nas condições de existência de um número maior de pessoas, essa tecnologia

ao mesmo tempo, submete a humanidade a um modo de vida cada vez mais mecânico e anônimo, fato que contribui para um individualismo cada vez maior. Esse pensamento de Adorno e Horkheimer (2002) pode ser revisitado na obra de Wolton (2007) ao refletir sobre o indivíduo em relação às novas tecnologias. Para Wolton (2007), com a Internet entramos na era das “solidões interativas”, o indivíduo sente-se livre de todas as obrigações e regras para com o outro, e o resultado dessa atitude é a completa solidão. (WOLTON, 2007, p.104).

Marcuse (1964), por sua vez, reflete sobre a tecnologia face às relações de poder. Para o autor, a dominação na sociedade moderna se dá mais pela persuasão tecnológica através da fascinação causada por um padrão de vida “moderno”, do que propriamente pela coação. E para essa adesão perpetuada por um o progresso técnico reconciliam-se todas as forças que se opõem ao sistema, não existindo movimentos de resistências, e aos poucos que se opõem às tecnologias recai a designação de um pensamento retrógrado que vai contra o desenvolvimento e o progresso da humanidade. (MARCUSE, 1964, p.16).

Assim como Adorno e Horkheimer (2002), Marcuse (1964) também defende que a tecnologia não pode ser estudada isolada do uso que lhe é dado. Para o autor a utilização desses meios de comunicação refere-se a “um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas” (MARCUSE, 1964, p.19). O racionalismo técnico disseminado e facilmente aceito pela sociedade em geral contribui para um “pensamento unidimensional” com apenas uma forma de vivenciar a sociedade, que se trata da forma dominante e por meio da ascensão das tecnologias. Ou seja:

(...) em virtude do modo pelo qual se organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. (MARCUSE, 1964, p. 25).

Contudo, Marcuse (1964) ao refletir sobre a técnica e seus usos, não levou em consideração as negociações operadas nos processos de usos e apropriações dos setores populares. Para o autor, essa forma de organização da sociedade industrial aprisiona as “criaturas” de forma que são mantidas incapazes de possuírem opinião própria sendo constantemente “doutrinados” e “manipulados”. (MARCUSE, 1964, p. 27).

Segundo os autores a “Indústria Cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 2002), e a “Sociedade Unidimensional” (MARCUSE, 1964) são responsáveis pela crescente alienação das “massas” que aderem e ao mesmo tempo reproduzem o modelo sociocultural dominante.

De fato, nessa pesquisa partilho, em parte, da concepção do autor ao compreender que a tecnologia por si só não é responsável em promover uma comunicação ecumênica, pautada em ideais igualitários. Também estou de acordo que a sociedade marcada pela ascensão das novas tecnologias promove os ideais hegemônicos ligados a uma economia neoliberal capitalista. Contudo, é importante ressaltar que a relação entre tecnologia e usuários, nesse caso em particular, tecnologia e setores populares, não é pautada somente por uma relação de imposições. Existem nesse processo as “táticas” e “estratégias” que se referem aos processos de negociações entre o usuário e o “meio” de comunicação. Se estudarmos esse processo, levando em conta os usuários podemos perceber os diferentes usos e apropriações das TIC que podem variar dependendo de diversos fatores que Martin-Barbero (2003) define como “mediações”. As “criaturas aprisionadas” que supostamente possuem uma “pseudocultura” quando estudados a partir de seus contextos históricos e sociais podem ser transformadas em “usuários” responsáveis pela produção de uma cultura denominada “cultura popular”.

É importante deixar claro que acreditamos que em meio a essa lógica globalizante, existem inúmeras formas de “uso” de um mesmo meio, e desses usos, apropriações distintas são suscitadas. Essas apropriações desencadeiam uma produção silenciosa, astuta, extremamente atrelada a uma cultura local vinculada ao cotidiano do bairro. E é nesse contexto do bairro, já descrito anteriormente, que partimos para investigar a relação internet e seus usuários.

Nesse mesmo contexto (o bairro Granja Portugal) encontrei os diferentes lugares coletivos de acesso à internet. Eles funcionam como intermediadores dessa relação usuários e internet. Esses lugares nasceram de uma exigência global, mas estão inseridos numa dinâmica local. Frequentar esses lugares coletivos de acesso à internet – LAN *house* e Casa Brasil, instalados no bairro Granja Portugal – nos últimos anos, passou a ser uma “prática cultural” entre os jovens do bairro. E para dar conta do objetivo central dessa pesquisa, me concentrarei nestes lugares para compreender a relação jovem e Internet.

É importante ressaltar que esses diferentes lugares - Casa Brasil e a LAN *house* - apesar de fazerem parte de um mesmo “*contexto sócio-histórico*” Thompson(1990), apresentam estruturas físicas e equipamentos técnicos distintos, assim como também rotinas de funcionamento e regras completamente específicas. Tais características de cada lugar serão descritas nos tópicos seguintes.

### 3.3 CASA BRASIL – O LUGAR

O programa Casa Brasil se propõe a combater à exclusão digital. É uma iniciativa do Governo Federal. Inicialmente o projeto era de responsabilidade da Casa Civil em parceria com outras instituições como a Caixa Econômica, CNPq, Petrobrás e

outros. Hoje esse projeto pertence à Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia (SECIS – MCT) com apoio da UnB (Universidade de Brasília) e do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa).



**Figura 5:** Imagem da entrada da Casa Brasil/Granja Portugal

O Projeto inicial buscava promover a cidadania, constituindo-se em política pública transversal, que perpassa diversas áreas do saber. Tinha como proposição o uso intensivo das tecnologias da informação e da comunicação visando capacitar os segmentos excluídos da população para a inserção crítica na Sociedade do Conhecimento, buscando superar e romper a cadeia de reprodução da pobreza.<sup>46</sup> “Os espaços são implantados nas comunidades mais pobres do País, para oferecer a essas populações a inclusão digital, social e cultural, geração de trabalho e renda, ampliação de cidadania, popularização da ciência e da arte”<sup>47</sup>.

Para que cada projeto fosse implantado existiam as seguintes pré-condições:

1. espaço físico de no mínimo 300m<sup>2</sup>; 2. condições mínimas de habitabilidade e

---

<sup>46</sup> Informações estão contidas no Projeto inicial da Casa Brasil disponibilizado no endereço eletrônico: [http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=22&Itemid=67](http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=22&Itemid=67).

<sup>47</sup> Marco Aurélio de Carvalho, coordenador nacional do Programa - Portal da Inclusão Digital.

qualidade ambiental; 3. documentação necessária que garanta a permanência durante três anos; 4. instalações elétricas conforme as especificações técnicas do CGPCB; 5. Comprovação por parte do parceiro estratégico do projeto em promover no mínimo um ano de trabalho comunitário; 6. Comprometimento do parceiro estratégico em manter a identidade visual do projeto; 7. Funcionamento da unidade em áreas de baixo IDH e em espaços laicos. ([www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br)).

O projeto tinha como meta a implantação de 90 Casas Brasil todas junto às comunidades de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), contudo, com base em informações contidas no site, apenas 56 casa foram implantadas. De acordo com o edital, direcionado á implantação dessas 90 unidades, estavam previstos os seguintes custos:

<b>CUSTOS ENVOLVIDOS NO PROJETO CASA BRASIL – 90 UNIDADES</b>	
<b>TABELA GERAL DE CUSTOS DO PROJETO CASA BRASIL</b>	
<b>Descrição</b>	<b>Valor (R\$)</b>
TELECENTRO	R\$ 4.024.900,00
ESPAÇO MULTIMÍDIA	R\$ 2.340.000,00
AUDITÓRIO	R\$ 1.341.000,00
SALA DE LEITURA	R\$ 288.000,00
OFICINA DE RÁDIO	R\$ 450.000,00
LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS E / OU INFORMÁTICA	R\$ 1.260.000,00
BOLSAS CNPq	R\$ 5.793.600,00
DIÁRIAS E PASSAGENS (TRABALHO DE CAMPO)	R\$ 1.244.700,00
CAPACITAÇÃO DOS BOLSISTAS LOCAIS	R\$ 1.819.880,00
CAPACITAÇÃO DOS BOLSISTAS LOCAIS – DIÁRIAS E PASSAGENS	R\$ 1.147.500,00
CAPACITAÇÃO DOS BOLSISTAS ESTADUAIS	R\$ 18.400,00
CAPACITAÇÃO DOS BOLSISTAS ESTADUAIS – DIÁRIAS E PASSAGENS	R\$ 82.350,00
ADEQUAÇÃO E MANUTENÇÃO DA CASA BRASIL	R\$ 3.960.000,00
ATIVIDADES DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO	R\$ 300.000,00
<b>Total (R\$) GERAL</b>	<b>R\$ 24.070.330,00</b>

**Tabela 1:** Planilha de custo do edital final disponibilizado no endereço: [www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br).

Para executar a estruturação de todas as Casas Brasil, o projeto definiu a liberação de recursos de maneira modular. Em algumas unidades a liberação do recurso aconteceu de forma integral, que resultou numa implantação simultânea de todos os módulos. Em outras, a disponibilização do recurso ocorreu de forma parcelada acarretando uma estruturação de equipamentos em etapas.

Cada Casa Brasil deveria ter uma estrutura que pudesse contemplar: Telecentro, Auditório, Sala de Leitura, Espaço Multimídia, Oficina de Rádio, Laboratório da Ciência e Módulos de Representação do Governo Federal. Os equipamentos para o funcionamento desses módulos seriam liberados paulatinamente, conforme a gestão da Casa Brasil local fosse se estruturando.

Para cada módulo o projeto determinou as seguintes formas de funcionamento:

**Telecentro:** Espaço público equipados com computadores ligados à Internet banda larga. Cada unidade contaria com no mínimo 10 e no máximo 20 micro-computadores com *software livre*. As principais atividades dessa unidade seriam: acesso livre e gratuito à Internet, curso de informática básico e curso de informática avançado com oficinas especializadas.

**Auditório:** Uma sala com espaço para, no mínimo, 50 assentos, equipamentos para áudio e vídeo como caixas acústicas, tela de apresentação e canhão de projeção de imagens. Esse espaço serviria para reuniões da comunidade, apresentação de palestras, filmes e demais usos adequados a um auditório de pequeno e médio porte.

**Sala de Leitura:** é um espaço que concentra as doações de livros, revistas, periódicos para a Casa Brasil. Esse espaço foi proposto para a organização de rodas de leitura

visando incentivar este hábito. Também poderá haver organização de encontros de poesias, leituras dramáticas de peças teatrais e textos escolhidos pelos educadores locais. A estrutura da sala de leitura conta com estantes, mesas e cadeiras.

**Espaço Multimídia:** O Espaço Multimídia é uma combinação de oficinas para criação de conteúdo multimídia (gravação e tratamento de áudio e vídeo, oficinas de produção de conteúdo para a rede e programação em linguagens de software livre) e de difusão interna/externa (sala com recursos de áudio/vídeo/web ou oficina orientada à difusão dos conteúdos produzidos nas oficinas do centro). Desta maneira, o Espaço Multimídia se configura como um nó dentro de uma rede, que absorve e difunde conteúdo, interagindo com outros nós da rede. Essas oficinas contemplam: Auditório (Oficina Social); Oficina de Texto; Laboratório Gráfico; Laboratório de Vídeo; Laboratório de Áudio; Laboratório de Rádio; Laboratório de Reciclagem; Laboratório Hacker.

**Laboratório de Informática e Laboratório de Divulgação da Ciência:** O Laboratório de Informática ensina a montagem e manutenção de equipamentos de informática com a função de oferecer à população a possibilidade de conhecer o funcionamento eletro-eletrônico dos equipamentos de informática (hardware). O Laboratório de Divulgação da Ciência são espaços destinados à popularização e disseminação da ciência em todo o território nacional, e possuem a missão de divulgar a ciência através da técnica, da cultura e da arte. As Oficinas de Ciências comportarão atividades direcionadas a popularização da ciência, exposições, experimentos científicos e manifestações artísticas, dependendo da vocação local e do plano para a utilização do laboratório apresentado pelo Parceiro Estratégico.



**Módulo de Representação do Governo Federal:** São espaços disponibilizados para que os diversos órgãos do governo possam desenvolver atividades que venham a atender às necessidades específicas de uma comunidade, ou fazerem-se presentes para implementação de projetos e programas. Isto um suporte estrutural para as atividades as atividades governamentais no bairro.

**Oficina de Rádio:** É um espaço para a capacitação, produção e disseminação de conteúdos em linguagem radiofônica.

Toda essa estrutura foi pensada com base nas premissas da sociedade da informação, já que o foco da estrutura gira em torno da inclusão social por meio de uma inclusão digital.

a Casa Brasil tem como principal objetivo levar conexão e conectividade, privilegiando ações que possam aliar tecnologia à cultura, arte, entretenimento, articulação comunitária e participação popular. As atividades desenvolvidas buscam estimular a cidadania, a apropriação crítica e autônoma e o desenvolvimento local através do acesso livre.

De acordo com o documento que define as diretrizes de funcionamento da Casa Brasil os princípios orientadores devem favorecer a promoção da solidariedade social e política, a construção coletiva, a produção e difusão cultural e científica, e o desenvolvimento social:

O cerne da filosofia do projeto de capacitação do Projeto Casa Brasil é a construção coletiva que a comunidade faz em seu contexto histórico social, econômico e político a expressão da dimensão individual e coletiva – a Unidade na diversidade. Nosso foco portanto não é a transmissão de conhecimento, mas sim a descoberta, a conscientização e o testemunho de vida, valorizando a autonomia a dignidade e a identidade do participante e da comunidade<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> (Documento de diretrizes do Projeto Casa Brasil disponibilizado no seguinte endereço: [www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br)).

No intuito de promover o desenvolvimento local a Casa Brasil, busca em suas diretrizes, frisar que a participação efetiva da comunidade deve ser o centro de funcionamento da Casa. Dessa forma, além do público atendido, os gestores administrativos da instituição devem ser da comunidade.

Para garantir a participação popular e comunitária, um Conselho Gestor, formado em sua maioria por membros da comunidade, organiza a utilização de cada unidade do Casa Brasil. Sendo um espaço público e comunitário, de uso gratuito e de acesso irrestrito, o projeto estimula a apropriação da unidade pela comunidade, transformando-a em espelho cultural do local em que foi implementada, fomentando a gestão participativa e ampliação da cidadania, e fortalecendo a ação da sociedade civil ([www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br), acessado em 04/2009)

Essas características iniciais do programa Casa Brasil me remetem ao conceito de lugar de De Certeau (1994). Para o autor *Lugar* é considerado como a ordem que os elementos se distribuem, é uma configuração instantânea de posições e implica estabilidade. Como projetos urbanísticos, as calçadas, as ruas, as praças. Em contraposição ao lugar está o espaço. Para espaço o autor remete à mobilidade, um lugar praticado, são os percursos traçados pelos pedestres nas ruas que transformam os lugares em espaços. Segundo De Certeau (1994):

O Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programa conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um próprio. (DE CERTEAU, 1994, p. 202).

O relato de um lugar já o transforma em espaço, a rede de relações vivenciada numa determinada estrutura transforma esse lugar num espaço. Assim um determinado lugar pode abrigar inúmeros espaços isto é “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (MERLEAU-PONTY apud DE CERTEAU, 1994, p.

202). O autor ao analisar o espaço urbano traz nas entrelinhas esses conceitos. Para ele a cidade foi projetada para ser um espaço do próprio, que estabelece uma não-temporalidade e cria um sujeito universal, globalizado e anônimo. Contudo, quando essa cidade “se urbaniza” ela passa a ser o “não pensado” de uma tecnologia e a “cidade-conceito” se transforma num lugar de apropriações, de trajetórias, do não planejado, entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico<sup>49</sup>. Assim a Cidade um *lugar* planejado quando habitado e apropriado transforma-se em *espaços*. Os seja, o lugar de De Certeau é compreendido como planejamentos, regras, construções e estruturas físicas pré-habitadas. Já os *espaços* acontecem quando essas estruturas são habitadas, apropriadas e muitas vezes transgredidas e de forma silenciosa podem transformar o lugar.

O programa Casa Brasil quando planejado, com suas normas, diretrizes, poderia ser considerado um lugar. Ao ser executado dentro de um contexto, ele foi ganhando outra forma, se adaptando a realidade local. Nem todas essas características iniciais, que estavam presentes no projeto inicial, foram postas em prática. No meio do caminho muitas mudanças aconteceram, outras modulações precisaram ser feitas para que, em cada realidade, o projeto pudesse funcionar. Acompanhei a Casa Brasil Granja Portugal desde o início do ano de 2009 e pude perceber que sempre existiram incoerências entre o projeto inicial e a prática.

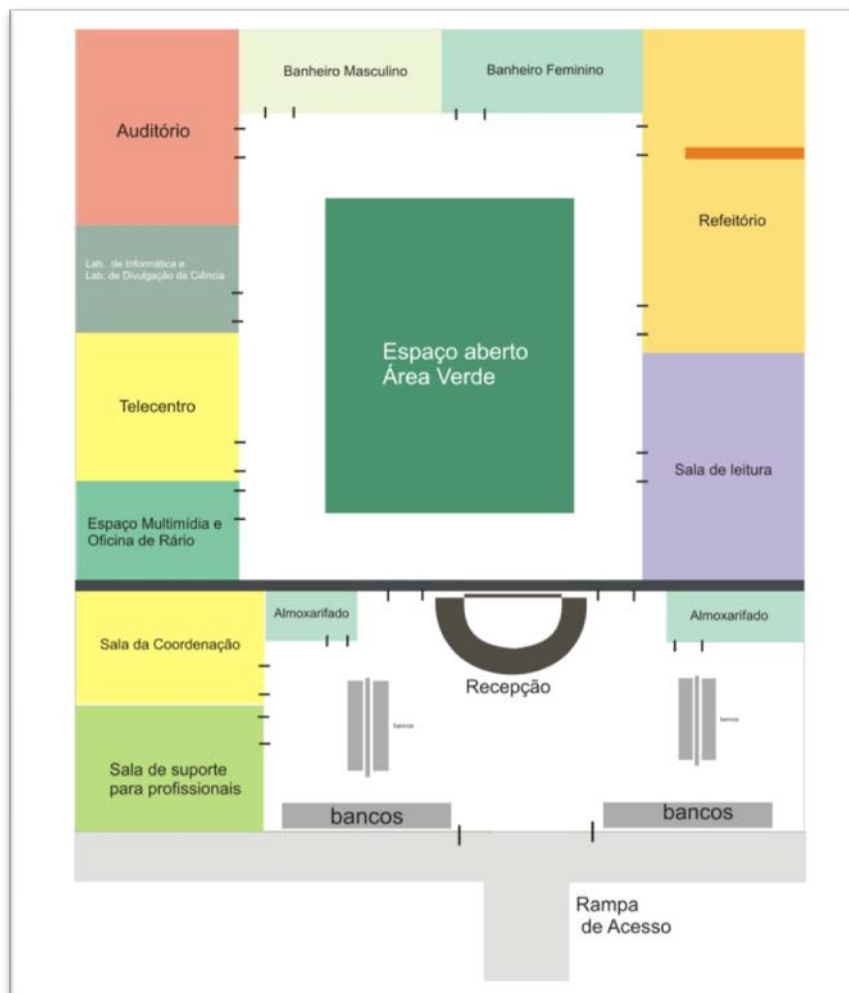
### **3.3.1 A Casa Brasil/Granja Portugal**

A Casa Brasil abriu suas portas no bairro Granja Portugal em agosto de 2007. O prédio da instituição foi efetuado pela Prefeitura de Fortaleza que construiu

---

<sup>49</sup> Panóptico é um conceito utilizado por Foucault na obra *Vigiar e Punir* a respeito da sociedade disciplinar. Está relacionado a um poder dominante, vigilante e controlador.

uma estrutura ampla e arejada com salas adequadas para receber cada módulo do projeto que foram disponibilizados da seguinte maneira:



**Figura 6** – Demonstração da Planta baixa da Casa Brasil (planta ilustrativa)

Na Casa Brasil Granja Portugal a estrutura completa não foi disponibilizada. Alguns módulos só foram contemplados com equipamentos no final do projeto, outros receberam apenas parte do material definido no projeto inicial. O Telecentro desde a implantação do projeto recebeu 16 computadores e internet banda larga, funcionava basicamente com os cursos de informática. A Sala de Leitura foi estruturada, com mesas e cadeiras, mas o acervo de livros é muito limitado. O Auditório foi contemplado com os assentos, mas os equipamentos para áudio e vídeo como caixas acústicas, tela de

apresentação e canhão de projeção de imagens não estava presente durante minha pesquisa na instituição. O Laboratório de Informática foi estruturado e funcionou com o projeto Casa Brasil até final de 2008 com o curso de montagem e manutenção de computadores – *Metarreciclagem*. O material de Oficina de Rádio e Espaço multimídia não havia sido disponibilizado até o final de 2010.

Como indicado anteriormente, minhas visitas à instituição começaram no início de 2009, ano em que o projeto inicial da Casa Brasil passou por sérias discontinuidades, chegando inúmeras vezes a atrasar o pagamento dos bolsistas que ensinavam e coordenavam a instituição. Assim, minhas vivências nesse lugar foram acompanhadas de constantes quebras de rotina, evasão dos alunos e depreciação da estrutura.

Diante desse quadro institucional retomo a discussão do início desse capítulo sobre a Sociedade da Informação, que marca a contemporaneidade - principalmente entre os países ditos “em desenvolvimento” - com um sentimento de emergência em aderir às Novas Tecnologias. O projeto Casa Brasil é um retrato desse imperativo em prol da informatização da comunicação, pois foi pensado, projetado e estruturado (mesmo que parcialmente) para atender a uma demanda global por informatização. Essa estruturação demandou um alto investimento das iniciativas públicas. Na prática esse projeto na Granja Portugal apresentou sérios problemas em relação a sua manutenção, resultado de ações impulsivas que não primam pela sustentabilidade.

Esse mesmo imperativo pode ser facilmente encontrado nos discursos que giram em torno das propostas de Inclusão Digital, no Livro Verde. Esse Livro foi produzido no ano 2000, com o tema Sociedade da Informação no Brasil. A publicação apresenta o quadro atual do país, em relação às novas Tecnologias da Informação e

Comunicação. Com base nesses dados o livro propõe ações no intuito de alavancar questões relativas ao acesso à internet. Segundo o Livro Verde (2000, p.5):

O Brasil dispõe dos elementos essenciais para a condução de iniciativas nacionais rumo à Sociedade da Informação. E a emergência desse novo paradigma constitui, para o Brasil, oportunidades sem precedentes de prestar significativa contribuição para resgatar sua dívida nacional, alavancar o desenvolvimento e manter uma posição de competitividade no cenário internacional”. (2000, p. 05).

Como esse material foi elaborado há dez anos, podemos visualizar ações governamentais materializadas em diversos programas em prol da corrida à informatização. No Brasil existem hoje cerca de 80 programas de Inclusão Digital<sup>50</sup>. Foram desenvolvidos diversos sistemas operacionais, denominados serviços e-gov<sup>51</sup> que disponibilizaram para a população diversos serviços on-line, como impressão de boletos bancários, cadastros, e consultas em geral. Mas a exemplo do projeto Casa Brasil, e de tantas escolas públicas que receberam equipamentos de informática<sup>52</sup>, essas estruturas, (por diversos motivos que não cabem nos limites dessa trabalho), não são utilizadas de forma adequada evidenciando assim “o superdesenvolvimento tecnológico e o nosso subdesenvolvimento institucional e social”. (CASTELLS, 2003, p. 229).

Martin-Barbero (2003) contribui com essa reflexão indicando que os países que desenham e produzem essas tecnologias de comunicação depositam na

---

<sup>50</sup> Informação coletada no site do ONID(Observação Nacional de Inclusão Digital) – [www.onid.org.br](http://www.onid.org.br) ( acessado em 24/02/2010).

<sup>51</sup> Conjunto de operações *on-line* que interliga diversas instituições vinculadas ao Governo Federal como: Caixa Econômica Federal, todos os Ministérios, Receita Federal, Polícia Rodoviária Federal dentre outros..Informação coletada no Portal de Inclusão Digital do Governo Federal – [www.inclusaodigital.gov.br](http://www.inclusaodigital.gov.br). (Acessado em 24/05/2010).

<sup>52</sup> Essa situação é vivenciada pela escola municipal Martins Filho, no bairro Granja Portugal. Equipada com laboratórios de informática com 20 computadores, a escola não disponibiliza acesso à internet aos alunos fora do horário de aula, ou mesmo sem a vigília de um monitor. Segundo a direção da escola os alunos “não têm educação” o suficiente para utilizar o equipamento sem causar danos à estrutura. Esse fato me faz questionar, se os alunos não estão preparados para receber tal estrutura, então não existem motivos em investir nesses equipamentos antes de educá-los para recebê-los.

informatização a expectativa de um grande salto qualitativo representando uma nova etapa no processo contínuo de aceleração da modernidade, no qual nenhum país poderá estar ausente sob pena de morte econômica e cultural. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.181). Para o autor, na América Latina esse processo de imposição tecnológica aprofunda cada vez mais o descompasso entre a máscara de modernização com interesses transnacionais e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural.

Informatizem-se ou morram, nos gritam as transnacionais (...) o capital em crise necessita vitalmente descentralizar o consumo informático – nos vemos obrigados a nos deixar civilizar, modernizar a nos deixar salvar. Só que desta vez a modernização nos fará entrar nesse processo definitivo da simulação generalizada que a informatização implica como novo equivalente geral, como novo valor tanto da economia política como da economia cultural (MARTIN-BARBERO,2003, p.180).

De fato, o surgimento da Casa Brasil está atrelado a essa demanda por informatização dos países “em desenvolvimento”. Foi planejado segundo especificações explanadas no tópico anterior. No decorrer do tempo essa instituição foi se moldando de maneira diferente do planejado, isso se deu tanto em relação aos recursos disponibilizados, como também em relação às demandas da comunidade.

A Casa Brasil quando instalada num bairro de periferia foi ganhando uma nova configuração. Essas outras perspectivas foram traçadas pelos jovens que fazem o curso de informática, pelos funcionários que pertencem ao bairro, pelos diversos grupos organizados do bairro que utilizam a estrutura da instituição para funcionar, assim como também pelas iniciativas de outros projetos que funcionavam na Casa Brasil/Granja Portugal.

Algo que acontecia frequentemente era a utilização da estrutura da Casa Brasil por diversos grupos organizados do bairro. Por exemplo, o SOLIART, grupo de

mulheres artesãs em economia solidária, a sede do grupo estava situada em frente à Casa Brasil. Em muitos momentos presenciei reuniões dessas mulheres acontecendo na Sala de Leitura, algumas vezes elas contavam com a ajuda de bolsistas da instituição para imprimir arquivos e enviar e receber e-mails. Outro grupo muito presente na instituição era o *hip hop* que também utilizava a Casa Brasil para se reunir. Acontecia também na instituição as reuniões e ensaios dos grupos ditos de “expressão cultural”, capoeira, teatro e dança.



Grupo	Dias	Horário	Sala
Hip-Hop	Seg, Qua e Sex	18:00 à 20:00	Refeitório
Capoeira	Ter e Qui	18:00 à 20:00	Refeitório
Swinguetra	Seg e Qua	18:00 à 20:00	Teatro
Forró	Seg, Qua e Qui	19:00 à 20:00	Sala de Dança
Kong-fu	Ter e Qui	18:00 à 20:00	Sala de Dança
Teatro	Sabado	14:00 à 20:00	Teatro

**Figura 7:** Informativo dos horários dos grupos de dança

Além dos grupos organizados do bairro, a Casa Brasil Granja Portugal realizava parcerias com outros projetos que funcionavam na instituição. Esse é o caso do PRONASCI<sup>53</sup>, do curso de programação de computadores PROINFOR<sup>54</sup>, do SENAC e do curso de criação de *websites*<sup>55</sup>.

A presença desses diversos grupos do bairro, junto ao projeto Casa Brasil (que mesmo com irregularidades continuava acontecendo), somado às atividades dos

<sup>53</sup> Projeto do Ministério da Justiça – Governo Federal.

<sup>54</sup> O PROINFOR é um curso financiado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico - Prefeitura de Fortaleza.

<sup>55</sup> O curso criação de *websites* pertencia ao Centro Cultural do Bom Jardim.

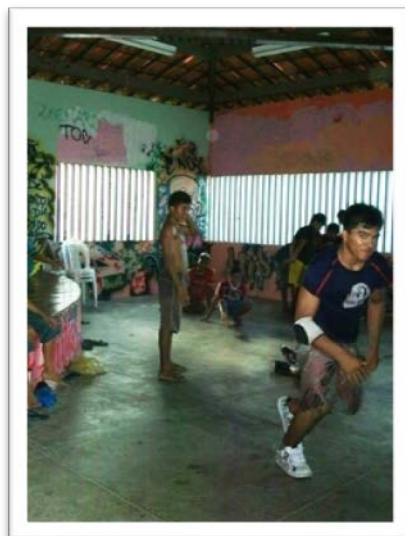


outros projetos parceiros tornavam a rotina da Casa Brasil intensa, embora irregular. Acompanhando o cotidiano dessa instituição pude vivenciar na prática a noção de *lugar* e *espaços* e compreendendo como um mesmo lugar pode se tornar inúmeros espaços a partir dos usos e apropriações.

O Auditório possui um excelente espaço físico, *lugar* projetado estrategicamente para reuniões da comunidade, apresentações, palestras e filmes, ganha mais uma dimensão em suas possibilidades de uso, a dança. Esse espaço é intensamente utilizado pelos garotos do *Break* que usufruem dele para ensaiar os seus números de dança de rua. Outros grupos também usam esse lugar, como é o caso dos grupos de capoeira e teatro. Durante as atividades do PRONASCI as aulas de percussão também acontecem no auditório. Essas diversas formas de usar esse lugar, transforma-o em muitos espaços.



**Figura 7:** Enquanto esperavam a próxima aula do curso de informática se reuniam no auditório para conversar e passar o tempo



**Figura 8:** Grupo de *Hip Hop*

O Laboratório de Informática funcionou com oficinas para consertos de computador denominado de *Metareciclagem* até o final de 2008. De acordo com depoimento de funcionários da Instituição registrado em DC, essa oficina recebia computadores sem funcionar, consertava e doava para a comunidade. Assim, além de favorecer o aprendizado técnico de *Hardwares*, contribuía para uma possível inserção digital no bairro. Contudo não pude acompanhar tal atividade, pois a oficina parou de funcionar no ano que iniciei a pesquisa de campo. No início de 2009 esse laboratório passou cerca de seis meses sem funcionamento. No segundo semestre o PRONASCI começou a funcionar na Casa Brasil e implantou nesse laboratório outro curso de montagem e manutenção de computadores. No final do ano de 2010 esse laboratório também passou a ser utilizado pelo PROINFOR duas vezes por semana.

Em frente ao auditório, existe um espaço reservado para um refeitório que até então não havia sido estruturado com equipamentos de cozinha. No final de 2009, as atividades do PRONASCI ocuparam esse espaço com as aulas de violão. A estrutura fria, vazia transformava-se, naquele intervalo de tempo, num *espaço* de música.

A Sala de Leitura, segundo relato dos funcionários da instituição registrado no DC, quando o projeto Casa Brasil ainda estava em vigor, esse módulo costumava receber alunos da escola pública para realizar rodas de leitura. Ao finalizar as atividades do projeto inicial era comum encontrar essa sala ocupada com reuniões dos mais diversos projetos e grupos: o PRONASCI utilizou a sala para realizar a atividade Mulheres da Paz, o SENAC realizou um curso profissionalizante, a SOLIART também utilizou algumas vezes para reuniões. Esse módulo reservado para leituras foi aos poucos sendo apropriado pela comunidade transformando-se, assim em sala de reuniões.

Os equipamentos da Sala de Multimídia e Laboratório de Rádio, unidades que incentivariam uma produção conteúdos comunicacionais para a comunidade, até primeira metade do ano de 2010 não haviam sido disponibilizados pelo projeto. Por volta do mês de agosto, a Casa Brasil Granja Portugal recebeu o equipamento, mas no mês seguinte o equipamento foi roubado da instituição. Fato imprevisto que modificou completamente o uso desse lugar. A sala que havia sido reservada para esse módulo era ocupada todas as segundas e quartas com aulas de dança do PRONASCI, até então essa foi a única utilidade dada àquela sala vazia.

Com exceção do telecentro, durante minha permanência em campo, todos os módulos da Casa Brasil Granja Portugal estavam funcionando com atividades de outros projetos, fato que deixa bastante claro a abertura da Casa para abrigar outras iniciativas. Mas também o distanciamento de seus objetivos específicos no campo da inclusão digital.

O telecentro foi o módulo da instituição que mais acompanhei e sem dúvida esse é o mais utilizado na Casa Brasil Granja Portugal. Foi devidamente estruturado de acordo com o projeto inicial, com internet banda larga, 16 computadores com

equipamentos básicos(teclado, monitor, mouse, CPU) – com sistema operacional Linux. Na época da investigação pude perceber que esses computadores já estavam obsoletos, e alguns já estavam quebrados. Mesmo em condições precárias e com discontinuidades o telecentro resistiu funcionando com o projeto Casa Brasil até junho de 2010. Nesse módulo foi possível acompanhar, de fato, as atividades do projeto inicial e como ele foi sendo desenvolvido dentro daquela realidade.



**Figura 9:** Fotografia do Telecentro no horário da aula de informática

No início de 2009, época que somente o projeto Casa Brasil funcionava no telecentro, aconteciam, exclusivamente, cursos de informática: básico e avançado. Nessa época não existia nenhum horário voltado ao acesso livre, pois as turmas dos cursos ocupavam todos os horários do módulo até às 20h. Essa forma de funcionamento do módulo rompe com uma das principais diretrizes do projeto: “o acesso à internet gratuito e ilimitado” ([www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br)). Segundo os funcionários da Casa Brasil (registrado em DC), o motivo para não haver essa disponibilidade de acesso livre é a forte demanda da comunidade, principalmente entre os jovens, para cursos de informática.

Durante acompanhamento do Curso de informática básico – curso que abrange a maioria dos alunos da Casa – percebi que o acesso à Internet quase não aconteceu. Somente no curso avançado os alunos começam a ter um contato mais próximo com a rede. O curso de informática básico, segundo depoimento de alguns alunos participantes registrado no Diário de Campo (DC), tornava-se cansativo, pois ensinavam comandos muito primários como, por exemplo, ligar um computador, salvar um arquivo, operações já bem executadas por eles. Com base no acompanhamento das aulas desse curso percebi a lentidão e deficiências do processo metodológico - os professores passaram seis aulas com atividades de digitação. Após várias aulas de conteúdos básicos, sempre com ênfase na importância do Software livre, os professores começavam a transmitir informações sobre a grade de programas básicos do Linux, o “*open Office*”. Tal metodologia aplicada nos cursos tornava-se cansativa no decorrer dos quatro meses fazendo com que grande parte da turma se evadisse. Por exemplo, no primeiro semestre de 2010 as turmas começaram as aulas com uma média de 16 alunos por turma, no final do curso as turmas contavam com uma média de 7 alunos, isto é mais de 50% dos alunos desistiram no meio do caminho. De acordo com depoimento de um dos alunos, que desistiu do curso de informática básico:

Ah! Porque informática básica o professor ensinava o básico do básico, ensinava só fazer pasta. Fala sério quem não sabe fazer uma pasta. Aí esse é bem avançado e o outro não. E o professor é muito legal o Renan, ele deixa a gente entrar na internet e o outro professor não deixava. Ele queria atenção exclusivamente pra ele, não dava tempo pra gente entrar na internet, e ensinava besteira, coisa que eu já sabia. (Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Esse tipo de abordagem metodológica deixa claro que o avanço da tecnologia não foi acompanhado pelo modelo pedagógico adotado pelo projeto. O projeto Casa Brasil que possui em seu discurso objetivo primordial a inclusão

social/digital por meio da apropriação crítica e do “empoderamento” da juventude diante da internet, na prática resumiu as suas atividades em cursos de informática profissionalizantes onde os professores, diante de inúmeras possibilidades, reproduzem um modelo tradicional da educação formal de transmissão de conhecimento.

Durante minha permanência no telecentro tive a oportunidade de realizar entrevistas em profundidade com alguns bolsistas que atuavam na instituição como professores dos cursos de informática e coordenadores. Com base no discurso de alguns bolsistas pude perceber que a instituição Casa Brasil dentro da realidade do bairro é percebida como um caminho para se chegar ao mercado de trabalho. Nessa perspectiva, inclusão digital e social acaba sendo compreendida como sinônimo de formação profissionalizante.

Olhe, em relação à informática pra eles, na minha concepção, eu não cheguei a conversar diretamente com eles sobre isso. Mas o que eu observo é que todos os alunos do curso, que tem curso comigo. É que eles...eles vislumbram isso de uma forma mais...é...é...a curto prazo...a curto prazo. Eles não acham que o mercado é impossível pra eles. (Entrevista em profundidade com bolsista 01 da instituição).

Aqui não só se oferece projeto Casa Brasil, na Granja Portugal, que é um projeto de inclusão digital, ele acaba não sendo só de inclusão digital, ele acaba sendo de inclusão sócio-digital e cultural, porque a Casa Brasil daqui da Granja Portugal, a gente tem parcerias com várias...temos parcerias com vários outros projetos, que esses projetos acabam que facilitando o meio de como se chegar ao jovem para ele também ingressar no mundo do trabalho no mundo, da, da, da,... Digitalização”. (Entrevista em profundidade com bolsista 02 da Casa Brasil Granja Portugal.)

Elementos associados ao fortalecimento da identidade local ou mesmo a uma apropriação crítica, não foram mencionados em nenhum momento pelos bolsistas. Outro fato interessante é que quando os bolsistas, professores e coordenadores da instituição ressaltam qual a diferença entre os jovens que frequentam a Casa Brasil e a LAN *house*, trazem como fator principal a questão do conhecimento aliado à

tecnologia, ou seja ressaltam que os alunos da Casa Brasil têm a consciência da importância da tecnologia, sabem como funcionam. Contudo não trouxeram em nenhum momento questões que envolvessem aspectos culturais ou identitários do jovem usuário:

A gente sabe que a juventude hoje já conhece o computador, mas não conhece a ferramenta software livre. E isso é muito bom, hoje o projeto Casa Brasil é um marco, é uma coisa muito boa. Por quê? Porque vai fazer com que o jovem não se... Não fique voltado somente pro software proprietário, aquele software que ele vai ter que usar o pirata, né. Então ao invés de ele usar o pirata, ele usa o software livre e fica com mais conhecimento, ele acaba adquirindo mais conhecimento do que o normal. (Entrevista em Profundidade com bolsista 02 da Casa Brasil.)

Eles conseguem sim nos cursos, pelo que é disponibilizado, pra eles, principalmente aqui comigo ou em qualquer outro espaço, eles conseguem ver que a informática na vida deles é muito mais importante, e que o mundo, a tendência do mundo é mudar completamente tudo pra informática. Ele já está mudando na verdade. Hoje em dia, Se você for ver bem aqui no Grande Bom jardim, 90% da população tem celular, isso não quer dizer que eles não estejam enquadrados no mundo da tecnologia. O celular faz parte do mundo da tecnologia a palavra de ordem hoje em dia é estar conectado. Ou ta todo mundo conectado ou querendo se conectar. Mas enquanto eles vão à LAN house eles não percebem isso. Eles não percebem que um celular tem toda uma tecnologia investida por trás. Tem várias funções que eles podem aprender. Eles só utilizam apenas utilizam um celular pra uma função específica, pra bater foto ou pra conversar...mas não param pra pensar como é que aquilo foi feito, como é que aquilo, como é que foi construído. Qual o programa que ta rodando ali que permite fazer aquilo. Os meninos do curso não, eles já tem essa visão. (Entrevista em Profundidade com bolsista 01 da Casa Brasil).

Assim, os bolsistas acreditam o principal diferencial do jovem que acessa à internet na Casa Brasil, é a vasta compreensão dos sistemas operacionais, e o conhecimento das novas tecnologias em ascensão. Em nenhum momento relatam que partindo do uso e apropriação das novas tecnologias é possível “transformar e realidade” ou o “desenvolvimento local” (site Casa Brasil - [www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br)) Essa experiência na Casa Brasil retrata a falta de estruturação do país para promover uma inclusão social por meio da inclusão digital. No papel, o projeto se mostrava promissor, na prática, junto à comunidade, as deficiências se mostraram mais fortes,

capazes de comprometer completamente o funcionamento do projeto e de torná-lo questionável quanto a sua real função junto aos bairros de periferia.

E os questionamentos quanto à política de inclusão digital realizada no Brasil – apesar de essa pesquisa estar centrada na instituição Casa Brasil– se estendem a muitas outras ações. Inclusive, o próprio processo de ampliação das políticas de inclusão no país é permeado de incoerências. Hoje existem cerca de 5.500 telecentros cadastrados no ONID (Observatório Nacional de Inclusão Digital). Esses estão distribuídos entre 5.552 municípios. Os estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro acumulam 56% de todos os telecentros do Brasil. Ou seja, 1/6 dos estados brasileiros possuem 3080 telecentros, enquanto que o restante do país, 22 estados, possuem 2420 centros de internet gratuita. No Ceará estão apenas 4,2% que correspondem a 226 salas coletivas de Internet gratuita. Por meio desses números a percepção da distribuição desigual da tecnologia na realidade brasileira fica mais nítida. Tais porcentagens me levam a questionar a concepção universalista da Sociedade da Informação que idealiza a participação igualitária de todos na “inteligência coletiva”, já que esses mesmos ideais, quando transformados em política pública de inclusão, não conseguem promover, efetivamente, uma distribuição equilibrada em todas as regiões brasileiras, o que possivelmente venha a gerar novas desigualdades.

De fato, discutir sobre questões referentes à Inclusão Digital no Brasil me remete a muitos outros questionamentos, não somente em relação à distribuição de Programas no Brasil, mas também relacionados à metodologia utilizada nesse programa para incluir digitalmente e como, de fato, está acontecendo o uso e apropriação desses programas e das TIC. Para que haja uma compreensão mais ampliada sobre esse aspecto trataremos a seguir as considerações de alguns autores acerca dos processos de Inclusão Digital dos setores populares.



### 3.3.1.1 Os desafios para se estudar a Inclusão Digital no Brasil

Nazareno (2006), em seu livro *Tecnologias da Informação e Sociedade*, conceitua Inclusão Digital “como um processo de alfabetização tecnológica no qual estão incluídas as iniciativas de políticas governamentais e não governamentais para a implementação das Sociedades da Informação entre as classes menos favorecidas”. (NAZARENO, 2006, p.07). Essa conceituação tem como principal dado o direcionamento desses programas para classes populares, mas ainda é muito restrita para justificar o forte investimento na implementação desses programas. Sorj (2003), por sua vez, defende a Inclusão Digital e Social como uma ação que ofereça aos beneficiados condições de autonomia, habilidades técnicas para manipular um computador e navegar na Internet, assim, o usuário deve compreender as possibilidades da sociedade informacional. A Inclusão é tida, dessa forma, como a liberdade de utilização e apropriação de conteúdos, criando condições para o desenvolvimento do pensamento crítico, autônomo e criativo em relação às TICs.

Acreditamos que de fato o acesso à Internet abre possibilidades para a inclusão social, como pensa Silveira (2001, 2001, p.17): “As oportunidades para os incluídos no processo de informatização serão maiores do que os que vivem no *apartheid* social”. Porém, os desafios que giram em torno dos programas de Inclusão Digital vão além da disponibilização de acesso, relacionando-se também com seus usos e apropriações.

Segundo Cazelloto (2008), a estratificação social sempre existirá no contexto informacional, pois sempre serão lançadas tecnologias cada vez mais inovadoras que darão continuidade às disputas de poder. No campo do trabalho, o autor

não acredita na diminuição do desemprego, nem das hierarquias existentes dentro de uma instituição. Na concepção do autor, a mudança irá ocorrer somente na estrutura técnica, permanecendo inalteradas as estruturas sociais.

Podemos interpretar a forma da expansão da cibercultura como hierarquização entre uma elite encarregada de gerir(...)e uma massa subalterna de atores dedicados às tarefas rotineiras e repetitivas as quais constituem a parte menos criativa( e menos remunerada) dos produtos com apelo simbólico. Além disso, há uma periferia crescente de excluídos (...) que não se enquadram a nenhuma dessas duas grandes categorias: são aqueles que Bauman denomina “redundantes” e sobre as quais Baudrillard afirma não constituírem mais o exército industrial de reserva, uma vez que sua condição de desemprego não é mais percebida como passageira , por que já se tornou estrutural. (CAZELLOTO, 2008, p. 115).

Para o autor, embora a internet se apresente com um discurso democrático, tem-se que levar em consideração que esse meio nasce dentro de um sistema que visa o lucro, a concentração de poder, o dinheiro e o conhecimento nas mãos de uma minoria. Porém, vale ressaltar que, embora a internet tenha nascido sob a lógica capitalista, acreditamos, assim como Silveira (2001), que ela pode e deve ser democratizada. A Inclusão Digital é apenas um pequeno passo, mas é vital que ele aconteça. Mesmo em ritmo mais lento, setores de menor poder aquisitivo poderão ter mais oportunidades através da Internet. Nessa direção, o acesso precisa ser orientado com a finalidade de transformar o dilúvio informacional, obtidos na navegação, em conhecimento. Contudo incluir digitalmente não se resume a disponibilização de estrutura técnica, ações mais frequentes dentre as políticas públicas brasileiras, mas contempla, antes de tudo, métodos adequados que impulsionem ações emancipadoras dentro da rede.

Essa discussão sobre inclusão digital foi reavivada recentemente, no início de 2011. A atual gestão do governo federal criou uma da Secretaria de Inclusão Digital atrelada ao ministério das Comunicações. Esse órgão tem como meta realizar a “distribuição” de internet banda larga para todo o país. Com essa atitude o atual

governo deixa claro que sua visão de inclusão digital está restrita, essencialmente, a distribuição de estrutura técnica.

O pensamento de Silveira (2001) está em sintonia com o de Levy (1999) quando entendem que o acesso deve ser para todos, mas não se deve entender esse acesso como uma simples conexão, e sim como uma forma de participar dessa inteligência coletiva que ocupa o ciberespaço como um sistema aberto de “autocartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca e de livre navegação dos saberes”. (LEVY, 1999, p.196). Para isso, a conexão deve ser acompanhada de ações educativas, para que funcione como força motriz de transformações sociais.

Sorj (2003) destaca que, “embora as novas tecnologias não sejam uma panacéia para os problemas da desigualdade, elas constituem hoje uma das condições fundamentais da integração na vida social”. (SORJ, 2003, p.14). Assim, a promoção da Inclusão Digital deve ser aliada a outras políticas contra as desigualdades sociais.

A sociedade informacional existe e está presente no dia a dia de milhões de pessoas. Segundo Fragoso (2000) o advento dessas novas tecnologias modificaram não somente as organizações sociais, econômicas e políticas, mas principalmente os modos de perceber, pensar e agir sobre o mundo e a própria condição humana. “Os modos de ser e pensar sobre nós mesmos e sobre o mundo influenciam e são influenciadas pela disponibilidade e configuração das novas tecnologias”. (FRAGOSO, 2000, p. 2). Ou seja, traduzir a inclusão digital em inclusão social não está unicamente associada à inserção no mercado de trabalho. Incluir digitalmente é permitir a todos a possibilidade de participar da construção de olhares sobre o mundo.

Ao contrário da concepção de inclusão digital, percebidas em algumas políticas públicas e fortalecidas durante os cursos na Casa Brasil, Sorj (2003), compreende que a Inclusão digital só acontece com uma apropriação crítica do universo digital, que venha a fortalecer a cidadania e a cultura local. Com base na concepção do autor questiona-se a metodologia aplicada nos cursos de informática da Casa Brasil como promotora de *apropriações críticas*. Contudo, apesar de o programa não ter seguido como o planejado, seria precipitado afirmar que o programa no bairro Granja Portugal não desempenhou nenhum papel de inclusão digital/social.

A reflexão sobre a concepção de inclusão digital nos contextos periféricos requer uma compreensão mais aprofundada verificando como os usuários, que vivem numa realidade difícil de exclusão social, se relacionam com essa espacialidade virtual, o ciberespaço, e como as integram em seus contextos. Dessa forma não basta somente identificar as regras e normas de uma instituição, mas considerar os usos e apropriações da internet pelos jovens.

### **3.3.2 Vivências na Casa Brasil**

Durante minhas vivências na instituição percebi que um programa como a Casa Brasil quando instalado na periferia, como é o caso da Granja Portugal, passa a fazer parte do cotidiano daquele bairro. Assim essa instituição passou a ser “modelada” tanto de seus usuários como também do território que estava inserida.

Essa percepção acerca dessa Casa Brasil me remete à definição de espaço de Santos (2009). O autor define espaço como a soma da materialidade mais a vida que a anima, ou seja, o espaço “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente

mas como quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, 2009, p.63). Esse sistema de ações pode ser categorizado em três tipos: Agir técnico, formal e simbólico. O Agir técnico é mobilizado por interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal que supõe a obediência de normas e regulamentos daquele espaço. E o agir simbólico, ao contrário das duas formas de agir anteriores não são racionais. Esse último “agir” se confunde com as formas culturais de apropriação e utilização da técnica.

O conceito de *espaço* de Santos está mais próximo ao que Thompson (1990) identifica como as “características sócio-históricas do contexto de recepção” que como já descrevi anteriormente é o momento da pesquisa em que o investigador deve estar atento ao lugar onde acontece a relação do usuário com o meio de comunicação e todos os elementos estruturais, normativos e cotidianos. Ou mesmo sobre o que Martin-Barbero(2008) denomina de *Cotidianidade Familiar* (MARTIN-BARBERO, 2008, p.297) que, como já discorri na metodologia, trata-se também da mediação do *espaço* onde acontece alguma forma de relação primordial entre o usuário e o meio. Assim Santos conseguiu trazer uma noção do conceito de espaço mais apropriada para essa pesquisa, já que não pretendo dar conta somente do agir simbólico, mas também do agir técnico e normativo.

Segundo Santos (2009), no cotidiano, existe a ordem da técnica e a ordem da norma que se impõem como dados, mas por outro lado existe a ordem do simbólico que é imprevisível tornando-se uma força de transformação e mudança, de surpresas e de recusa ao passado. Ao investigar um lugar deve haver a consciência que a estrutura física, as normas e as técnicas são inseparáveis do agir simbólico. Por isso, tendo a consciência dessa constante fusão que acontece entre a *tecnosfera*<sup>56</sup> e a *psicosfera*<sup>57</sup> trarei a seguir algumas experiências na Casa Brasil/Granja Portugal.

---

<sup>56</sup> Termo ligado à conceituação de sistema de objetos. (SANTOS, 2009, p. 22).

<sup>57</sup> Termo ligado à noção de sistema de ações. (SANTOS, 2009, p. 22).

Em 2009 todas as Casas Brasil no cenário nacional entraram em crise. Algumas fecharam suas portas e deixaram de funcionar. A Casa Brasil Granja Portugal, porém, permaneceu funcionando, mas com sérias restrições como, por exemplo, o atraso de 9 (nove) meses da bolsa dos professores do curso de informática. Em minhas visitas à instituição, pude perceber a luta diária da instituição para permanecer funcionando.

No início de 2009 as aulas do curso de informática ainda estavam acontecendo, tanto o curso de informática básico como o curso avançado, mas já nesse período percebi que a instituição passava por dificuldades, pois alguns professores já se queixavam pelo atraso da remuneração. Apesar de ter sido inaugurada no ano de 2007, percebia em 2009 traços de abandono e precariedade como: os banheiros que passaram dois anos com vazamento sem verba para conserto, os computadores do telecentro sem manutenção constante, falta de segurança dos bolsistas e alunos dos cursos. Fatos que afastavam muitos alunos da instituição antes da finalização do curso, ou mesmo que os faziam esvaziar os horários que funcionavam durante a noite. Outra consequência relativa a essa postura, era a falta de expressividade que a instituição possuía dentro do bairro. Muitos jovens que frequentavam a LAN *house* não sabiam, sequer, da existência desse programa de inclusão.

É importante ressaltar que essas precariedades existiam não só por falta de recursos, mas também por falta de cuidado com a estrutura. Falta de cuidado que era atribuída, por parte dos funcionários, aos jovens que frequentavam o lugar. Devido a isso existia uma relação de contínua desconfiança entre os profissionais e os alunos. Os banheiros eram trancados e o telecentro só poderia funcionar com acompanhamento de monitores. Essa relação entre os formadores e os alunos é comum em quase todas as instituições de ensino público, inclusive nas escolas. Com essa atitude os educadores

descredibilizam o tipo de formação que dão aos seus alunos. Os alunos, por sua vez, retribuem a esse descrédito com atitudes de descuido e de falta de responsabilidade com os espaços e suas estruturas.

No segundo semestre de 2009 a situação se agravou. Os professores, por falta de pagamento, interromperam as aulas sem finalizar o conteúdo. Segundo relato de professores registrado em DC as aulas pararam para pressionar a prefeitura de Fortaleza responsável pelo pagamento de parte da bolsa. A outra parte era responsabilidade do CNPQ que estava cumprindo com o combinado. Nessa época, primeira metade de 2009, somente os cursos de informática funcionavam devido a isso, a Casa Brasil parecia estar o tempo inteiro vazia, já que as outras salas, durante o dia, estavam sem utilidade. Fora do telecentro, circulavam nos corredores apenas os funcionários, e 4(quatro) ou 5(cinco) garotos que faziam parte do grupo *hip hop* e os alunos da turma seguinte, que aguardavam sentados na recepção o horário de sua aula.

O perfil dos alunos do curso de informática era muito variado, participavam desde jovens estudantes até mães de família. Os motivos de buscarem o curso também eram muito diferentes, alguns queriam aprender a manipular o computador, outros buscavam certificação para o mercado de trabalho já outros procuravam uma ocupação do tempo livre. Os mais jovens sempre se destacavam, pois a maioria já sabia utilizar um computador, já os adultos tinham muita dificuldade e muitos desistiam no meio do caminho.

Ainda no segundo semestre de 2009 a Casa Brasil abriu suas portas para receber as atividades do PRONASCI, a partir daí todas as segundas, quartas e sextas a instituição era ocupada por diversos jovens que buscavam atividades variadas. Esse Programa foi uma iniciativa do Ministério da Justiça no intuito de articular políticas de segurança com ações sociais, para assim prevenir as causas que levam à violência.

Nesse período pude acompanhar quase todas as atividades e passei a conhecer os jovens mais assíduos dos cursos.

Os cursos do PRONASCI voltado para os jovens eram: Violão, Coral, Dança contemporânea, Fotografia, Percussão, Montagem e Manutenção de computadores e criação artesanal (funcionavam às segundas e quartas) e Oficina de Maracatu (funcionava às sextas). Como eram vários cursos acontecendo ao mesmo tempo os jovens permaneciam na instituição meio período e nesse tempo, alguns participavam de mais de um curso, outros passavam a manhã transitando em todas as aulas sem participar de nenhuma e outros se dedicavam apenas a uma atividade. As aulas de violão, percussão e montagem de computadores eram as mais procuradas.

Nessas atividades as turmas eram compostas por cerca de 20 alunos. Na aula de fotografia a turma era composta de 4 alunos, mas pelo que pude perceber esse quatro alunos eram sempre assíduos e se mostravam bastante interessados. As aulas de coral, no começo contava com uma média de 10 alunos, com o passar do tempo poucos alunos participavam. As aulas de dança também eram bem participativas, meninas e meninos ensaiavam coreografias para futuras apresentações.

O PRONASCI trouxe a Casa Brasil um maior número de jovens estudantes que possuíam idade entre 14 e 20 anos. Pelo que pude perceber a maioria dos jovens participava do curso para ocupar um tempo ocioso e aproveitava a oportunidade para adquirir outros conhecimentos. Contudo, mesmo possuindo frequência contínua esses jovens encaravam essas atividades de forma bastante lúdica, não dando tanta atenção ao professor, fazendo novas amizades e transitando entre as diversas atividades que aconteciam simultaneamente. Em meio a esse perfil existiam as exceções como é o caso do garoto de 10 anos (que por conta da idade não podia participar das oficinas) que insistiu em participar das aulas de violão e no final do semestre foi destaque do curso.



Outro exemplo muito forte de comprometimento estava nas oficinas de fotografia do projeto Trilhos Urbanos, os quatro garotos que participavam das aulas eram muito dedicados, já tendo participado de diversos cursos de outras instituições. Ao final das oficinas um deles, *André, 19 anos*, foi chamado para ministrar aulas de fotografias para as crianças da escola pública.

Com o PRONASCI funcionando na Casa Brasil Granja Portugal a rotina da instituição foi modificada. A movimentação era constante, jovens chegando e saindo, outros rodando, brincando, brigando e conversando nos corredores. Apesar de ter como foco os usos e apropriações da Internet, achei interessante acompanhar outros cursos como Coral e Fotografia. A partir daí tive a oportunidade de me aproximar dos jovens participantes. Nesse momento fui ganhando a confiança desses jovens e aos poucos fui me apresentando como pesquisadora e aplicando os questionários.

Esses cursos do PRONASCI não aconteciam no telecentro, pois a qualquer momento as aulas da Casa Brasil poderiam voltar a funcionar, e de fato no primeiro semestre de 2010 as aulas do curso básico de informática começaram um novo ciclo. Os professores entraram em negociação com a prefeitura e abriram às inscrições. Como todos os semestres as aulas do curso começaram com várias turmas e com todos os 16 computadores ocupados, mas com o passar dos meses muitos desistiram no meio do caminho. No final do semestre havia em cada sala cerca de 8 alunos. Devido a isso, a professora abria a sala para que os jovens do PRONASCI pudessem acessar a internet livremente. E foi a partir desse momento que pude acompanhar alguns usos e apropriações da Internet por parte dos jovens que frequentam a Casa Brasil.

Em julho de 2010 o coordenador oficial da instituição se ausentou para trabalhar nas campanhas políticas. A partir desse fato pude perceber o quanto o programa Casa Brasil estava vinculado às questões de política partidária. O coordenador

da instituição “coincidentalmente” faz parte do mesmo partido político da atual gestão municipal. Enquanto isso o coordenador nomeado para a Casa Brasil/Antônio Bezerra assumiu provisoriamente a coordenação da Granja Portugal. Ainda em julho para Casa Brasil não ficar sem atividades o coordenador provisório lançou a colônia de férias, e divulgou no blog da instituição<sup>58</sup> e cartazes internos.



**Figura 10:** Banner de divulgação da colônia de férias

Durante as minhas visitas no mês de julho me ofereci para dar uma oficina, mas não houve adesão. Outra atividade que me disponibilizei foi cuidar do telecentro, um horário do dia, enquanto os jovens acessavam livremente. Essas atividades no telecentro não perduraram durante todo o mês pois os computadores precisavam de manutenção, tal fato que se estendeu durante as ultimas semanas do mês. Em julho, mesmo com todas as atividades da Casa Brasil paradas, o PRONASCI permanecia, movimentando a instituição três vezes por semana.

Em agosto, além do PRONASCI, iniciou-se no telecentro o curso de criação de *websites*. As aulas aconteciam duas vezes por semana no horário da manhã. Utilizava a estrutura da Casa Brasil, mas o financiamento e a iniciativa era do Centro

<sup>58</sup> <http://casabrasilgranjaportugal.wordpress.com/>. Acessado em janeiro de 2011.

Cultural Bom Jardim(Órgão Estadual). Nesse curso pude perceber que existia uma rotina e um compromisso maior por parte dos jovens, que já vinham de outros cursos de informática. Tal fato me permitiu uma aproximação mais intensa com a turma. Um dos diferenciais desse curso era o constante uso da Internet. Todas as aulas o professor permitia o acesso livre durante 20 minutos antes de começar as aulas, e após esse intervalo eram iniciadas as atividades do curso, todas na internet.

Como já mencionei anteriormente todos os alunos já tinham participado de outros cursos de informática e a maioria pretendia atuar profissionalmente nesse campo. Além dessa predisposição dos alunos, o conteúdo do curso era mais avançado e possibilitava a criação de conteúdos on-line, fator que atraía os jovens. Outro elemento, que se mostrava convidativo no curso, era a possibilidade de acessar a internet, antes de iniciar e no decorrer de toda a aula.

Em outubro, a campanha política chegou ao fim, e o coordenador retomou seu posto. No final de outubro, a Prefeitura Municipal articulou um curso de informática voltado para Programação de Computadores (PROINFOR) na Casa Brasil Granja Portugal. O professor desse curso era o mesmo que ensinava os cursos de informática básica. Nesse momento aconteceu um choque de horários entre os dois cursos no telecentro. E pude perceber um conflito entre o professor que pertencia à instituição e o que não pertencia. O curso de criação de *website* depois de duas semanas sem aulas por conta da falta de espaço teve que mudar de horário, fato que prejudicou a turma que aos poucos desistiu do curso. Em novembro, antes do prazo final, o curso foi forçado a encerrar suas aulas.

A partir desse evento fui diminuindo a minha presença na instituição pois o final do ano se aproximava e nesse momento a instituição dá uma pausa em suas

atividades. Além disso, com o final do curso de Criação de *Websites* já havia conseguido juntar dados o suficiente para realizar minha análise.

Minhas experiências na instituição foram sempre acompanhadas pela descontinuidade. Tinha uma idéia anterior à pesquisa de campo que seria fácil acompanhar a rotinas dos jovens que frequentavam a Casa Brasil. Quando comecei a frequentar a instituição me deparei com inúmeras dificuldades que me exigiram flexibilidade (experiência já relatada em capítulos anteriores). Somente iniciei uma vinculação mais forte com os jovens e um acompanhamento sistemático de acessos a partir das atividades do PRONASCI e do curso de Criação de *websites*, pois existia uma rotina mais regular, principalmente por parte dos alunos. Isso ocorreu no período de agosto a novembro de 2010.

### *3.3.2.1 Um quadro de crises*

Essa dificuldade vivenciada pela Casa Brasil Granja Portugal se estende a tantas outras espalhadas pelo Brasil. Tal crise gira em torno, principalmente, da sustentabilidade dos projetos de Inclusão Digital. Pois além de manter funcionários, também existe o custo de manutenção e renovação da tecnologia. No projeto Casa Brasil esse quadro não foi diferente. O Projeto inicial disponibilizava recursos para os equipamentos de cada módulo (que seriam liberados paulatinamente), para manutenção da estrutura durante um ano, capacitação e pagamento de bolsistas e coordenadores, também por um ano. Contudo, o financiamento de bolsas durou por mais três anos:

Previsto como um Projeto de Pesquisa e Avaliação de ações de inclusão digital, a parceria das unidades Casa Brasil com o CNPq teria duração máxima de um ano. Após esse prazo, as entidades assumiriam as responsabilidades pelo custeio da unidade, inclusive com recursos humanos.

Contudo, o fomento de bolsas foi prorrogado por mais três anos consecutivos.<sup>59</sup>

Para que uma unidade fosse implantada existia no edital do projeto inicial da Casa Brasil<sup>60</sup> as pré-condições e as obrigações dos *parceiros estratégicos* para liberação do recurso dentre elas destacamos: 1. A instituição parceira deveria arcar com a construção do prédio para abrigar todos os equipamentos financiados pelo projeto e a estrutura deveria conter as especificações evidenciadas no edital; 2. A Instituição parceira deveria elaborar e executar um plano de sustentabilidade da Casa Brasil.

Como contrapartida a prefeitura providenciou os prédio, no bairro Granja Portugal, Vila União e Antônio Bezerra, todos com as especificações exigidas. Outra contrapartida do parceiro estratégico em questão foi comprometer-se com o pagamento de parte das bolsas, após o encerramento do primeiro ano de projeto. Assim nos três anos seguintes de prorrogação a prefeitura realizou um convênio com o CPQT (Centro de Pesquisa e Qualificação Tecnológica) sendo assim possível o repasse das bolsas.

Em 2009, segundo depoimento de bolsista da instituição colhido em entrevista em profundidade, houve um problema de convênio entre a gestão e o CPQT fato que deflagrou o atraso do pagamento das bolsas, como indicado anteriormente. Contudo em 2010 o convênio foi regularizado e o CNPq renovou por mais 6(seis) meses o pagamento da outra parte das bolsas. Assim o projeto inicial Casa Brasil resistiu até junho de 2010, tendo todas as suas atividades paralisadas a partir de julho de 2010.

Durante minha pesquisa de campo e durante as entrevistas em profundidade busquei levantar algumas opiniões dos alunos que frequentavam a instituição e de

---

<sup>59</sup>[http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=482&Itemid=2](http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=482&Itemid=2). Acessado em 01/11.

<sup>60</sup>[http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=22&Itemid=67](http://www.casabrasil.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=22&Itemid=67). Acessado em 01/11.

alguns profissionais que atuavam nos cursos de informática, mas não pertenciam ao projeto, a respeito dessa crise que a instituição estava vivenciando. O que pude perceber foi que as opiniões desse público eram muito confusas. Os frequentadores da Casa Brasil não compreendiam como funciona a instituição nem o motivo dela estar em crise:

A Casa Brasil é uma instituição que melhorou muito pra sociedade. Agora ta um pouco decadente, por causa dos cursos, e essas coisas que... Vai até acabar a Casa Brasil, por que não ta funcionando do jeito que deve ser. (.....) Antes, todo dia tinha atividade, pela manhã, tarde e noite, era mais movimentado, tinha muitas pessoas e não faltava nenhuma atividade para as pessoas da comunidade.(...) Eu não sei por que essa crise. Isso é com a regional, o pessoal da prefeitura era que deveria resolver alguma coisa sobre isso. (*Gaspar*, 22 anos, frequenta a Casa Brasil e a LAN house)

Não sei. Até porque eu não sei o que esta acontecendo. Não sei porque ta faltando gente, professores, cursos, eu não sei. (*Paulo*, 18 anos, aluno da Casa Brasil)

O Professor, que trabalhava na Casa Brasil, mas não pertencia à instituição também apresentou sua visão sobre a crise na instituição segundo ele:

Eu acho uma pena...nem sei como é que pode uma estrutura dessa, dentro de um bairro que precisa, ficar sem funcionar. Mas muito problema que acontece aqui dentro...eu penso que seja assim, muito o que acontece aqui é problema de gerência. Eu sei que aqui tem muito problema com dinheiro, o pagamento dos professores, por exemplo...mas tem umas coisas que acontecem aqui que é problema de coordenação. Se eu fosse coordenador daqui, eu já tinha mandado consertar esses banheiros. Desde o ano passado esses banheiros estão sem funcionar....um dia desses eu tava chegando e tinha visto um cano estourado, vazando água...avisei pro coordenador. Dois dias depois, que eu dou aula quarta e sexta, era uma quarta. Quando foi sexta que eu cheguei o cano ainda tava vazando. Ai eu chamei o Marques, e um dos meninos do *hip hop* e a gente foi ajeitar...por que se não até agora o cano tava gastando água. Imagina só o tanto de água que não gastou só nesses dias. Então é isso se a coordenação do bairro cuidasse mais do local, eu acho que ele daria certo...mas não fica um esperando pelo outro, aqui ninguém tem interesse de colocar o negócio pra frente. (Entrevista em profundidade com professor visitante da Casa Brasil)

De acordo com esses depoimentos é possível perceber que existiam diversas percepções sobre a crise na instituição, mas poucos sabiam o que de fato estava

acontecendo. Essa falta de comunicação a respeito da crise não deixa de ser um problema de gestão e de participação, pois as pessoas que frequentam a instituição estão desinformadas sobre o que realmente acontece com o projeto Casa Brasil.

Em Setembro de 2010 foi lançado pelo CNPq um novo edital destinado às Casas Brasil voltado, exclusivamente, a projetos de extensão de Instituto Superiores de Educação (IES). Nesse edital existe um recurso de 68.750,00, para cada unidade, que será destinado ao pagamento de bolsas, equipamentos e materiais de consumo para manutenção de uma unidade de inclusão digital (UID) em área de vulnerabilidade social. Uma UID contempla todos os módulos que estão presentes na Casa Brasil, dessa forma parte da verba do projeto deverá ser voltada a manutenção dessa estrutura. Esse projeto deverá ter a duração máxima de 12 meses de atividades na instituição que serão voltadas à inclusão digital e social “promover a disseminação e a transferência de tecnologia em contexto comunitário”<sup>61</sup>. Os projetos devem ter temáticas voltadas para: Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; e Trabalho.

Mesmo primando pela Inclusão digital e social, assim como o projeto inicial da Casa Brasil, o projeto proposto pelo CNPq possui alguns critérios básicos que se diferenciam do projeto inicial: 1º - Cada projeto deverá propor atividades que utilizem todos os módulos anteriores da Casa Brasil, mas que primem pela inovação, 2º - a coordenação do projeto deverá ser realizada, obrigatoriamente, pelo proponente do projeto que faz parte de alguma Instituição de ensino superior.

Esses dois aspectos do projeto foram postos em destaque por que rompem com dois elementos propostos no projeto inicial. O destaque da metodologia inovadora deixa claro que o pré-requisito do projeto é uma mudança em relação aos procedimentos

---

<sup>61</sup> Consultar: [www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br).

anteriores. Outro ponto de destaque é a mudança da gestão da Casa Brasil que, a partir de 2011, ao iniciar o novo projeto, deixará de ser da comunidade e passa a ser de uma instituição superior de educação.

A Casa Brasil, programa de inclusão digital, recebeu investimento de diversas instituições, como indicado anteriormente, seguiu todos os critérios básicos necessários para implantação, construiu uma estrutura adequada e recebeu equipamentos suficientes para iniciar um trabalho de inclusão digital efetivo na Granja Portugal. Contudo, no decorrer do processo, essa instituição não contava com a escassez de recursos, com a falta de atratividade metodológica e com outros problemas locais como a falta de segurança. Diante desse quadro é questionável o papel dessa instituição como promotora de inclusão digital.

Por outro lado existia, a abertura da instituição para as manifestações locais ou para outros projetos, uma forma de resistir ao quadro de decadências. Essas outras expressões apontavam para uma “outra inclusão”, que não estava, necessariamente, atrelada à perspectiva digital, mas permitia que a comunidade se apropriasse daquela instituição e “desenhasse” nela os traços de uma cultura local.

Outra prática cultural do bairro é a busca por internet na LAN *house*. Esse lugar é intensamente frequentado pelos jovens do bairro e a partir dele é possível existir essa relação jovem e internet. O próximo tópico será dedicado a traçar as principais características desse estabelecimento e suas dinâmicas no bairro Granja Portugal.

### **3.3.3 LAN HOUSE**

Segundo Bredarioli (2008), LAN *house* é um estabelecimento comercial, ligado a uma rede local, com a finalidade de promover acesso à internet e entretenimento através dos jogos em rede ou online. Esse tipo de negócio foi



popularizado na Coréia do Norte. Aqui no Brasil a primeira LAN *house*, *Monkey*, surgiu no final de 1998. A *Monkey* foi lançada inicialmente em São Paulo e em pouco tempo ampliou o negócio para mais 50 lojas espalhadas por todo o Brasil. Em 2010 esse empreendimento chegou ao fim, fechando a sua última loja em São Paulo.

Dentre os vários motivos da falência da *Monkey* está a popularização das LAN *houses* em todo o Brasil. A apresentação dos resultados da pesquisa do Cetic.br no ano de 2007 trazem as LAN *houses* como “o local mais utilizado para o acesso à Internet no país, principalmente entre os jovens e indivíduos de baixa renda”.

Diante da forte “atuação” das LAN *houses* na periferia o Cetic.br, apresenta uma pesquisa voltada à esses centros coletivos de acesso pago, afim de conhecer com mais profundidade o perfil desses estabelecimentos, foi identificado que independente da região brasileira, todos esses estabelecimentos possuem aspectos muito semelhantes no que diz respeito à forma de funcionamento, ao perfil do proprietário, ao perfil dos usuários e as dificuldades de manutenção.

Cerca de 80% desses estabelecimentos declaram ser um negócio de família. 97% possuem até três funcionários. Mesmo possuindo esse perfil 44% alega ser legalizada. Aqui no nordeste apenas 20% alega pagar impostos e 82% dos estabelecimentos estão na informalidade. Caracteriza-se por ser um negócio de pequeno porte e 44% alegam que necessitam de outros tipos de serviços para sobreviver, dentre esses serviços destacam-se papelaria, livraria, lanchonete, bomboniere, gráfica/copiadora, residência, jogos/fliperama/videogame e supermercado ou mercearia. A maioria dos proprietários desses estabelecimentos são homens (74%) pertencem aos setores populares (54%) e não possuem ensino superior (59%). Apesar de estarem espalhadas por todas as regiões urbanas, é na periferia que esse estilo de negócio ganha visibilidade pois está diretamente relacionado ao crescimento na promoção de acessos à

internet a essa parcela da sociedade. Em relação aos seus principais usuários, 95% das LAN *houses* destacam os jovens entre 15 e 25 anos que se fazem presente em número e frequência.

A LAN *house* hoje é considerada a grande responsável pelo crescimento dos acessos nos setores populares que hoje, na região Nordeste, já conta com 44% da população brasileira que já utilizaram a internet. Por conta disso, esse estabelecimento está sendo considerado um poderoso veículo no processo de inclusão digital<sup>62</sup> a ponto de, em abril de 2011, ter sido aprovado pela Câmara dos Deputados um projeto de lei, que tem como finalidade regulamentar o funcionamento das LAN *houses* que passam a ser consideradas como Centros de Inclusão Digital<sup>63</sup>.

Cazeloto e Bredarioli (2008)<sup>64</sup> dedicaram-se a pesquisar algumas LAN *houses* de São Paulo para identificar quais os principais usos e apropriações da internet desses jovens dentro das LAN *houses*. De acordo com a pesquisa a maioria dos jovens busca as LAN *houses* para acessar o e-mail, e os sites de redes sociais como *Orkut* e *MSN*. De acordo com os resultados da pesquisa de campo, os pesquisadores consideraram que os estabelecimentos tendem a reforçar a convivência local, o papel de *ponto de encontro*, entre indivíduos que já partilham o mesmo cenário social. “Daí a possibilidade de compararmos (metaforicamente) a LAN *house* de hoje aos coretos de praça de algumas décadas atrás.” (CAZELOTO; BREDARIOLI, 2008, p.86).

Os mesmos autores consideram que as LAN *houses*, não estimulam o potencial educacional e humano, não estimulam a cidadania, ou mesmo não contribuem para a “Sociedade do Conhecimento”, ao contrário, essa forma de uso da Internet por

---

<sup>62</sup> Dados podem ser encontrados no endereço: [www.cetic.br](http://www.cetic.br).

<sup>63</sup> <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/04/camara-aprova-projeto-que-regulamenta-lan-houses.html>

<sup>64</sup> CAZELOTO, Edilson; BREDARIOLI, Cláudia. **Internet na periferia: entre o potencial e o uso concreto**. *Revista Galáxia*, 89 São Paulo, n. 16, p. 79-90, dez. 2008.

parte dos jovens da periferia aumenta o fosso sócio-cultural entre as diferentes classes sociais. Assim as LAN *houses*:

cumprem em grande parte a função de manter o distanciamento, dando a impressão de inserção enquanto mantêm as pessoas em seus “guetos”, geograficamente longe do centro da cidade e circunscritas por um cotidiano que — se não for por meio do trabalho, em alguns casos — pouco permite aos jovens terem acesso a fluxos e informações diferentes dos pautados pela mídia. (CAZELOTO; BREDARIOLI, 2008, p. 87).

Para os autores a LAN *house* forma cada vez mais “internautas funcionais”, comparados aos analfabetos funcionais<sup>65</sup>. De fato de acordo com pesquisa do Cetic.br os principais motivos de frequentar a LAN *house* estão direcionados à diversão, 60%. Contudo, mesmo sendo por motivos de lazer, foi através desse estabelecimento que 95% dos setores populares brasileiros acessaram pela primeira vez à internet. Posso dizer que esse estabelecimento foi a porta de entrada dos setores populares ao universo *on-line*. E ainda hoje existem comunidades ou mesmo cidades brasileiras de difícil acesso que só possuem um contato com a internet por meio desse tipo de estabelecimento. A penetração alcançada pelas LAN *houses* está longe de ser acompanhada pelo programas de inclusão digital.

Mesmo sendo uma “porta de entrada” dos setores populares para o universo *on-line*, com base nos conceitos de inclusão digital descritos anteriormente, é muito arriscado associarmos os usos da internet ocorridos na LAN *house* como uma forma de incluir digitalmente. Na mesma medida, também seria descabido vincularmos os usos da internet na LAN *house*, exclusivamente, aos apelos das mídias de massa. Segundo De Certeau (1994) o consumidor não poder ser qualificado somente com base nos

---

<sup>65</sup> Em referência aos analfabetos funcionais — termo adotado pela Unesco para definir um nível de instrução em que a pessoa sabe ler e escrever, mas é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas (MENEZES; SANTOS, 2002 apud Cazeloto e Brandarioli, 2008).

produtos que consome, é necessário, antes de tudo que se perceba quais os usos dados a esses produtos, as maneiras de fazer, os estilos de ação. Ou seja, antes de qualificar o jovem como *internauta funcional* é necessário compreender como os acessos na LAN *house* estão acontecendo e sendo apropriados na vida desse jovem.

Como já dissemos anteriormente, essas mesmas maneiras de fazer, esses esquemas de ações, quando inseridos numa determinada realidade espacial atua naquele lugar transformando-o em diversos espaços. Devido a isso é importante ressaltar que as LAN *houses* pesquisadas por Cazeloto e Bredarioli (2008) fazem parte de um contexto específico e apesar de semelhanças, possuem inúmeras peculiaridades, principalmente em relação aos usos dados ao lugar por parte dos jovens do bairro.

Harvey (1992) afirma que a concepção das categorias de tempo e do espaço não é única e pode existir inúmeras formas de conceber o espaço e o tempo que variam por meio das “diversas práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social.” (HARVEY, 1992, p. 189). Para Santos (2009) a interferência do homem no espaço se dá pela técnica. Dependendo do tempo ou mesmo da realidade social que um determinado grupo vivencia, essas formas de interferir no espaço se modificam, variando também a configuração espacial. Santos (2009) enfatiza, ainda, que, no processo de globalização que estamos vivenciando existe uma tendência à homogeneização das técnicas e dos espaços. Contudo, o autor resalta que a realidade de cada território e as contingências do meio associado assegura a impossibilidade de homogeneização. A transformação do espaço se dá por meio da técnica, esta, por conseguinte, só é possível por meio da ação humana que organizada em sociedade imprime sentidos diferenciados às técnicas e aos espaços. Ou seja, apesar de existirem diversas LAN *houses* em todo o país, quando fixadas num determinado bairro de

periferia e frequentado por seus moradores essas estruturas adquirem traços próprios desse lugar.

A *LAN house* nasceu de uma necessidade contemporânea, o acesso à internet. Essa necessidade é marcada por uma característica temporal social, ou seja, a sociedade da informação “exige” conexão (Essa “exigência” contemporânea em promover o acesso à internet está atrelada aos ideais de globalização que contribuem fortemente para a homogeneização da cultura). No contexto das periferias cearenses, a forma possível de acesso ainda é por meio desses espaços coletivos. Por serem lugares nascidos de uma necessidade contemporânea, poderiam ser classificados como um “*não-lugar*”<sup>66</sup> (AUGÉ, 1998) já que existem várias milhares de *LAN houses* espalhadas por quase todas as periferias brasileiras. Contudo, ao iniciar minha pesquisa de campo pude perceber que esses lugares coletivos de acesso quando instalados no bairro Granja Portugal passaram a fazer parte daquele “*pedaço*”(MAGNANI, 2003) se adaptando a uma rotina local, a uma realidade cultural com características mais próximas do conceito de “*lugar antropológico*”. (AUGÉ, 1998).

Assim para investigar o papel efetivo desse tipo de estabelecimento dentro na periferia de Fortaleza, trago a seguir algumas vivências na *LAN house* do bairro Granja Portugal, nas quais pude identificar algumas especificidades que encontrei durante minha permanência em campo.

---

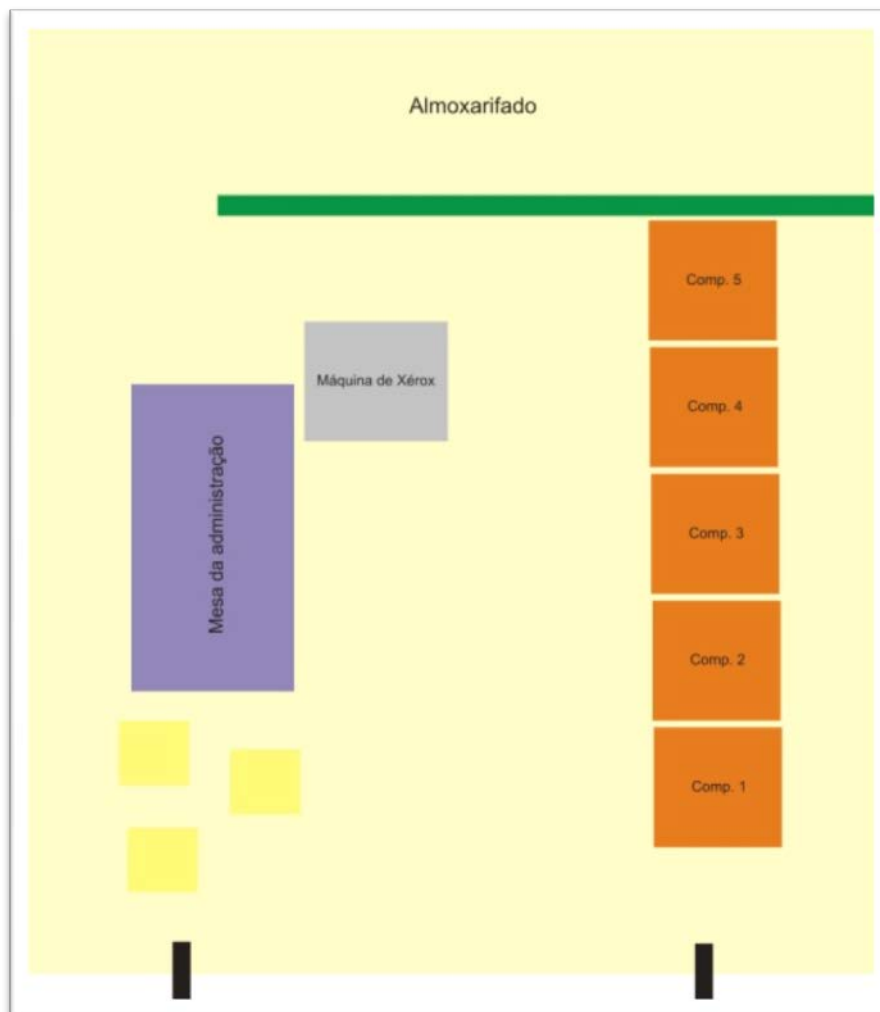
<sup>66</sup> De acordo com Augé(1998) o não-lugar se opõe ao lugar antropológico. São lugares fruto da contemporaneidade que segundo o autor é denominada de Supermodernidade. São lugares de anonimato do cotidiano, são lugares impessoais. Podem ser exemplo de não-lugares: Shopping Center, Aeroportos, redes de hotel e outros. Os Lugares Antropológicos são lugares identitários, relacionais e históricos.

### 3.3.3.1. A LAN house e o Bairro Granja Portugal

Em 2009 existiam ao redor da praça principal 5(cinco) LAN *houses*, no final do ano, três delas fecharam suas portas. Apesar de bastante frequentada pelos jovens do bairro o valor arrecadado com os acessos à internet não era suficiente para cobrir os custos de energia, internet banda larga e manutenção de computadores. Como esses três estabelecimentos trabalhavam fundamentalmente com comercialização de acessos, não conseguiram manter-se com o passar do tempo.

As duas LAN *houses* restantes, que sobreviveram até os dias de hoje, oferecem outros serviços além da internet. A primeira funciona na residência do proprietário e costuma abrir só a partir das 14h, pois a responsável pelo estabelecimento, durante a manhã se dedica aos afazeres domésticos. Além dos 8(oito) computadores existe uma pequena mercearia que vende balas, biscoitos, arroz, feijão e outros. Por diversas vezes tentei investigar esse estabelecimento, mas raramente o encontrava funcionando. Por conta dessa irregularidade optei por me dedicar à investigação apenas da segunda LAN *house* “sobrevivente”.

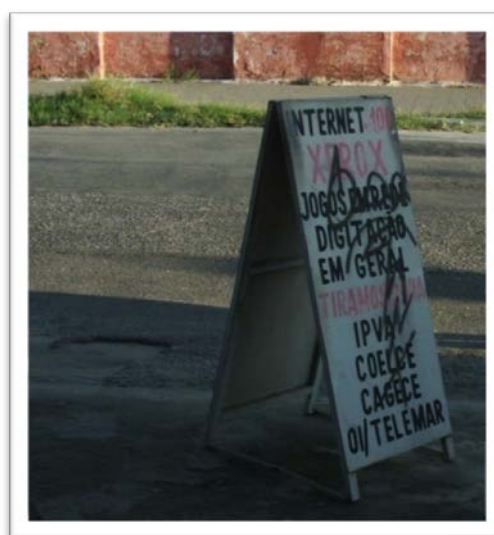
A segunda LAN *house*, funciona de 8h as 20h de segunda à sábado. Além da comercialização de acessos oferece outros serviços de papelaria e informática. Esses serviços fornecem ao proprietário recursos o suficiente para manter o estabelecimento com um funcionário e se manter. A comercialização de acessos se apresenta mais como um atrativo de clientes do que efetivamente como a principal fonte de recursos.



**Figura 11:** Demonstração ilustrativa da Estrutura da *LAN house* investigada

O estabelecimento pesquisado nesse trabalho funciona desde 2005. Essa *LAN house* costuma ser referência dentro do bairro tanto pela qualidade do serviço prestado como pela rotina bem definida, sempre cumprindo os horários de acordo com o comércio local. Possui uma estrutura simples, sem excessos. Conta com cinco cabines individuais com computadores para o acesso pago à internet - três desses computadores possuem monitores LCD (Liquid Crystal Display), todos são equipados com fones de ouvido, e todos funcionam com o sistema operacional *Windows*, um computador administrador onde o responsável pelo estabelecimento atende os demais clientes, Uma máquina de xérox, uma impressora multifuncional, uma máquina de encadernação

outra de plastificação e uma máquina fotográfica. Esses equipamentos são os necessários para oferecer serviços como manutenção de computadores, fotos 2x2, 3x4, 10x15, encadernações, plastificação de documentos, digitação em geral, aulas de informática, confecção de cartões de visita, impressões em geral, xérox, confecção de currículo, realização de pesquisas escolares, cadastramentos em geral, e outros serviços on-line demandados da comunidade. Os serviços prestados pelo estabelecimento são executados pelo proprietário que cuida da *LAN house* no horário da manhã e noite, ou pelo funcionário que trabalha no horário da tarde.



**Figura 12:** Principais serviços oferecidos pela *LAN house*.



Essa LAN *house* foi financiada, inicialmente, pelo programa da Prefeitura Municipal o *CredJovem Solidário*<sup>67</sup>, que facilitava crédito a jovens empreendedores. O proprietário e um sócio enviaram um projeto para prefeitura e conseguiram o financiamento. Um ano depois o proprietário desfez a sociedade e comprou a outra parte. Com a lucratividade do estabelecimento o proprietário já conseguiu comprar o imóvel onde funciona o negócio.

É interessante considerar que tanto a Casa Brasil como a LAN *house* receberam financiamento da Prefeitura Municipal. Este fato traz à tona a noção de *estratégia* de inclusão digital governamental vinculada a esses lugares de acesso. Ou seja, a LAN *house* se transforma também em uma estratégia indireta de ações governamentais para o combate à “exclusão digital”. As *estratégias* são vistas, por De Certeau (1994) como uma organização, uma sistematização de ações diante de uma imposição para se adaptar a uma situação. Com base nesse conceito, visualizo na LAN *house* duas perspectivas de estratégia, a primeira, parte de uma iniciativa governamental e hegemonia (já explicitada anteriormente) e a segunda informal e periférica. Ao se estabelecer na *pedaço*, o estabelecimento foi se adequando às necessidades locais e acabou se tornando também uma *estratégia* da comunidade para se adaptar à Sociedade da Informação. Por exemplo, muitas pessoas que frequentam a LAN *house* não sabem manipular um computador e contam com um intermediador para realizar diversas operações “*on line*.”

---

<sup>67</sup> <http://www.fortaleza.ce.gov.br>.



**Figura 13:** Imagem da Estrutura da LAN House

Dentre os diversos serviços “intermediados” destaco a impressão de boletos bancários (IPVA, Conta de telefone celular, Conta de telefone fixo e IPTU) e a realização de cadastros *on-line*. Por exemplo, várias pessoas foram à LAN house se inscrever em testes para carteira de motorista popular. Esses serviços são mais procurados por pessoas entre 40 e 65 anos. Os jovens também buscam serviços intermediados, pois apesar de saberem utilizar a internet, possuem dificuldade de construir o seu currículo. Por isso geralmente solicitam ao intermediador a criação e o armazenamento do documento no computador *servidor*. Outro serviço, muito curioso, solicitado por jovens estudantes é a “pesquisa escolar”. Já presenciei inúmeras vezes garotos (as) solicitarem tal serviço. O intermediador sempre pergunta qual o tema, quantas páginas e se terá gravuras. Após a resposta do estudante, o intermediador rapidamente segue para a internet, copia, cola e imprime. A taxa cobrada corresponde somente aos custos de impressão. Diante desse fato percebo o quanto a noção de inclusão digital é equivocada por parte das instituições escolares e também por parte das políticas públicas que investem em estrutura técnica sem se preocupar com os aspectos metodológicos que envolvem a adesão a essas novas tecnologias.



**Figura 14: Clientes esperando para serem atendidos**

Esses serviços oferecidos pela LAN *house*, demandados por uma necessidade local, possibilitam outras “formas de uso” (com um intermediador) permitindo apropriações distintas da internet. Nas situações descritas, a internet nessa LAN *house* se apresenta como uma ferramenta para solucionar problemas “*off-line*”, é como ir ao banco pagar uma conta, é como ir à feira fazer compras. Ir à LAN *house* solicitar um serviço é uma prática cultural comum dentro desse bairro. Além de uma prática cultural essas situações demonstram também uma forma de resistência dos setores populares. Diante da emergência, estimulada pelos poderes hegemônicos a aderir à Sociedade da Informação, deparo-me na periferia com os setores populares que desvelam “sua dinâmica, sua criatividade e sua conflitividade; e uma agora atravessado e despedaçado pela não contemporaneidade entre produtos e usos, entre objetos e práticas”. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.189). Esse tipo de serviço oferecido pelo estabelecimento, permite ao usuário uma forma de uso própria da internet, deixando claro as “brechas abertas na modernidade pelas culturas dominadas em sua diferença e em sua resistência”. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.189).

Além de nascida, indiretamente, de uma *estratégia* governamental, e se caracterizar como *estratégia* dos moradores para ingressar na Sociedade da Informação, dentro desse *espaço*, observamos também as *táticas*. As *táticas* são consideradas por De Certeau como os dribles realizados numa estrutura de poder. “Em suma, a *tática* é a arte do fraco”. (DE CERTEAU, 1994, p.101). São as astúcias que diante das imposições dominantes, criam surpresas, conseguem estar onde ninguém espera. Essas *estratégias* e *táticas* estão presente nos usos da Internet no bairro. Por exemplo, cada LAN *house* cobra a taxa de R\$1,00 por hora de acesso. Por falta de recursos, muito desses jovens, usam *tática* de dividir um computador para acessarem mais tempo.

No campo, onde acontece essa pesquisa - bairro Granja Portugal, percebe-se o quanto a existência da LAN *house* permitiu acessibilidade de grande parte dos moradores do bairro à internet. Isso acontece por que a maioria dos que vivem ali não possui internet residencial e os outros possíveis lugares de acesso gratuito existentes no bairro não permitem o acesso livre, como é o caso da Escola e da Casa Brasil. O proprietário do estabelecimento relata que na época da instalação da Casa Brasil:

“Disseram que a Casa Brasil ia acabar com todas as LAN *houses* (risos) (...) - se prepare que vai acabar todas as LAN *houses*, que lá é tudo gratuito (risos). E aí assim, não foi isso, entendeu? Ela deixa muito a desejar. No começo foi um projeto muito bom, mas ainda tem muito a melhorar, tipo, tem curso lá que não dão certificado.(...) não alterou em nada o meu movimento.” (Entrevista em profundidade com o proprietário da LAN *house*).

Tanto a escola como a Casa Brasil possuem Telecentros equipados com computadores e internet banda larga, mas, nenhum permite o acesso livre. Esse fato torna a LAN *house* o único lugar do bairro onde é possível uma navegação livre de baixo custo. Assim, o número de internautas que acessa a internet por meio desse tipo de estabelecimento é muito superior aos que acessam na Casa Brasil e na escola. A

maioria dos jovens que vivem na Granja Portugal frequenta ou já frequentou uma LAN *house*. Enquanto isso, muitos desconhecem a existência de programas de inclusão dentro do bairro. Por conta dessa forte demanda, a LAN *house* possui sempre um grande fluxo de clientes com pendências diferenciadas.

Para reafirmar esse laço entre seus clientes, o proprietário procura sempre estar em sintonia com as demandas locais. Por exemplo, como a LAN *house* possui poucos computadores existe o serviço de hora marcada e muitos clientes, antes de se dirigirem ao estabelecimento, ligam com antecedência para marcar o seu computador. Outro serviço interessante é o curso de informática, que na realidade foge dos padrões convencionais já que se trata de uma aula particular para tirar dúvidas sobre alguns *softwares*.

Com base nos serviços oferecidos pela LAN *house*, a clientela vai aumentando e aos poucos vai estabelecendo uma rotina silenciosa no local. O período da manhã é sempre muito movimentado, principalmente com a execução de serviços *off-line*. Os serviços mais procurados são Xérox e confecção/impressão currículo. Somente no final da manhã chegam os clientes que buscam o acesso à internet. Nesse horário tanto o perfil dos clientes como a demanda dos serviços são variados. Em dias de feira, quinta pela manhã, o movimento costuma dobrar.

No período da tarde, geralmente no início desse período, as pessoas do bairro costumam ir para suas casas e o movimento em todo o comércio costuma cair e na LAN *house* não é diferente. No estabelecimento, só permanecem alguns jovens que costumam passar muitas horas seguidas conectados à internet. Somente a partir das 15h o movimento volta a crescer na LAN principalmente com a busca de serviços. A partir das 16h o movimento de estudantes também cresce no estabelecimento. Nesse horário é comum encontrar garotos e garotas fardadas que estão indo ou voltando da escola e

aproveitam a saída na rua para se “conectar”. Essa movimentação de estudantes permanece até às 20h, horário que a *LAN house* fecha as suas portas.

É importante ressaltar que à medida e que a *LAN house* se adapta ao movimento do bairro, a partir da sua instalação, o bairro também vai se modificando. Um forte exemplo são os jovens que poderiam se encontrar em lanchonetes ou na praça escolhe a *LAN house* como espaço de encontro, trocas, solidariedades e por que não dizer aprendizagem. Muitos jovens afirmaram que aprenderam acessar à internet com seus amigos na *LAN house*.

Esses jovens têm uma frequência muito grande nesse estabelecimento, em todos os horários. Contudo, possuem perfis diferenciados no que diz respeito às formas permanência e de frequência na *LAN house*. Entre o final da manhã e o início da tarde, esses jovens geralmente possuem o seguinte perfil: Já terminaram os estudos, alguns já trabalham, outros estão desempregados, a maioria possui entre 18 e 25 anos. Geralmente esse jovem costuma acessar durante mais de 1h, possuem fidelidade com o estabelecimento (seja por amizade ao proprietário ou mesmo pela proximidade de sua residência) e costumam ter uma frequência entre duas ou três vezes na semana.

Entre o final da tarde e o começo da noite, a LAN é mais frequentada por estudantes, jovens entre 15 e 20 anos que ainda não terminaram os estudos. Ao contrário do primeiro perfil que se caracteriza pela permanência, esse público costuma passar pouco tempo, aproximadamente 1h, já que estão aproveitando um intervalo para acessar à internet. Esses garotos geralmente chegam em grupo, dividem o computador com os amigos de colégio buscando uma forma de diversão. Essa postura me remete às colocações de Feixa (2006). Segundo ele o poder e atração da internet, como também dos computadores, entre os mais jovens, tem muito a ver com as possibilidades lúdicas oferecidas.

Com base na descrição da estrutura física e na rotina desse estabelecimento serão especificadas a seguir algumas características dos principais dos usuários desses lugares de acesso, os jovens do bairro Granja Portugal.

#### 4 JUVENTUDES DOS SETORES POPULARES E AS TIC

A maneira mais comum de compreender “a juventude” está atrelada ao fator biológico. Segundo Abramo (1994) a noção mais geral ligada ao termo juventude está relacionada a uma fase da vida entre a infância e a idade adulta. Trata-se de um período em que a formação física se completa e uma série de mudanças psicológicas e sociais acontecem. De fato essa transformação corporal e psíquica é comum entre todas as pessoas, mas a forma de compreender e categorizar essa etapa da vida é muito variável. Essas categorias podem se modificar de acordo com fatores históricos ou culturais. Segundo Dayrell (2003) a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação. Ou seja, existe um caráter universal ligado à definição de juventude, traçado pelas mudanças físicas e psíquicas. Paralelo a isso existe a forma como cada sociedade em um determinado tempo histórico, e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com isso. Segundo o autor: “Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos”. (DAYRELL, 2003, p:40). Enfim, os jovens não constituem uma categoria homogênea, não compartilham de modos semelhantes de inserção na estrutura social, o que implica em uma questão de fundo: seus esquemas de representação configuram campos de ação diferenciados e desiguais. (REGUILLO, 2000).

Por se tratar de uma construção cultural Bourdieu considera que a “juventude é apenas uma palavra<sup>68</sup>”. Em cada sociedade, em cada geração, em cada cultura, em cada sexo, as características que determinam ser ou não ser jovem variam e a noção que define juventude acaba tornando-se objeto de manipulação por parte dos

---

<sup>68</sup> Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association des Ages, 1978.



poderes hegemônicos. Diante dessa afirmativa Reguillo (2000) destaca que juventude é acima de tudo uma categoria, devido a isso faz parte de um sistema de significação, é produto de acordos sociais de uma dada sociedade.

Diante dessa variedade da condição juvenil ressalto a dificuldade em me referir aos jovens. Qual o critério para definir as fronteiras de idade de um jovem? Qual a representação dessa categoria dentro da estrutura social? Qual o recorte a ser feito para trabalhar com os jovens?

Canlini (2009) enfatiza que cada sociedade possui suas próprias fronteiras para considerar as etapas da vida. A delimitação dessas passagens são cada vez mais móveis gerando dificuldade de estabelecer quando se começa a ser jovem e quando se sai dessa condição. De acordo com a UNESCO a juventude está compreendida num período entre 15 e 24 anos. Já Canclini (2009) considera jovem pessoas com idades entre 12 e 29 anos. Os jovens abordados nessa pesquisa estão saindo da escola e buscando ingressar na vida profissional, acessam à internet em lugares coletivos de acesso - Casa Brasil e LAN *house*, estudam ou já estudaram em escolas públicas, pertencem aos setores populares e geralmente possuem uma idade entre 18 e 25 anos. Assim, para realizar uma pesquisa mais direcionada, utilizarei essa fronteira de idade para me referir aos jovens. Deixo claro que estou ciente da não existência de uma definição universal que limite exatamente as fronteiras de idade que alguém passa a ser ou deixa de ser jovem. De acordo com a estrutura social desse jovem, sua atitude diante do trabalho, do ensino e das responsabilidades essas idades podem se modificar. Contudo, em termos metodológicos, essa especificação se torna útil para direcionar um olhar em campo.

Além de definir esses limites, considero importante explicitar qual a minha compreensão sobre juventude. Como já mencionei anteriormente, construir uma

definição da categoria juventude não é fácil. Para tal me aportei que alguns autores que resgatam algumas noções de juventude.

Reguillo (2000) esclarece que a juventude que conhecemos hoje é uma “invenção” do pós-guerra. Que surge de uma nova ordem institucional que se estabelecia na segunda metade do século XX, onde emergia nos países “desenvolvidos” um inesperado sentimento de esperança, junto a um forte sistema industrial, tecnológico e científico. É também nesse cenário de pós-guerra que emerge a indústria cultural que oferta bens de consumo voltados preferencialmente para os jovens. O consumo juvenil nesses países abriu o reconhecimento de sinais de identidade partilhado que se internacionalizaram rapidamente.

Segundo Abramo (1994) nas décadas de 60 e 70 a juventude era percebida, de maneira generalizada, como um segmento marcado pela contravenção. Esses jovens aderiram às utopias revolucionárias e lutaram contra um sistema dominante em movimentos de resistência. Na década de 80 a juventude passou por uma forte transformação tornando-se praticamente “invisível” na cena política. Nessa época, os jovens passaram a ser vistos como os responsáveis pela violência nas cidades, bem como foram, muitas vezes, também vinculado ao consumo de drogas. Nos anos 90, a ênfase dada aos jovens pobres na mídia, esteve vinculada ao uso de drogas e à criminalidade, passando a ser estigmatizados como delinquentes e violentos:

Nos anos 90 as figuras juvenis mais em evidência são os jovens pobres que aparecem nas ruas, divididos entre o hedonismo e a violência: meninos de rua, jovens infratores, gangues, galeras, tribos; e, principalmente jovens em “situação de risco”( risco para si próprios e para a ordem social), dos quais aqueles envolvidos no tráfico, matando e morrendo muito cedo, são uma das imagens mais dramáticas e ameaçadoras dos nosso tempos. (ABRAMO, 1997, p.33).

Com a virada do século, os debates sobre a juventude estão intimamente relacionados à ascensão das novas tecnologias e seus impactos nas práticas culturais dos jovens. Contudo, é importante ressaltar que ainda hoje os jovens pertencentes aos setores populares, como é o caso dessa pesquisa, carregam o estigma da marginalidade. Segundo Canclini (2009) as novas gerações refletem bem a tendência da sociedade atual, pois estão cada vez mais ligadas na informação e nas interações à distância, possuem baixa integração social, se transformam constantemente perdendo seus referenciais do passado. Cada vez mais as instituições tradicionais como a escola, partidos políticos, organizações legais diminuem o seu papel na vida desse jovem, dando lugar aos regimes transitórios. As decisões mais importantes como trabalho, matrimônio, lugar de residência e governantes se tornam menos valorizados do que uma satisfação momentânea. As expectativas de curto prazo se tornam mais importantes do que a estabilidade e a ordem. Segundo Feixa (2006)

O resultado é um modelo híbrido e ambivalentes de juventude, a serviço de uma crescente infantilização social, que se traduz em dependência econômica, falta de espaços de responsabilidade, de uma crescente maturidade intelectual, que se expressa através do acesso às novas tecnologias de comunicação, às novas correntes estéticas e ideológicas etc. As transições descontínuas em direção à idade adulta, a infantilização social dos adolescentes, o atraso permanente no acesso ao trabalho, a emergência de mundos artificiais, como as comunidades de internautas, a configuração de redes adolescentes em escala planetária seriam os traços característicos de um modelo de inserção virtual na sociedade. (FEIXA, 2006, p.85).

De fato, no decorrer do tempo e das gerações a forma de representação das juventudes se modificou. E na contemporaneidade a noção de juventude está cada vez mais vinculada à modernização e à fácil adesão às novas tecnologias. Isso por que as juventudes de hoje nasceram numa época em que, segundo Castells (2003) todos os domínios da vida social, como o trabalho, o lazer, a família estão sendo aos poucos

modificados pelos usos disseminados da Internet. E a adesão dessa tecnologia, por parte da sociedade (mesmo sendo de forma diferenciada, despertando diversos usos) está configurando um novo formato social. Nesse novo “desenho social” com base nas novas tecnologias, os jovens estão mais preparados se adaptando mais facilmente às mudanças.

Diante dessas várias construções simbólicas dos jovens no decorrer das décadas, e do quadro contemporâneo desses jovens, é importante ressaltar que os considero como sujeitos<sup>69</sup>, com histórias de vida específicas, e com formas próprias de se inserir na vida social. Assim quando me refiro aos jovens dos setores populares não implica que exista uma forma única de sê-lo.

Contudo, diante de sua condição social acho importante enfatizar que eles pertencem a uma mesma realidade. Cada vez mais marcados pelo uso das novas tecnologias, passam por sérias dificuldades, próprias dos contextos periféricos brasileiros e partilham de *competências culturais*<sup>70</sup> (BOURDIEU, 2008) semelhantes. Assim, apesar de idades e perfis diferenciados, fazer parte desse contexto influencia, até certo ponto, a agirem de forma semelhante diante da internet, principalmente no que diz respeito às formas de acesso. Assim, apesar de pesquisar *sujeitos* com especificidades, parto do princípio que esses jovens possuem práticas culturais similares.

Segundo Reguillo (2000) os estudos contemporâneos de juventude, que anteriormente tendiam a buscar nas “subculturas juvenis” (Punks, Emos, Otakos)

---

<sup>69</sup> Para Dayrell(2003) a juventude é marcada por uma série de mudanças, do corpo, dos afetos, nas referências sociais, e relacionais. Momento que se vive de forma mais intensa essas transformações. Mas a juventude não se limita somente a um quadro de transformações, ela faz parte de um processo mais amplo de constituição de sujeito, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Apesar de se tratar de um momento determinado, não se reduz a uma passagem pois assume importância em si mesma.

<sup>70</sup> Patrimônio cognitivo que se apresenta no momento de decifração e decodificação de um espectador ou usuário diante de um produto cultural. Essa competência cultural está relacionada aos setores sociais assim como também à cultura familiar e à formação educacional do usuário.

elementos de compreensão, buscam hoje pesquisar o âmbito das práticas sociais que aos pouco dão origem as grupalidades juvenis, para a autora:

El rock, el use de la radio y la televisión, la violència, la política, el uso de la tecnología, se convierten aqui em el referente para rastrear relaciones, usos, decodificaciones y recodificaciones de los significados sociales em los jovens. No necesariamente debe existir entonces um colectivo empírico, se habla de los “jóvenes de clase media”, de los” jóvenes de los sectores populares, etc. (REGUILLO, 2000, p: \*\*)

Assim, para “rastrear” as principais práticas culturais dos jovens dos setores populares foi que defini o objeto central dessa pesquisa com base num hábito crescente e frequente entre essa juventude que é a busca por acesso à internet em lugares coletivos de acesso.

Os jovens dessa pesquisa, ainda estão definindo que caminho vão seguir na sua vida profissional. Reconhecem as debilidades do seu sistema educacional. Reconhecem sua falta de competitividade para ingressar numa universidade pública. Sem recursos para pagar uma universidade particular, buscam em cursos profissionalizantes uma formação que possa lhe fornecer ferramentas para competir e ingressar no mercado de trabalho. Muitos acreditam que desenvolvendo habilidades em informática irão conseguir êxito profissional de maneira mais rápida e efetiva. Devido a isso, passam a buscar formação profissionalizante no campo da informática em programas de inclusão digital, como é o caso dos jovens que frequentam a Casa Brasil. Segundo Bourdieu (1978) esses jovens, diante da forte concorrência para ingressar nas universidades públicas tendem a priorizar a entrada no mercado de trabalho, e na maioria dos casos desistem da vida estudantil após concluir o ensino médio.

Canclini (2005) reitera que, nesse cenário contemporâneo, esses jovens são cobrados por uma qualificação cada vez maior para integração no mercado neoliberal.

Em contrapartida as relações trabalhistas são cada vez mais informais, desprotegidas e instáveis. Paralelo à subcontratação, o consumo emerge de maneira “encantadora” prometendo um cosmopolitismo cada vez mais impossível de ser cumprido. Esse posicionamento de Canclini (2005) pode ser claramente evidenciado na Granja Portugal.

Junto à busca por profissionalização encontro jovens com hábitos de consumo cada vez mais internacionalizados, o gosto pelo cinema americano, por músicas e artistas internacionais, interesse por outros idiomas, etc. Esse empenho faz com que esses jovens passem a buscar cada vez mais acessos à internet. Como não têm a posse do equipamento<sup>71</sup>, tendem a frequentar os lugares coletivos de acesso pago – as *LAN houses*.

Além dessa forte adesão às novas tecnologias outro elemento comum entre os jovens da Granja Portugal é o estigma da violência. Sofrem sérias restrições no que diz respeito à assistência básica, como saneamento, moradia, saúde e, principalmente, educação. Essas restrições fazem com que esses jovens sejam marcados pela dificuldade de inserção. (CANCLINI, 2003). Muitos realmente tendem à marginalidade, mas outros continuam buscando diversas alternativas para se inserir. E, de fato, a figura juvenil marcada pela violência também faz parte do cenário da Granja Portugal. Alguns são filhos dos moradores do bairro, muitas vezes, por conta da falta de oportunidade, do envolvimento com drogas seguiram para marginalidade. Essa juventude, indireta ou diretamente, interfere nos hábitos do bairro. Muitas pessoas evitam andar no meio da rua entre meio dia e duas da tarde, por conta dos assaltos. A *LAN house* é sempre trancada com cadeado e a Casa Brasil já foi assaltada várias vezes.

---

<sup>71</sup> Segundo Canclini (2009) os jovens que já acessaram a internet são o dobro dos jovens que possuem os equipamentos (computadores com acesso à internet).

Mas, é importante ressaltar que essa não é a única juventude<sup>72</sup> que habita a região, pelo contrário essa é uma minoria, existem outros perfis que apesar de passarem por dificuldades de inclusão social buscam outras formas de “atuação” dentro da comunidade. Esse é o caso dos jovens evangélicos que estão engajados em várias atividades da igreja e do bairro. Todas as noites participam de evangelizações, curso de teatro, aulas de música, roda de leitura da bíblia e também realizam um trabalho para retirar outros jovens da “marginalidade”. Esse é o caso também dos jovens que fazem parte dos grupos de dança que são bastante atuantes dentro da comunidade, organizam eventos, articulam os ensaios e diversas vezes conseguem espaço fora do bairro para se apresentar. E esse é o caso também dos jovens que vivem na região do Grande Bom Jardim que criaram um espaço chamado “Galpão” para ministrar cursos gratuitos de informática para jovens da região.

Esses diferentes perfis de jovens a que me refiro, que buscam alternativas de sobrevivência fora do mundo da criminalidade, são a maioria dentre os que frequentam os dois lugares coletivos de acesso à internet investigados nessa pesquisa. Nos tópicos seguintes serão apresentadas algumas considerações sobre esses jovens e sua relação com esses lugares e com a internet dentro de cada estrutura.

#### 4.1 OS JOVENS DO BAIRRO GRANJA PORTUGAL E OS ESPAÇOS COLETIVOS DE ACESSO À INTERNET

Ao me referir sobre a relação do jovem do bairro com esses lugares coletivos de acesso à internet que pertencem ao “pedaço” é importante mencionar a obra de Magnani. O autor constrói categorias na busca de compreender a relação dos sujeitos

---

<sup>72</sup> Segundo UNESCO não existe apenas uma juventude, existem juventudes. (UNESCO, 2005).

com o espaço urbano. Adota a perspectiva da etnografia urbana, como uma maneira de estudar a cidade de *perto e de dentro*<sup>73</sup>. (MAGNANI, 2002). Essa abordagem *de perto de dentro* proposta pelo autor se refere a uma modalidade específica da etnografia denominada como “de passagem”. Consiste em percorrer a cidade e seus meandros, observando espaços, equipamentos e personagens com seus hábitos e conflitos. Com base nesses atores e de suas trajetórias, do “uso venacular da cidade”, o pesquisador propõe uma busca por regularidades que supõem uma idéia de totalidade. Ou seja, “identificar regularidades e poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual o seu significado possa ser apreciado”. (MAGNANI, 2002, p.21). O autor parte dos sujeitos para chegar aos espaços.

Nessa pesquisa fiz o caminho contrário, procurei os lugares para encontrar os sujeitos. Mas esse percurso inverso não me impediu de encontrar as “regularidades”. Com base nos usos e apropriações dos espaços coletivos de acesso à internet, que se tornou comum entre os jovens do bairro, dedico esse momento da pesquisa para descrever as regularidades encontradas nos usos e apropriações da Casa Brasil e da LAN *house*, especificamente, assim como demonstrarei as semelhanças e as diferenças existentes entre esses dois lugares.

Para realizar tal abordagem o autor propõe algumas categorias de análise que são: *Pedaço*, *Mancha*, *Trajeto* e *Circuitos*. O *pedaço*<sup>74</sup> já foi especificado anteriormente, junto à definição de bairro. Contudo o autor atribui à categoria uma segunda noção, que transcende o *locus*. *Pedaço*, nessa ocasião, passou a ser usado para designar um tipo particular de sociabilidade, com códigos e apropriação do espaço

---

<sup>73</sup> Esse artigo foi apresentado a partir do desdobramento da sua tese de doutorado. Durante a tese o autor criou a categoria de pedaço para identificar as redes de relações provenientes de um determinado território urbano. Nesse artigo o autor apresenta outras categorias para aprofundar o estudo dos diversos agentes que vivem na cidade grande.

<sup>74</sup> O Pedaço é uma noção formada por dois elementos básicos, o território, de um bairro, por exemplo, e a sua rede de relações, que combina laços de parentesco, vizinhança. (MAGNANI, 2002, p.21).



urbano próprio de um determinado grupo. A *mancha* faz referência a áreas, que por seus equipamentos estruturais se transformam, de alguma forma, em uma referência dentro de um centro urbano. Por exemplo, na cidade de Fortaleza podemos dizer que o Centro Cultural Dragão do Mar e suas imediações fazem parte de uma *mancha* de lazer. Essa categoria é identificada, obrigatoriamente, a partir de seus equipamentos. Os *trajetos* são os espaços que levam de um ponto ao outro, configuram as passagens, os espaços “vazios”. O *circuito* designa o uso de espaços ou de equipamentos urbanos para possibilitar, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontro, comunicação e manejo de códigos. Como *circuito* o autor também denomina um conjunto de equipamentos que concorre na oferta de um determinado bem ou serviço, ou para o exercício de uma determinada prática que acabam sendo reconhecidos como ponto de referência e de sustentação à atividade. Por exemplo, o acesso à internet é um tipo de atividade. Assim, no bairro Granja Portugal, todos os espaços coletivos que possibilitem o uso da internet fazem parte do circuito das pessoas que executam esse tipo de atividade alimentando esse hábito.

Ao me deparar com essas categorias tive a sensação de que os dois lugares investigados, com base nos usos que lhes são dados, podem vir a ser considerados *pedaço, mancha, trajeto ou circuito*.

Posso dizer que a Casa Brasil e a LAN *house* fazem parte do *circuito* dos jovens do bairro que buscam o acesso à internet. Segundo Magnani (2002) o circuito é bem mais que um conjunto fechado. Devido a isso, é possível distinguir um circuito principal que engloba outros específicos. Assim, o circuito dos jovens que frequentam esses dois lugares de acesso pode se cruzar, mas não necessariamente será o mesmo.

Paulo, André e Mateus na busca por informatização fazem o curso de *websites* na Casa Brasil. Paralelo a essa atividade esses jovens fazem outros cursos de

informática no “Centro Cultural do Bom Jardim” e no “Galpão”. Todos os dias da semana, em vários períodos, esses jovens realizam um *trajeto*, que não se limita às fronteiras do bairro, e integram um circuito. Nessa linha, posso dizer que a Casa Brasil faz parte do circuito dos jovens que buscam informatização.

O *circuito* desses jovens desenvolvido na relação com a oferta dos programas de inclusão digital deixa claro um primeiro aspecto: a busca intensiva por uma formação em informática, que segundo eles é uma exigência básica para o ingresso no mercado de trabalho.

Sim, eu vi que é uma área muito, muito concorrida, assim, é cheio de vagas no mercado de trabalho, mas tem poucas pessoas qualificadas. É... Tem não sei quantas vagas, mas quando vai ver as pessoas que estão na lista, não tem o critério, um conhecimento de Microsoft, conhecimento de Linux conhecimento... (Mateus, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

O principal motivo é: manter-me ocupado e, junto a isso, me preparar para o mercado de trabalho, porque eu vejo hoje a informática é o básico agora que eles pedem né, que o que eles querem é pelo menos o básico na informática, eu quero estar por dentro disso, eu quero, no caso, aparecer uma oportunidade eu estar é... Estar à disposição deles e preparado. ( André, 19 anos, aluno do cursos de construção de *websites* na Casa Brasil).

Porque a maioria dos empregos precisa ter informática, e agente ter um conhecimento sobre informática, é alguma coisa....negócio de mercantil, loja, sempre precisa. ( Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Um segundo aspecto identificado é que a Casa Brasil integra esse circuito também, como um espaço onde é possível ocorrer o desenvolvimento de sociabilidade<sup>75</sup>. Durante a entrevista e a observação participante percebi que realizando

---

<sup>75</sup> Conceito que supõe um vínculo social, um liame, uma ligação básica e relações sociais focadas em grupos de relações. A sociabilidade também é um conceito da sociedade humana vista como um contexto relacional global que integra a esfera inorgânica, a esfera orgânica e a esfera social num todo societário. (MOREIRA, 2005).

esse circuito esses jovens conheciam novas pessoas, se articulavam, faziam novas amizades, trocavam dicas sobre informática. Segundo alguns depoimentos:

A Casa Brasil representa muito pra mim, muito importante, foi através dela também, que eu acabei conhecendo muitas pessoas importantes na minha vida, como... O educador, teve educadores que eu conheci aqui, me deram um apoio muito grande, a gente conversa muito.(...) Isso é muito importante pra mim. (André, 19 anos, aluno do cursos de construção de *websites* na Casa Brasil).

Ah! (risos), eu gosto daqui por causa dos professores ...que é legal, do pessoal que eu faço o curso, que conheci aqui...dos meninos também que trabalham aqui.... (Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Na Casa Brasil, pude perceber, por meio da observação participante, que mesmo sem haver curso ainda era possível encontrar alguns jovens dos grupos de dança vagando nos corredores. E quando as atividades do PRONASCI começaram a acontecer essa percepção ficou mais nítida, principalmente quando presenciava os jovens que passavam a manhã inteira circulando em todas as oficinas, interagindo com os professores e fazendo novos amigos. Quando os cursos da Casa Brasil ainda estavam acontecendo percebia que após a aula alguns jovens continuavam no lugar, mesmo sem ter outras atividades para serem executadas. Assim, nem sempre a motivação principal desse jovem frequentar a Casa Brasil estava diretamente associada à inclusão digital, existiam outros motivos como conhecer pessoas, fazer amigos e/ou ocupar o tempo.

Além dos programas de inclusão, outro importante componente desse circuito é a LAN *house*. Muitos jovens que frequentam a Casa Brasil buscam também na LAN *house* uma forma de acessar à internet. Como o circuito é um elemento aberto, ao frequentar a LAN *house* esses jovens entram em contato com uma parcela juvenil do bairro que não integra os programas de inclusão em suas trajetórias, tornando as LAN *houses* os únicos lugares onde é possível acessar à internet.

Esse é o caso de Mônica, André e Jair que deixam claro a noção de circuito quando relatam em seus trajetos uma visita à LAN *house* pelo menos três vezes por semana e mesmo possuindo certa fidelidade ao estabelecimento não se privam de frequentar outras LAN *houses* do bairro. Além dos três entrevistados, como já descrevemos anteriormente, esse estabelecimento faz parte do circuito de tantos outros jovens do bairro que desenvolvem no decorrer da semana uma rotina silenciosa.

Outro aspecto interessante da LAN *house* é que apesar de ter sido projetada com uma noção de preservação da individualidade, no sentido de privacidade, quando apropriada pelos jovens do bairro torna-se espaço de comunicação, e também de sociabilidade. Com base no período de permanência em campo, pude presenciar diversas vezes a reunião de jovens em torno de um mesmo computador, ou mesmo as conversas entre computadores vizinhos onde garotas mostravam seus acessos umas as outras<sup>76</sup>. Essa sociabilidade dos jovens reitera a noção de circuito vinculada à LAN *house*.

Um fato interessante em relação à LAN *house* investigada é a sua localização, em frente à praça principal (já mencionado anteriormente). Apesar de pouco frequentada, a praça ocupa o centro do bairro que de certa maneira oferece um espaço público para integrações e para o lazer, por conta disso, ao redor da praça, existem alguns bares e lanchonetes. Apesar de ser tudo muito precário, posso dizer que esses elementos compõem uma *mancha* de lazer dentro do bairro Granja Portugal e que a LAN *house* faz parte desse conjunto. Tanto pela sua localização como também pelas apropriações de alguns jovens do bairro. Esse é o caso de Jair que várias vezes vai ao estabelecimento no intuito de acessar à internet e às vezes de “ver gente”. Mesmo sendo algumas vezes ponto de encontro de amigos, as pessoas que transitam naquele lugar o

---

<sup>76</sup> Esses acessos eram muitas vezes conversas tecladas no MSN, fotos de amigos no Orkut e raramente vídeos no You tube.

fazem para usufruir de alguns serviços, e no caso de alguns jovens, esses serviços são uma forma de entretenimento já que o bairro é extremamente carente de espaços de sociabilidade. Segundo depoimento:

Tem uns amigos do Bom Sucesso, que costumo encontrar na *LAN house*, tem vezes que a gente marca o horário de ir, e às vezes eu chego e eles já tão lá, por que eles vão com frequência. (Gaspar, 22 anos, Aluno da Casa Brasil e frequenta a LAN house).

Ainda em relação ao lazer, alguns jovens relatam que para se divertir costumam sair do bairro incluindo em seus trajetos shopping, cinema e teatro. Mas esses trajetos realizados fora do pedaço só acontecem esporadicamente. Ultrapassar aquelas fronteiras significa entrar num mundo distante e desconhecido da sua realidade. E de fato só costumam realizar tal travessia se for a trabalho ou a lazer. Quando a lazer, costumam sair em turmas, formam grupos para pegar o ônibus e ir a destinos comuns. Raramente costumam sair sozinhos para algum lugar distante.

Quando eu saio do bairro, vou passear(...)Vou pro shopping, pra várias apresentações, a gente se apresenta em festivais(...)E aí a gente sai, sempre passeia,vai para os festivais, a gente até ganhou o Oscar duas vezes (...) Foi muito legal passear com o pessoal da igreja, saio sempre pra se apresentar em outras igrejas, também saio pra evangelizar (...)saio pra beira mar, dragão do mar para evangelizar, muito legal. (Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

No momento, ainda não estou saindo muito, mas eu, eu estou começando a me soltar mais a querer sair mais, agora que eu já tenho um grupo de amigos, e que eu estou sendo monitor, estou ganhando, já posso sair em final de semana com os amigos, curtir um pouquinho, a tendência é melhorar ainda com relação a isso, a frequentar mais cinema, teatro, ao shopping, as coisas que eu gosto que eu não tinha acesso. (André, 19 anos aluno da Casa Brasil).

*Bárbara* costuma sair do bairro com o grupo da igreja para evangelizar. Ela dedica quase todas as suas horas vagas às atividades da igreja (que acontecem todas as noites) e à internet. Já *André* não é evangélico mas faz parte de vários cursos de

informática: Na Casa Brasil, no Centro Cultural Bom Jardim e no Condomínio Digital. Nessas instituições costuma interagir com os professores e alunos construindo assim novos vínculos possibilitando a saída do bairro para explorar novos horizontes.

Com base nesses fatos pude perceber que apesar de esses jovens sempre enfatizarem em seus trajetos a ida a shoppings e cinemas, lugares considerados por Augé como “não-lugar”, sempre levam o *pedaço* com eles. Esse aspecto deixa claro, mais uma vez, uma modernidade permeada por contradições. Por mais que tentem mostrar certo cosmopolitismo, frequentando “não-lugares”<sup>77</sup>, esses jovens acabam evidenciando que sua rede de relações e suas maiores referências estão ancoradas naquele *pedaço*. No caso de André esse *pedaço* está relacionado aos programas de inclusão. E no caso de muitos outros jovens do bairro a *LAN house* também pode ser considerada um pedaço quando marcam os seus encontros e dividem suas experiências nesse estabelecimento.

Diferente da *LAN house*, posso dizer que a Casa Brasil também faz parte de uma *mancha* que se destina serviços públicos no bairro. A vizinhança da instituição é composta pela escola municipal Martins Filho, pelo CAPS e pela OCA de Saúde Comunitária. Esse núcleo de assistências sociais é um ponto de referência para todos os moradores do bairro. Para os jovens que estudam na escola Martins Filho e fazem curso na Casa Brasil, aquela instituição faz parte de uma *mancha* educacional já que a representação principal da Casa Brasil entre esses jovens está atrelada à aprendizagem:

Uma forma de aprender mais, ir a busca do conhecimento, eu acho a Casa Brasil um lugar muito bom e com cursos interessantes.” (Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Ah eu vejo como uma saída boa, porque a maioria das pessoas que eu conheço que são da minha idade, ou estão no mundo do crime, ou estão indo pro mundo do crime, aí com esses cursos, assim, é bom eles aprendem

---

<sup>77</sup> Na verdade esses “não-lugares” são lugares sociais e comumente definidos como de prevalência de classes médias e alta.

alguma coisa a mais, desenvolvem um lado da mente que não tem ainda... (Mateus, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

Como eu falei me preparar para o mercado de trabalho, e me desenvolver melhor com o meu convívio social, e estar preparado para o mercado de trabalho principalmente. (...) A Casa Brasil começou a me ceder essas informações super importante, que eu acho, e eu me considero uma pessoa de nível médio em relação à informática, eu não conheço só o básico, agora eu estou aprendendo um pouco mais avançado, estou entrando nesse meio já(...) (André, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

Não, aqui eu aprendi muito, principalmente nos cursos que eu fiz. Eu aprendi mesmo e estou aprendendo, vou concluir esse, nesse mês e estou aprendendo mesmo. ( Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

O mais interessante é que por mais que os jovens usufruam da instituição como espaço de encontro, de sociabilidades (como é o caso dos grupos de dança, e outras situações já descritas anteriormente) em seus discursos o principal atributo à instituição refere-se à aprendizagem.

Já na LAN *house* um elemento muito presente no discurso dos jovens frequentadores é a liberdade de acesso e a possibilidade de diversão. Quando pergunto aos jovens suas motivações em frequentar à LAN *house* eles respondem:

Aqui na Casa Brasil você acessa mais o que você necessita para o curso. Na LAN *house* você acessa por espontânea vontade. Ver o que você quiser vê. (Gaspar, 22 anos, Aluno da Casa Brasil e frequenta a LAN *house*).

Porque na LAN *house* você tem tudo, acessa tudo que você quiser, Orkut, MSN, fofocas, sem ter o monitor olhando, falando que tem coisas que você não pode acessar. (Jair, 18 anos, frequenta LAN *house*).

Sites de relacionamentos, sites de notícias. (..) além de você poder se divertir, você também pode fazer pesquisa e outras coisas. Tudo o que você quiser. (Álvaro, 19 anos, frequenta a LAN *house*).

Essa liberdade de acesso que os jovens relatam, está associada principalmente a noção de diversão na rede. Durante alguns acompanhamentos pude perceber que os principais acessos na LAN *house* referem-se ao entretenimento, fato

que reitera o papel da LAN *house* no circuito desses jovens como um elemento integrante da *mancha* de lazer.

Dessa forma, posso afirmar que a Casa Brasil e a LAN *house* além de serem estruturas que possibilitam um contato com a rede, se apresentam como lugares de encontros para realização de atividades afins, reafirmando assim a compreensão de *circuito* por parte desses jovens internautas.

Quando me reporto às *manchas* como equipamentos estruturais responsáveis por criar pontos de referência dentro do bairro a Casa Brasil e a LAN *house* apresentam atribuições específicas. Essas peculiaridades podem ser identificadas nas normas dos lugares, na estrutura e na forma de organização física do espaço assim como também nos discursos dos jovens entrevistados. Diante desses aspectos retomo a noção de espaço de Santos (2009) para tentar compreender como essas três formas de agir (*agir técnico, agir formal e simbólico*) podem, na prática, modificar as apropriações de um determinado espaço e da internet quando inserida no mesmo.

A Casa Brasil, como já sinalizado, é um programa de inclusão, faz parte de uma *mancha* de aprendizagem, possuindo um conjunto de normas que se refletem em seu agir técnico. A maneira que organizam os seus computadores, por exemplo, possibilitando o acompanhamento do professor do que os jovens acessam, está intimamente relacionado a um agir normativo daquele espaço. Essa forma de agir da instituição também influencia no agir simbólico, pois a maneira como os jovens compreendem esse espaço está em sintonia com um agir técnico e normativo estabelecido.

A LAN *house*, por sua vez, possui um agir normativo bastante flexível em relação aos conteúdos acessados, mas o tempo de acesso se constrói em uma forma de controle para esses jovens. Mediante um pagamento os jovens podem acessar qualquer



conteúdo, por um tempo determinado. Com base nesse agir normativo, o estabelecimento organizou todos os seus computadores voltados para parede estabelecendo um agir técnico que assegurasse a privacidade e a liberdade de acesso. Essas duas formas de agir do estabelecimento são reiteradas no discurso dos jovens que associam ao uso da internet na LAN *house* o sentimento de liberdade e de lazer.

Com base nesses elementos posso assim tratar esses dois lugares de acesso como parte de manchas específicas dentro do bairro, não só pela sua localização mas pela forma de agir desses lugares.

A Casa Brasil e a LAN *house* do bairro Granja Portugal são lugares fruto de uma exigência da Sociedade da Informação por inclusão digital. Ambos fazem parte da dinâmica local interagindo fortemente com o bairro e com os seus habitantes. A medida que foram se adaptando à realidade local foram também responsáveis pela transformação dessa realidade. Hoje esses lugares já fazem parte do pedaço, e a partir dos usos e apropriações, por parte dos jovens do bairro, se transformam em *circuitos, manchas e pedaços*.

Com base no que foi discorrido nesse capítulo, ambos os lugares de acesso possuem propostas distintas e são apropriadas de forma específica por parte dos jovens que se relacionam de forma diferenciada com cada *lugar*. Mas será que os usos e apropriações da Internet por parte desses jovens nesses dois lugares de acesso são diferenciados?

#### 4.2 USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET NOS DOIS LUGARES DE ACESSO

Depois de identificar os principais aspectos referentes aos usos e apropriações dos lugares de acesso relacionando-os com o contexto do bairro, creio ter

melhores condições de investigar e buscar compreender os usos e apropriações da internet nesses dois lugares.

Para identificar quais são esses usos e apropriações muitas dificuldades foram encontradas sejam por fatores organizacionais ou mesmo estruturais que dificultaram o acompanhamento dos acessos cotidianos dos jovens. Como já descrevi anteriormente, nesse percurso tive que criar possibilidades, montar estratégias, para chegar aos jovens, já que a permanência em campo por si só não foi o suficiente para estabelecer uma relação de confiança com eles.

Como já relatado anteriormente as metodologias utilizadas para dar contas dos usos e apropriações foram: *Webgrafia*, entrevista em profundidade e a observação participante.

Com a *webgrafia* busquei realizar a pesquisa sob dois aspectos. O primeiro, de forma quantitativa, com um acompanhamento por computadores, dando atenção especificamente aos conteúdos acessados minuto a minuto. Essa primeira análise gerou dados numéricos e percentuais acerca dos principais sites acessados em cada lugar de acesso. Assim pude compreender *o que* os jovens acessavam. O segundo aspecto, de caráter mais qualitativo, possibilitou-me ter uma noção mais precisa acerca das rotinas de acesso, identificando quais os equipamentos utilizados, qual a alternância de sites acessados, quais as principais funções exploradas em cada site. Ou seja, pude ter uma noção de *como* os jovens acessavam e suas apropriações.

Com a entrevista em profundidade, pude ter uma noção dos sentidos que são dados aos usos em cada lugar de acesso, e como esses sentidos estão presentes nos processos de usos e apropriações dos espaços de acesso e nas formas de uso da internet.

Mediante o uso desses dois métodos, mesclados às experiências da observação participante pude identificar os usos imprevistos do meio que se contrapõem às regras “formais” preestabelecidas e algumas apropriações da internet.

#### 4.2.1 *Webgrafia*<sup>78</sup> - o que usam?

Para realizar o acompanhamento dos jovens, tive que adequar o método às possibilidades que me eram dadas em campo. Como já mencionei anteriormente, na Casa Brasil, só foi possível o mapeamento durante as aulas de criação de *websites*, que disponibilizava 20 minutos de acesso livre antes da aula. Em relação à disposição da bancada de computadores a Casa Brasil possui uma estrutura ideal para o acompanhamento de acessos, já que, a própria natureza organizacional da instituição exige que os jovens sejam monitorados durante o acesso à internet. A *LAN house*, ao contrário, assegura ao usuário, que está pagando, o quesito privacidade. Quem procura a *LAN house* para acessar à internet busca acesso livre e discricção. Essa lógica influenciou na organização dos computadores todos virados para a parede dificultando o acompanhamento de acessos dos jovens.

Com base nessas características, tive que montar estratégias para viabilizar a pesquisa. Na Casa Brasil procedi da seguinte maneira. Primeiro identifiquei quais os *sites* eram frequentemente acessados e suas categorias. Com base nesses *sites* fiz uma planilha com as seguintes variáveis: na vertical os computadores pesquisados e na horizontal os principais *sites*<sup>79</sup>. Durante o registro, que era feito de minuto a minuto, conforme o tempo ia passando, ia distribuindo pontos nos quadros referentes aos sites acessados. No final da coleta de dados, somei todos os minutos referentes a cada site e

---

<sup>78</sup> Método utilizado com base nas proposições de Lacerda (2008).

<sup>79</sup> Acompanhe no anexo IV o modelo da planilha aplicada na Casa Brasil.

com base no total de minutos pesquisados pude ter um percentual de quais sites foram mais acessados pelos jovens. Durante o curso de criação de *websites* na Casa Brasil, a frequência apresentava certa inconstância pois embora houvesse 12 alunos matriculados (3 mulheres e 9 homens) a investigação registrou uma média de 8 alunos. Conseqüentemente, neste caso, foi acompanhado uma média de 8 computadores. A investigação só ocorreu nos dias do curso de criação de *websites* e os minutos foram distribuídos da seguinte maneira:

<b>Data</b>	<b>Alunos em Sala</b>	<b>Sexo</b>	<b>Tempo de investigação</b>
Dia: 29/09/10	7(sete)	2(M) e 5(H)	20 min
Dia 04/10/10	8(oito)	3(M) e 5(H)	20 min
Dia 06/10/10	8(oito)	2(M) e 6(H)	20 min
Dia 13/10/10	9(nove)	3(M) e 6(H)	20 min
Dia 18/10/10	8(oito)	1(M) e 7(H)	20 min
Dia 20/10/10	9(nove)	1(M) e 8(H)	20 min
Dia 25/10/10	5(cinco)	2(M) e 3(H)	20 min
Dia 27/10/10	8(oito)	2(M) e 6(H)	20 min
<b>MÉDIA DE ALUNOS INVESTIGADOS</b>	<b>8(oito) alunos</b>	<b>2(mulheres) e 6(homens)</b>	<b>160min ( por computador)</b>

**Tabela 2: Especificação da investigação dos usos da internet na Casa Brasil**

Na LAN *house* tive uma imensa dificuldade de realizar esse tipo de acompanhamento, pois, de fato, os jovens que pagavam pelo acesso exigiam privacidade. Depois de algum tempo frequentando o lugar, passei a perceber que eram

os mesmos jovens que frequentavam esse estabelecimento. Aos poucos fui me aproximando e estabelecendo uma relação de confiança com alguns usuários (geralmente os mais frequentes) assim como também com o proprietário do estabelecimento. Foi somente depois de um longo período de permanência em campo que tive permissão de acompanhar tais acessos.

Como a rotatividade desses jovens era bem maior que na Casa Brasil, os sites acessados também eram bem variados, por isso ficou inviável realizar uma predefinição dos principais conteúdos acessados. Devido a isso, elaborei uma planilha com a variável computador na vertical e tempo na horizontal<sup>80</sup>, com o passar dos minutos ia anotando os sites acessados. Outro elemento que tive que adaptar à realidade do estabelecimento foi o horário das investigações. Como a LAN house funcionava todos os dias da semana durante todo o dia, achei que seria importante a variação dos horários e dos dias para que o panorama dos usos se apresentasse o mais aproximado da realidade. Os minutos investigados foram distribuídos da seguinte maneira:

Data	Jovens Investigados	Sexo	Tempo de Investigação
12/04/2011 – 10 às 10:30 (Manhã)	5 (jovens)	5 (H)	30min
12/04/2011 – 15 às 15:30 (Tarde)	5 jovens	4(H) e 1(M)	30min
13/04/2011 – 14 às 14:30	5 jovens	5(H)	30min
13/04/2011 – 18 às 18:30	5 jovens	3(H) e 2(M)	30min
28/04/2011 – 9 às 9:30	5 jovens	4(H) e 1(M)	30min
28/04/2011 – 11 às 11:30	5 jovens	4(H) e 1(M)	30min
30/04/2011 – 10:30 às 11:00	5 jovens	3(H) e 2(M)	30min
30/04/2011 – 15 às 15:30	5 jovens	4(M) e 1(M)	30min
<b>MÉDIA</b>	<b>40 jovens</b>	<b>4 (H) e 1(M)</b>	<b>240 min (por computador)</b>

Tabela 3: Especificação da investigação dos usos da internet na LAN house

<sup>80</sup> Acompanhe no anexo V o modelo da planilha para a LAN house.

Considero importante ressaltar que a investigação na Casa Brasil se deu durante um curso de informática, devido a isso os acessos eram realizados pelos mesmos jovens, por isso o número de internautas investigados foi bem reduzido em relação ao número da LAN *house*. Diante das possibilidades do campo foi possível mapear um total de 2480 minutos nos dois lugares de acesso. Na Casa Brasil, 1280 min, e na LAN house, 1200min.

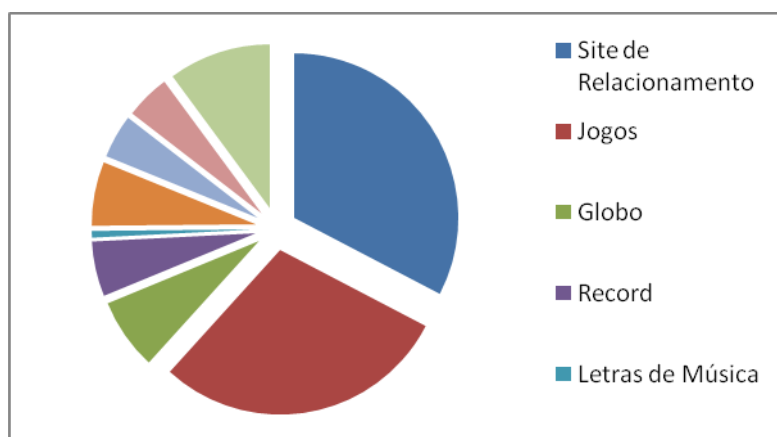
Com base no acompanhamento desses acessos foi possível ter um panorama geral acerca dos principais usos em cada lugar, como também acompanhar qualitativamente esses acessos de modo a perceber algumas apropriações. Inicialmente irei apresentar e problematizar os dados que dizem respeito a *o que* os jovens usam.

#### 4.2.1.1 CASA BRASIL

Na Casa Brasil os acessos identificados foram distribuídos da seguinte maneira:

Conteúdo	Minutos	Porcentagem
Orkut ( rede social)	389min	30,3%
Orkut (joguinhos)	349min	27,2%
Pesquisas	128min	10%
Site G1(Globo) – Entretenimento (Fofoca, Novelas, Esporte)	85min	6,6%
Blog	83min	6,4%
Google	62min	4,8%
E-mail	60min	4,6%
Site R7(Rede Record) – Entretenimento (novela, fofoca, esporte)	54min	4,2%
Site G1(Globo) – Notícias (Política, Economia, Tecnologia)	31min	2,4%
Site R7(Rede Record) – Notícias (Política, Economia, Tecnologia)	21min	1,6%
Letra de música	18min	1,4%

Por meio do acompanhamento desses acessos pude perceber que alguns sites possuem funções diversificadas e o *Orkut* é um exemplo disso. Esse *site* é prioritariamente categorizado como um *site* de relacionamento, contudo ele possui outras funcionalidades, como por exemplo, os jogos, o bate papo, as comunidades que comercializam produtos e até mesmo conteúdos pornográficos. Com base nessas múltiplas funcionalidades do *Orkut*, foram identificados na Casa Brasil os seguintes usos: Como site de relacionamento – 30,3%. Utilização os jogos disponibilizados no site – 27,2%. Assim dentre os minutos registrados 57,5% dos acessos foram no *Orkut*.



**Tabela 4: Demonstrativo dos usos da internet na Casa Brasil**

Nos *sites* das emissoras de televisão, G1 (Globo) e R7 (Record), os jovens buscavam o entretenimento bem mais que as notícias. Costumavam acessar novelas, esporte, moda e vida dos artistas. Foram registradas poucas buscas a notícias. Durante o acesso a esses sites, 52 minutos foram referentes a notícias enquanto que 139 minutos foram direcionados ao entretenimento. Ainda em relação ao entretenimento, foram registrados 18 minutos de acesso a sites de Letras de Música que corresponde a 1,4% dos acessos. Diante desses dados reforço a compreensão de que a democratização do

conhecimento, com base nas novas tecnologias, deve ser relativizada, já que as formas de acesso tendem a seguir os mesmos padrões preestabelecidos por outras mídias que já são legitimadas, como é o caso das duas maiores redes televisivas brasileiras. Os jovens que possuem infinitas possibilidades de acesso limitam-se ao entretenimento televisivo que já estão habituados, embora haja uma infinidade de opções disponíveis.

Uma pequena parcela dos minutos foi registrada com acesso a correio eletrônico, 4,6%. Apesar de quase todos possuírem e-mail poucos tinham o hábito de verificar sistematicamente suas contas. Em relação à produção de conteúdos on-line, apenas 4,6% dos minutos foram direcionados a essa prática. Esses minutos foram efetuados por apenas um jovem que é responsável por manter atualizado o blog do programa de inclusão Com.Domínio digital, programa ao que estava vinculado.

Segundo Lemos (2003) vivenciar a cibercultura implica fazer parte de um contexto de leitura e de escrita. Antes do aparecimento da internet só era possível a leitura dos conteúdos. A televisão, o rádio, a escola, potencializava ao público a possibilidade de leitura, e se houvesse escrita, essa produção seria restrita a poucos. Hoje, segundo o autor, estamos vivenciando um momento que somos estimulados a escrever, a produzir, e essa produção acontece em rede, conectado a milhares de pessoas que podem compartilhar das suas ideias.

De fato, as novas tecnologias, principalmente a internet, abrem essa possibilidade de leitura e escrita a nível global. Mas é importante ressaltar que os usos da internet por parte dos jovens investigados têm se limitado (a maioria) ao acesso de conteúdos prontos, o que me faz compreender que, para que essa produção aconteça os internautas precisam ser estimulados, precisam ser convidados a produzir conteúdos que façam parte da sua realidade cotidiana. Apesar de fazerem parte de um programa de inclusão digital, esses jovens são pouco estimulados a produzirem na rede. Nesses



cursos, a aprendizagem é voltada para o mercado de trabalho, seguindo muitas vezes, um viés tecnicista. Assim mesmo vivenciando uma época de escrita e leitura esses jovens ainda não aprenderam a se inscrever como produtores de comunicação nesse universo digital.

Em relação à pesquisa, além do acesso aos sites relacionados ao curso (128 min), foram registrados também 62 minutos dedicados ao site de busca *Google*. Geralmente quando os alunos estavam pesquisando utilizavam esse site para buscar, por exemplo, conteúdos sobre a linguagem *Java*, informações sobre o sistema operacional *Linux*, tutoriais para construir sites e outros conteúdos que estavam disponibilizados em sites diversos. Mesmo se adequando a uma mesma categoria (se somarmos a quantidade de minutos que os internautas acessavam os sites relacionados ao curso, com as buscas no Google, a pesquisa está representada por 14,8% dos acessos) esses dois tipos de acesso farão parte de categorias específicas, para que no momento da comparação com a LAN *house* não haja incoerências. Assim, a ferramenta de busca representa entre os acessos cerca de 4,8% dos acessos e para pesquisas foram dedicados 10% dos minutos investigados.

Muitos desses jovens aproveitavam o tempo livre para terminarem atividades que eram passadas em aulas anteriores. Já outros, por gostarem de tecnologia, pesquisavam tais conteúdos como forma de complementar os conhecimentos adquiridos durante os cursos. Diante dessa porcentagem de acesso voltada à pesquisa retomo a noção de agir normativo da instituição, pois diante das cobranças dos cursos de informática os jovens são estimulados a se informarem sobre tecnologia e seu funcionamento.

É possível identificar, dentre esses acessos da Casa Brasil diversas categorias: comunicação, entretenimento, notícias, produção de conteúdos e pesquisa<sup>81</sup>. Para comunicação classifiquei os acessos que tinham como prioridade o contato como o outro: Site de relacionamento Orkut correio eletrônico: 34,9% dos minutos acessados. Para entretenimento relatei os seguintes tipos de acesso: Jogos, busca de informações no site Globo e Record e site de letras de música. O total de minutos voltados ao entretenimento foi: 39,4 %. Produção de conteúdos está relacionada à criação e veiculação de algum conteúdo na internet por parte dos jovens. Apenas 6,4% dos minutos foram destinados à manutenção de um blog e apenas por um jovem. Dos quatro jovens que participaram da entrevista em profundidade, três afirmaram que têm ou já tiveram um *blog*:

Eu tenho dois (*Blogs*), mas só uso um só pra botar... Testar o que eu conheço de web site. (*Mateus*, 20 anos, aluno da Casa Brasil).

O que eu acesso mais é o meu blog, é o que me chama mais atenção(...) O meu eu não uso muito, o meu pessoal, mas teve trabalho na escola, no Condomínio Digital, que agente, a nossa equipe era de... Era criar um site pra mostrar pro pessoal o que era o Condomínio Digital, quem pode entrar quem tem acesso e tal. Aí eu mexo mais nesse blog, certo, eu dou mais manutenção nesse blog, tipo... Se está faltando imagem, textos...(André, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

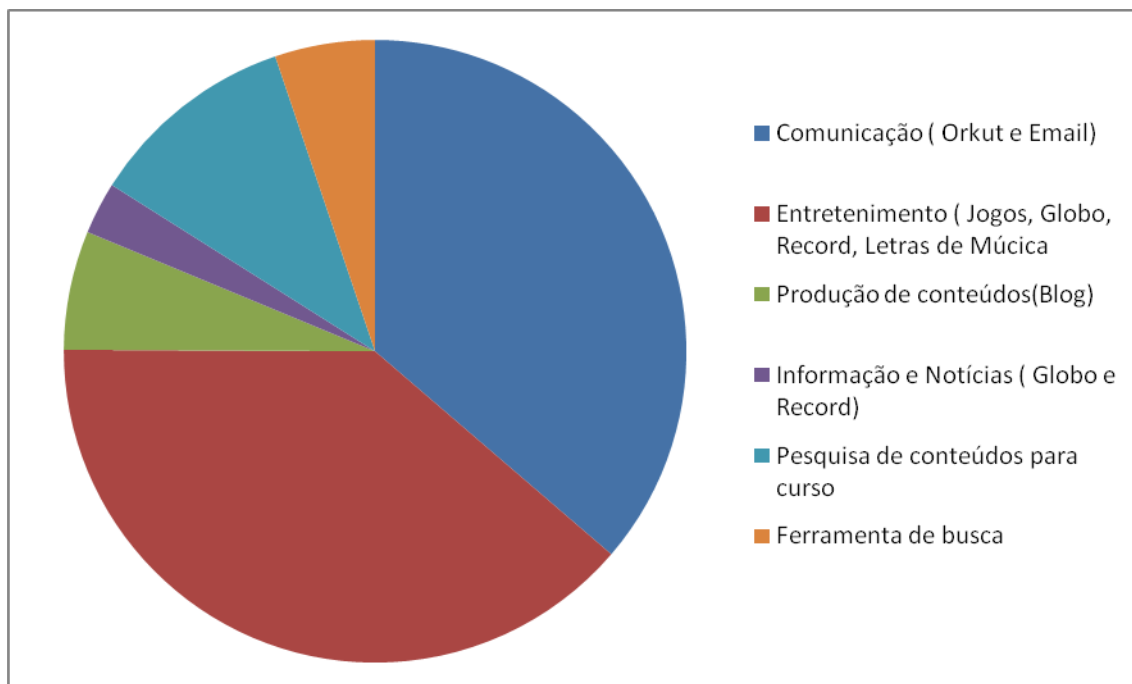
Eu tinha, não tenho mais (*Blog*).(...) Colocava redações escolares, pegava algum tema e criava uma redação e colocava lá. ( Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Apesar de nos discursos estarem presentes a produção de conteúdos, na prática esse tipo de uso apresentou uma pequena porcentagem tendo ocorrido apenas por apenas um aluno. Diante dessa contradição acredito que a própria forma de agir normativo da instituição, que permite o acesso à internet somente em pequenos intervalos de tempo, desencoraja esse internauta a produzir de forma livre na rede.

---

<sup>81</sup> Assim como Lacerda (2008) e de acordo com os usos dos sites dividi-os em categorias para realizar a análise.

Notícias são os conteúdos relacionados a informações sobre política, economia e saúde. Apenas 4,0% dos acessos foram voltados para esse tipo de conteúdo. Pesquisa são todos os conteúdos que estão relacionados à complementação do curso que esses jovens estão participando, nos termos já indicados. Dentre os minutos investigados 14,8% foi destinado à pesquisa.



**Tabela 5: Categorização dos usos da internet na Casa Brasil/ Granja Portugal.**

Com base nos discursos é possível dizer que os jovens que frequentam a Casa Brasil atribuem à instituição um espaço de aprendizagem e profissionalização. Esses jovens costumam perceber a internet da seguinte maneira:

Um meio de comunicação tem assim, um mundo inteiro, só que algumas pessoas acabam achando que internet é só Orkut, MSN, hotmail, e não procuram se informar(...) É uma forma de entretenimento, mas a certo ponto, se você tiver internet em casa, não é só pra você o Orkut, o MSN, se você tem o acesso. Assim, de certo modo, procure pesquisar. Olha, o meu primo ele tem computador em casa, internet, mais é direto pedindo ajuda a mim nas atividades dele. Aí eu falei pra ele: olha, tu precisa na internet sobre tal assunto e ele não... Ele acha que a internet é só pra jogar, ver hotmail, Orkut...(Mateus, 20 anos, aluno da Casa Brasil).

É uma boa fonte de pesquisa né, eu uso mais é pra pesquisar alguma coisa, só isso mesmo. É difícil eu entrar em Orkut, MSN. (Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Ah! Antes eu não queria ter mais conhecimento das coisas, {pensativa} aí comecei a acessar a internet e fiquei em busca de mais conhecimento, conhecer mais as coisas. (Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Ah! Muda muito né, as qualidades de uma pessoa que acessa a internet, é muito diferente. O conhecimento é mais expandido, a pessoa é mais interagida com o mundo. A internet não serve só pra você se divertir com MSN, Orkut, mais sim pra fazer pesquisas, imprimir trabalhos. A internet é de tudo um pouco na vida da pessoa. (Gaspar, 22 anos, Frequenta a LAN house e é aluno da Casa Brasil).

Nesses discursos identifico que o uso da internet também está associado à interação, comunicação e conhecimento. Esse sentido atribuído ao meio por parte dos jovens evidencia a noção de inclusão, de participação nos acontecimentos mundiais. De fato, hoje, com ascensão da internet, é possível um consumo de produtos culturais, para todos os setores, de forma muito mais rápida do que há alguns anos. Filmes, músicas, vídeos, notícias, tudo pode ser acessado em tempo real por esse jovem da periferia e com apenas um *click*. É por conta dessa rapidez, e dessa facilidade de acesso que os internautas atribuem ao meio a compreensão de “mundo inteiro” de possibilidades.

Um fato curioso nessas declarações é que, mesmo compreendendo a rede como ferramenta de comunicação e interação, 3(três) desses jovens atribuem ao *site* de relacionamento *Orkut* e ao *software* de conversação *MSN* a noção de entretenimento, e deixam a entender que não concordam com o uso demasiado desses *sites*. Quando retiro o foco dos discursos dos jovens e desloco meu olhar para investigar os usos efetivos da internet nesse lugar, percebo, contudo, que prevalecem as categorias de entretenimento e comunicação na rede. E mesmo durante as aulas, quando o professor dita os comandos a serem seguidos pelos alunos, os jovens permanecem acessando os sites de relacionamento paralelo às atividades. Esses jovens, apesar de perceberem a instituição e a internet como espaços de ampliação de conhecimento, em seus usos do meio

costumam ter comportamentos similares entre si, no que diz respeito ao uso da internet voltado ao entretenimento e a comunicação. Ou seja, o *agir* formal da instituição, que compreende a internet como uma ferramenta de aprendizagem e profissionalização, acaba sendo assimilado pelos jovens alunos e reproduzido em seus discursos. Entretanto, os usos efetivos da *web* demonstram que essa *forma de agir* da Casa Brasil é praticada de maneira reduzida pelos internautas.

Ainda que em menor grau, existem os jovens que procuram realizar pesquisas na rede como forma de complementação dos conteúdos do curso que estão participando, mas é importante ressaltar que a maioria desses conteúdos é vinculada à noção de tecnologia. Pesquisam os novos equipamentos tecnológicos, sistemas operacionais e *softwares*. Esse tipo de pesquisa tende a reproduzir questões que giram em torno da supervalorização da técnica. Ou seja, através da manipulação e do conhecimento dos equipamentos subentende-se que os jovens poderão ingressar mais facilmente ao mercado de trabalho, sairão da marginalidade, se tornarão cidadãos críticos, diminuindo assim as diferenças sócio-culturais entre os diversos setores sociais. Na verdade, essa noção vinculada à manipulação tecnológica, além de estar presente nos acessos, está fortemente presente no discurso dos jovens da instituição:

Eles vão lhe auxiliar, você aprender desenvolvimento, infra-estrutura banco de dados(...) Pra futuramente alguma empresa contratar o seu serviço. (*Mateus*, 20 anos, aluno da Casa Brasil).

eu vejo hoje a informática é o básico agora que eles pedem né, que o que eles querem é pelo menos o básico na informática ( *André*, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

(...)Eu acho um lugar muito bom e representa muita coisa, porque os cursos daqui são muito bons, e pode no futuro ser uma coisa boa pra mim.(...) No profissional. ( *Bárbara*, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Ao abordar essa questão, vale destacar mais uma vez que inclusão digital não se traduz simplesmente em acesso à internet e a profissionalização. Os jovens precisam ser estimulados a produzirem na rede, a buscarem conteúdos que favoreçam a produção de conhecimento sobre o mundo e a serem atores nesse processo de domínio digital. Sem dúvida, para haver essa inclusão, o primeiro passo é a disponibilização de estrutura técnica, contudo, diante da formação tecnicista desses internautas nos cursos investigados, acredito que os métodos adotados precisam ser repensados e só assim, aos poucos não somente os jovens, mas também os professores, poderão despertar para a infinita funcionalidade da rede.

#### 4.2.1.2 LAN HOUSE

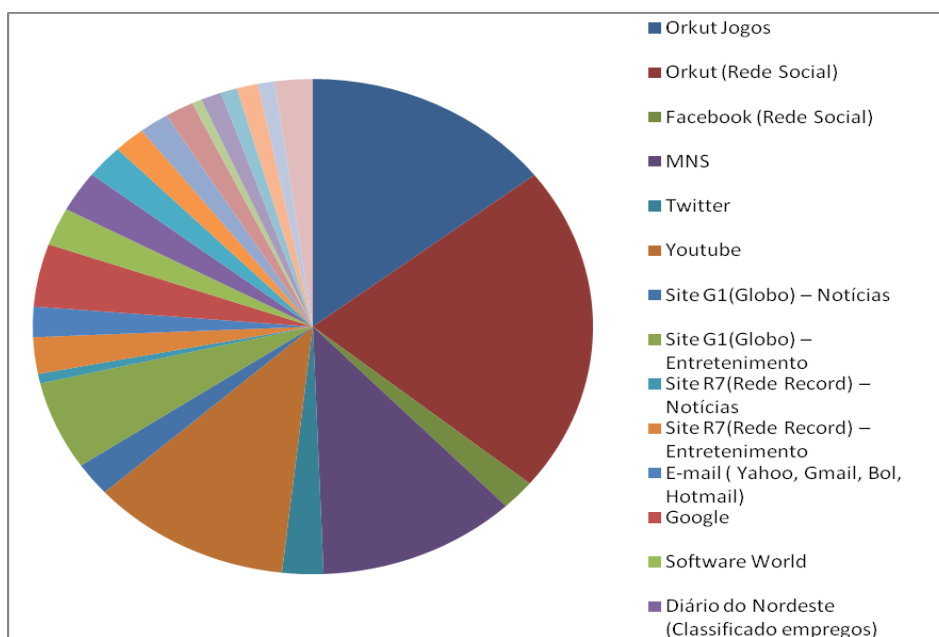
Na *LAN house*, a diversidade de sites acessados foi bem superior aos encontrados na Casa Brasil. Isso por que, como já mencionei anteriormente, a rotatividade dos jovens nesse estabelecimento é muito maior do que na instituição. Outro ponto que contribuiu para essa variedade foram os horários investigados e o tempo dedicado a cada jovem. Para ter uma visão mais geral dos acessos nesse lugar, realizei a pesquisa em horários variados, e cada jovem foi investigado cerca de 30 minutos. De acordo com tempo total os acessos aos sites foram distribuídos da seguinte maneira:

SITE	TOTAL DE MINUTOS	PORCENTAGEM
Orkut (Rede Social)	270min	22,5%
Orkut Jogos	117min	15,25%
Youtube	146min	12,16%
MSN (Mensseger)	145min	12,08%
Site G1(Globo) – Entretenimento (Fofoca, Novelas, Esporte)	73min	6,08%
Google	52min	4,3%
Diário do Nordeste (Classificado empregos)	34min	2,8%
Software World	32min	2,6%

Site R7(Rede Record) – Entretenimento (novela, fofoca, esporte)	30min	2,5%
Twitter	30min	2,5%
Sites de compras na Net	28min	2,3%
Site G1(Globo) – Notícias (Política, Economia, Tecnologia)	28min	2,3%
4Shared ( Baixando Música)	28min	2,3%
E-mail ( Yahoo, Gmail, Bol, Hotmail)	25min	2,08%
Facebook (Rede Social)	25min	2,08%
Pesquisas escolares	23min	1,91%
Site de Fofoca	22min	1,8%
Sites de Letras de Música	21min	1,75%
Site de artistas (ouvindo música)	16min	1,3%
Trailer de Filmes (cinema)	15min	1,25%
Toques de Celular (baixando toque)	12min	1%
Site de luta livre (wwe)	12min	1%
Sites de Mensagens	8min	0,6%
Site R7(Rede Record) – Notícias (Política, Economia, Tecnologia)	8min	0,6%

**Tabela 6: Conteúdos acessados na LAN house e tempo de acesso em cada conteúdo**

Com base nos acessos e na distribuição do tempo a cada conteúdo, segue a representação em gráfico desses conteúdos:



**Tabela 7: Distribuição dos conteúdos acessados na LAN house.**

Com base nesses acessos pode-se perceber novamente a presença marcante do *Orkut* tanto no papel de redes social como também com a utilização dos jogos em rede. Como rede social foram 270 minutos dedicados ao site, cerca de 22,5% do tempo de acesso dos jovens. Além do Orkut, mesmo em menor grau, outros sites de rede social também apareceram na pesquisa, o *Facebook* (2,08%) e o *Twitter* (2,5%). O software *MSN (Mensseger)* também foi utilizado de forma expressiva pelos jovens da pesquisa representando cerca de 12,08%. O acesso a e-mails correspondeu apenas a 2,08% dos minutos acessados. No total foram 41,54% dos acessos voltados para comunicação on-line. Vale destacar que, os jovens, além de se encontrarem na *LAN house* para acessar a internet, também fazem desse estabelecimento um ponto para encontro *on-line*. Essa funcionalidade reitera a noção de *circuito* traçada por Magnani, já que os jovens se dirigem ao estabelecimento para acessar a internet, e acabam construindo um espaço de sociabilidades.

Em relação à categoria entretenimento pode-se dizer que grande parte dos minutos acessados também foi direcionada para essa finalidade. O *Youtube* site de compartilhamento dos vídeos representou cerca de 12,16% dos acessos<sup>82</sup>. Para os joguinho do Orkut foram dedicados 15,25% dos minutos acessados. Os sites das grandes emissoras televisivas como o G1 ( site da Rede Globo) e o R7 ( site da Record) também foram utilizados como portais de entretenimento pois neles os jovens buscavam informações sobre esporte, novelas, vida pessoal dos artistas, enfim conteúdos mais direcionados à diversão. Com essa finalidade esses sites foram acessados durante 103minutos (8,58%). Outros sites voltados ao entretenimento também foram acessados

---

<sup>82</sup> Os vídeos mais acessados estavam vinculados a Clipes de música e Vídeos engraçados que ganharam destaque na rede.



por uma menor quantidade de tempo, foram eles: Site de fofocas<sup>83</sup>(1,75%), Site de Letras de Música<sup>84</sup> (0,6%), Site de Mensagens<sup>85</sup> (1,25%), Site de Trailer de filmes (1%), Site de Bandas famosas<sup>86</sup> (1,3%), Site de baixar conteúdos (3,3%)<sup>87</sup> e sites de luta livre<sup>88</sup> (1%). Com base nesses acessos, a categoria de entretenimento ocupa cerca 41,6% dos acessos.

Com base nesses acessos predominantes, comunicação (41,54%) e entretenimento (41,6%), retomo a noção de *mancha* de lazer associado à funcionalidade da *LAN house*, pois esses usos da internet reforçam a noção de diversão. Segundo depoimento dos jovens sobre o que a internet representa em suas vidas:

Representa um pouco uma parte da minha vida, conhecer um pouco o mundo, conhecer o dia a dia dos famosos (risos), mais a parte do TV fama. É muito bom a pessoa usufruir da internet, da *LAN house*.(Jair, 18 anos, frequenta a *LAN house*).

Representa novas oportunidades, representa lazer. Eu acho que tudo, além de você poder se divertir. (Álvaro, 19 anos, frequenta a *LAN House*).

De fato, o discurso dos jovens reitera os usos da internet realizados no estabelecimento. Apesar de existir uma forte ênfase no lazer, existem também outros elementos nessas declarações, que ressaltam o “conhecimento sobre o mundo” e “novas oportunidades”. Na realidade a internet é compreendida por esses jovens como uma ferramenta que possibilita a vinculação com o mundo que se expressa também relacionada a noção de atualização:

---

<sup>83</sup> Foram identificados dois sites (utilizado por dois internautas): [sitedosfamosos.com.br](http://sitedosfamosos.com.br) e [ofuxico.com.br](http://ofuxico.com.br)

<sup>84</sup> Foi identificado o site (utilizado por um internauta): <http://letras.terra.com.br/>.

<sup>85</sup> Foram identificados os sites ( utilizado por apenas um internauta): [www.mensagemdeamor.com.br](http://www.mensagemdeamor.com.br), [www.declaracaodeamor.com](http://www.declaracaodeamor.com), [www.mensagensdeternura.com/](http://www.mensagensdeternura.com/).

<sup>86</sup> Foram identificados os seguintes sites (utilizado por dois internautas): <http://www.paramore.com.br/> e <http://www.pitty.com.br/>.

<sup>87</sup> O site utilizado para baixar conteúdos(utilizado por três internautas): [www.4shared.com](http://www.4shared.com) e outro jovem também utilizou o site: <http://www.toquesengracadosmp3.com/>, para baixar toques de celular.

<sup>88</sup> O site acessado (por apenas uma internauta) era: [www.wwe.com](http://www.wwe.com).

Na internet eu pesquiso e fico atualizada sobre essas coisas. (...) É de atualização sobre o que está acontecendo no mundo, às novidades...(Mônica, 22 anos, internauta da LAN house).

Ah, representa um mundo de oportunidades, né, você pode estar lá com pessoas de outros países como se estivesse ali na sua frente (...) Você pode saber das coisas sobre o mundo que você não pode estar lá, mas você pode saber alguma coisa da Índia ou da Austrália. É um mundo de pesquisa. (Mônica, 22 anos, frequenta a LAN House).

Esses jovens, mesmo tendo uma forte compreensão da internet associada a atualização, durante os usos, uma pequena porcentagem dos acessos foi dedicada a busca por notícias sobre política, economia e tecnologia (2,96%)<sup>89</sup>. Fato que distancia o discurso da prática e reitera a noção da LAN *house* vinculada à diversão. Outra minoria também utilizou a internet na LAN *house* para buscar “novas oportunidades” que se resumiu ao acesso a sites de busca de emprego<sup>90</sup> (2,8%). O único *site* acessado para esse tipo de busca foi o Diário do Nordeste, portal de um grande jornal do estado do Ceará. Com base nesse dado reforço a noção de que, os meios de massa que estão migrando para a plataforma da internet ganham cada vez mais espaço por sua legitimidade já estabelecida anteriormente.

Apesar de um pequeno percentual, alguns minutos foram dedicados para realizar pesquisas escolares (1,91%) e para fazer trabalhos no *software world* (2,6%). Pelo que pude perceber durante a observação participante as pesquisas escolares eram realizadas através do *site* de busca *Google*, os jovens copiavam dos *sites*, colavam os conteúdos no *software world* e enviavam para impressão. Com essa atividade rapidamente executada, os jovens passavam a acessar os sites de conversação e entretenimento. Essa noção de pesquisas escolares na internet enfatizada por alguns jovens reitera a problemática já abordada anteriormente nessa pesquisa, as metodologias

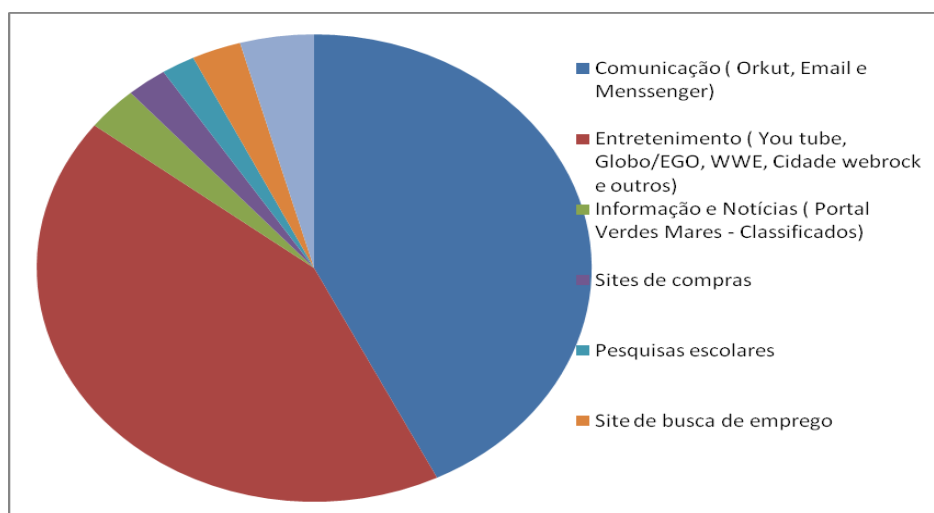
<sup>89</sup> Essas notícias foram buscadas nos sites: G1 (2,3%) e no R7(0,66%).

<sup>90</sup> O único site acesso com esse intuito foi: <http://diariodonordeste.globo.com/classif/default.asp>.

adotadas nas escolas não estão conseguindo explorar efetivamente as possibilidades da rede, pois nos usos identificados na pesquisa o trabalho dos alunos se resume, na maioria das vezes, a um *copia* (Ctrlc) e *cola* (Ctrlv). Isso, quando ainda é o próprio aluno quem seleciona o conceito dos seus trabalhos: “Pode ser os dois, tem à hora de diversão e a hora de pesquisa. Na hora de pesquisa, você vai pesquisar seus trabalhos”. (*Jair*, 18 anos, internauta da LAN house).

É importante salientar que muitos conteúdos, inclusive os direcionados a pesquisa escolar, eram encontrados por meio dos *sites* de busca, e o único *site* utilizado durante a investigação foi o *Google*, responsável por 4,3% dos minutos acessados. Senti dificuldades de incluir esse acesso em uma categoria específica, pois diferente do que acontece na Casa Brasil, o *Google* na LAN house não está se limita somente às pesquisas escolares, essa ferramenta também é utilizada para a busca de entretenimento. Assim, como foram identificadas essas outras finalidades, considerei prudente criar no caso específico da LAN house uma categoria específica para o site de busca *Google*.

Outra categoria identificada durante a investigação na LAN house foi o consumo on-line (2,3%). Apesar de não ter presenciado nenhuma compra, pude acompanhar algumas pesquisas de preço em sites de vendas. Em seu conjunto, as categorias foram distribuídas da seguinte maneira:



De acordo com os dados acerca dos acessos, apesar de outros usos da internet, no estabelecimento a maior parte dos usos é direcionada ao entretenimento e à comunicação. Fato que reforça a noção de *circuito* e de mancha de *lazer*.

#### 4.2.1.3 CASA BRASIL e a LAN HOUSE – dos usos às apropriações

De acordo com De Certeau(1994) os dados numéricos contabilizam aquilo que é usado e não as maneiras de utilizá-lo. Devido a isso, dedicarei o próximo tópico para dar conta do *como* os jovens usam a internet em cada lugar de acesso desvelando assim algumas apropriações imprevistas que deixam claro as outras ambivalências, que são operadas no seio dos setores populares.

Ao iniciar esse tópico, esclareço que ao traçar semelhanças e peculiaridades nos usos da internet nos dois lugares coletivos de acesso por parte dos internautas, estou tratando de *formas de uso* e, conseqüentemente, de apropriações.

Uma especificidade encontrada nos dois lugares diz respeito à qualidade do tempo dedicado à internet em cada lugar coletivo de acesso, que diz respeito à “*natureza e significância das atividades de recepção*” (THOMPSON, 1990, p.403), ou mesmo ao “*significado social*” (MARTIN-BARBERO, 2008) desse tempo. Essas diferenças podem facilmente percebidas, não somente na postura desses jovens nesses lugares, mas na forma de utilização da internet em ambos os lugares. E essas peculiaridades de comportamento são fruto das formas de “agir” de cada espaço. Como já mencionei anteriormente o agir normativo e técnico interferiu durante os usos da internet dos jovens. E é com base nessas mesmas formas de agir do lugar venho

buscando traçar as formas de uso da tecnologia e suas apropriações em cada lugar de acesso.

A LAN *house*, como já descrevi anteriormente, em seu agir normativo não costuma restringir acesso a conteúdos, mas o tempo de acesso. Jovens que possuem apenas R\$ 1,00, só podem permanecer durante 1h. Esse agir normativo é acompanhado por uma estrutura técnica que apesar de simples oferece instrumentos que viabilizam uma boa navegação. Dentre eles destacamos uma internet razoavelmente rápida e fones de ouvido. Diante dessa situação, o jovem internauta - que acessa um espaço de tempo relativamente pequeno durante o dia – apresenta uma forma de uso que se destaca pela agilidade. Grande parte dos usuários da LAN costuma acessar vários sites simultaneamente. Enquanto escutam uma música, conversam no MSN, baixam toques para os seus celulares, entram no Orkut e ainda acompanham outros sites de notícias e entretenimento. Sempre que se dirigem ao estabelecimento aparentam ter um roteiro programado para que o tempo de acesso seja aproveitado da melhor forma possível. Essa forma de acesso se transmuta em *tática* (DE CERTEAU, 1994, p.101) a partir do momento que se apresenta como uma forma astuta de realizar o maior número de acessos possível.

A Casa Brasil possui outra forma de agir diante dos usos da internet. Como já relatei, os acessos acontecem durante o curso de criação de *websites*, por um pequeno espaço de tempo (20min). Esses acessos são, de certa forma, acompanhados pelo professor. Junto a essas normas existe a estrutura técnica, com computadores obsoletos, sem equipamento de som, que funcionam com o sistema operacional *Linux* com internet, também, razoavelmente rápida. Com base nessas condições, os jovens que participam do curso aproveitam um espaço de tempo livre, entre o curso, para acessar a internet. Esse momento de acesso não costuma ser previamente programado, e os

internautas, em alguns momentos, acessam os endereços que possuem maior familiaridade e por “falta de opção” não costumam realizar vários acessos. Percebam a diferença entre os discursos dos dois jovens:

Vixi! É porque tem pouquinho tempo de acessar a internet, agente faz mais é o curso, mais o que eu olho, é justamente isso, essas curiosidades quando dá tempo. (Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Sempre que eu vou, o básico que eu uso, é pra conversar com as pessoas e ver notícias. (Álvaro, 19 anos, frequentador da LAN house).

Casa Brasil não, só entro e olho os meus recados e fico no café mania pra passar o tempo sabe? (Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

É... Tem a questão do tempo, é porque eu tenho pouco tempo nesses cursos, ele dá pouco tempo, tipo vinte minutos, meia hora, aí então não dá muito tempo de agente olhar tudo que agente quer, aí eu uso mais pra necessidade mesmo, que é o blog, esse tipo de coisa, agora em casa eu já olho mais conteúdo, tenho mais tempo...(André, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

Diante dessa primeira especificidade entre os dois lugares, tomarei como base as categorias dos usos elencadas anteriormente (*comunicação, entretenimento, produção de conteúdo, notícias, comprar, busca de emprego*) e suas porcentagens. Assim, de forma decrescente (da maior porcentagem para a menor), apresentarei como os jovens, em cada lugar de acesso, se apropriam dos conteúdos de cada categoria.

CATEGORIA	CASA BRASIL	LAN HOUSE
Comunicação	34,9%	41,54%
Entretenimento	39,4%	41,6%
Produção de Conteúdos	6,4%	0%
Pesquisas (escolares ou sobre os conteúdos do curso)	10,8%	4,51%
Notícias	4%	2,96%
Compras	0%	2,3%
Site de busca de emprego	0%	2,8%
Ferramenta de busca	4,8%	4.3%

Tabela 8: Comparativo entre as categorias de uso nos dois lugares de acesso

Em relação à comunicação, apesar de ambos os lugares apresentarem percentuais elevados existem inúmeras peculiaridades que perpassam o acesso a essas categorias e a primeira delas diz respeito a variedade de sites acessados nos dois lugares. Na *LAN House* foram identificados 5(cinco) sites que se enquadram nessa categorias: *Orkut*, *MSN*, *Twitter*, *Facebook* e *e-mail*. Enquanto que na Casa Brasil os acesso se limitaram apenas ao *Orkut* e ao *e-mail*.

Diante desses acessos devo enfatizar as diferentes formas de “agir normativo” desses dois espaços. Na Casa Brasil o acesso à internet acontece num intervalo do curso, por isso os jovens costumam buscar os endereços que já estão habituados, ou sites relacionados ao conteúdo do curso. Na *LAN house*, ao contrário, os jovens se dirigem ao estabelecimento unicamente para navegar na *web* e por isso buscam conteúdos diversos que lhes proporcione diversão. Nesse ponto o agir normativo desse espaço influenciou de forma efetiva na busca de conteúdos.

Entre os endereços mais familiares dos jovens da Casa Brasil, destaco o *Orkut*. Todos os dias a maior parte dos acessos eram voltadas para esse site, mas os usos não se restringiam à rede social, os jovens usam intensamente os jogos, e o bate papo do site, isso por que o sistema operacional não permite o *MSN* usual. Outra funcionalidade interessante do site eram as comunidades. Alguns garotos que eram torcedores de times de futebol viam nas comunidades uma forma de se informar sobre o seu time e de se manifestarem diante dos acontecimentos do mundo futebolístico. Com base nessa situação pude perceber que o *Orkut*, nesse sentido se transformara em portal de notícias esportivas, e num espaço de expressão de opiniões. Essas formas de uso do site são comuns a outros usuários, mas diante da situação dos jovens internautas da Casa Brasil esses usos se apresentavam como uma *tática* para exercer a conversação sem

precisar do MSN, para escrever suas opiniões sem precisar de Blog e para terem acesso às notícias de seu time sem precisar ir em site de futebol. Devido a esses diversos usos dados a esse site, os jovens costumam permanecer durante um longo espaço de tempo sem muita variação.

Na LAN house, o *Orkut* também é muito acessado. Muitos jovens passam horas navegando nesse *site*. Mas ao contrário da Casa Brasil, paralelo a essa atividade os jovens costumam realizar outras operações, como o acesso ao *MSN* e o *Youtube*. Por conta disso o uso desse site não costuma apresentar muitas outras funcionalidades além de rede social e joguinho *on-line*.

O exemplo do uso do *Orkut*, reitera a noção de que as formas de agir dos jovens diante da rede são modificadas por condições normativas e técnicas do espaço coletivo de acesso à internet. Mas essas condições não são decisivas pois, os jovens de forma criativa realizam adaptações para suprir suas demandas.

Essa noção de *comunicação* via rede além de estar presente nos acessos também aparece nas declarações dos jovens que frequentam os dois lugares. Mas, quando os jovens internautas designam qual a principal representação que têm da internet, sempre vinculam ao meio a noção de conhecimento<sup>91</sup>. A categoria comunicação só aparece em seus discursos quando esses jovens relatam suas rotinas *on-line*.

---

<sup>91</sup> Representa um pouco uma parte da minha vida, conhecer um pouco o mundo, conhecer o dia a dia dos famosos (risos), mais a parte do TV fama. É muito bom a pessoa usufruir da internet, da lan house. (*Jair, 18 anos, internauta da LAN House*).

Ah! Antes eu não queria ter mais conhecimento das coisas, {pensativa} aí comecei a acessar a internet e fiquei em busca de mais conhecimento, conhecer mais as coisas. (*Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil*).

Se você tem o acesso. Assim, de certo modo procure pesquisar. Olha, o meu primo ele tem computador em casa, internet, mais é direto pedindo ajuda a mim nas atividades dele. Aí eu falei pra ele: olha, tu pesquisa na internet sobre tal assunto e ele não... Ele acha que a internet é só pra jogar, ver hotmail, Orkut...(Mateus, 20 anos, aluno da Casa Brasil).



Eu acho que muda, porque você sente que ta interagindo com resto do mundo, como se você realmente fosse conhecido, tipo um famoso, só que na internet. Você conversa com pessoas de todo o mundo, eu, por exemplo, converso. (*Álvaro, 19 anos, internauta da LAN house*).

Através da internet, eu falei com a minha tia, meus primos porque eu nunca mais tinha visto eles. Eles moram em outro estado. Outro fato curioso que eu pesquisei ontem, só que eu não to lembrando dele (risos).(*Jair, 18 anos, internauta da LAN house*).

Vxie! Eu tenho quase quatrocentos, uns trezentos e setenta.(quantidade de amigos no *Orkut*)(...)Bom tem muita gente que eu não conheço também, só de vista, gente que não falo muito aqui da região, do bairro. Conheço só de vista aí eu bisbilhoto, procuro o *Orkut* e começo a conversar e pego amizade, por isso que tenho muitos amigos. Tenho alguns amigos de São Paulo, amigos de uma amiga minha que foi pra La. São amigos de amigas essas coisas assim. Da igreja, tenho vários amigos.(*Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil*).

É. Aí no *Orkut* eu só interajo, só pra ter contato com os meus amigos, assim, os meus antigos amigos de sala, meus colegas de curso, aí é por aí...(*Mateus, 20 anos, aluno da Casa Brasil*).

O fato de estarem participando de uma investigação acadêmica pode ter influenciado nas opiniões desses jovens que mesmo sem perceber reproduzem, até certo ponto, o discurso das instituições formais, como é o caso da escola e dos programas de inclusão digital, que atribuem à comunicação e interação on-line um sentido supérfluo. Devo enfatizar que apesar de esse traço estar presente de forma mais acentuada entre os jovens da Casa Brasil, que recebem uma influência direta do agir formal da instituição, na LAN *house* também percebi uma representação semelhante, presente nos depoimentos acima.

Ainda em relação à comunicação identifiquei que os jovens que acessam a esses *sites* afirmam que possuem amigos de outros estados, que interagem com pessoas que não conhecem, que utilizam a rede para fazer novas amizades que se restringe à perspectiva *on-line*. Esse é o caso de *Gaspar, 22 anos*, que conversa frequentemente com uma garota que mora em Santo Amaro. De *Bárbara, 18 anos*, que tem uma amiga que vive em São Paulo, de *Álvaro, 19 anos* que afirma utilizar o *Orkut* para conhecer

novas pessoas. Contudo esses jovens enfatizam também que a maioria dos seus amigos *on-line*, faz parte do seu universo *off-line*. São colegas de colégio, vizinhos, amigos de LAN *house*, colegas dos cursos de informática. Diante dessas afirmações dos jovens identifiquei, que a própria noção de comunicação *on-line* ganha duplo sentido a partir dos usos que são dados. Um primeiro promove a noção de globalização e cosmopolitismo. Um segundo enfatiza novamente a noção de *pedaço*. A rede digital passa a ser uma extensão do bairro que se desloca para uma perspectiva *on-line*.

Nesse exemplo, encontro o bairro, e a rede de relações que nele se estabelece. Além dos lugares de acesso ele também representa um forte mediador nesses usos e interfere não somente nas formas dos usos e apropriações do lugar de acesso mas também nas apropriações da internet por parte desses jovens.

A segunda categoria mais acessada diz respeito ao *entretenimento*. Em ambos os lugares essa categoria foi intensamente visitada. Mais uma vez, destaco uma peculiaridade muito visível entre os dois lugares de acesso que foi a disparidade na variedade de sites acessados. Enquanto que na LAN *house* 11 (onze) sites foram encontrados na Casa Brasil apenas 4(quatro) *sites* ocupam essa categoria.

Os sites voltados ao entretenimento mais acessados nos dois lugares foram os jogos *Orkut*, e os portais das grandes redes da televisão brasileira o G1(Globo) e o R7 (Record). Na LAN *house* um site de grande representatividade é o *Youtube*, que na Casa Brasil por sua estrutura técnica (sem equipamentos de áudio) não é possível o acesso. Esse exemplo aponta para a noção de “agir técnico” citado por Santos(2009), e dos “contextos de recepção” enfatizados por Thompson (1990). Ambos os autores deixam claro que em uma investigação a estrutura técnica pode influir nos usos e apropriações de um meio de comunicação e de fato, por conta da estrutura técnica da instituição os alunos da Casa Brasil são privados de acessar alguns conteúdos.

Ainda em relação aos principais conteúdos voltados ao entretenimento acessado pelos jovens enfatizo a presença marcante das grandes corporações como é o caso do *Orkut*, site de rede social e do *Youtube*, site de compartilhamento de vídeos, esses dois sites pertencem ao *Google*, empresa multinacional de serviços *on-line* e de *softwares*. Esses dados deixam claro que a maior parte dos acessos está vinculada às grandes corporações.

Com base nesse mapeamento, retomo a discussão traçada por Demo (2000) que compreende a Sociedade da Informação de forma ambivalente. Pois, concomitante à oferta de meios técnicos capazes de realizar uma democratização do conhecimento e de promover a produção de informação de muitos para muitos, existe, por outro lado, se uma sociedade gestada sob a lógica neoliberal que tem como objetivo principal o lucro. E de fato essa ambivalência está presente nessas grandes corporações que apesar de se apresentarem através de ideais de democratização, operam de acordo com a lógica do capital e dirigem-se, em suas estratégias de marketing, fortemente aos jovens.

Em ambos os lugares o entretenimento dos jovens está fortemente vinculado aos meios de comunicação de massa e à indústria cultural. Mas ao contrário de antes<sup>92</sup>, que os jovens esperavam em suas casas suas programações prediletas na TV ou no rádio, hoje eles se dirigem à internet, na Casa Brasil ou na LAN *house*, para terem acesso a esses conteúdos. O acesso aos portais televisivos como é o caso da Rede Globo (site G1) e da Rede Record (site R7) tiveram grande representatividade nos dois lugares. *Jair*, 18 anos, afirma passar parte do seu tempo na internet “conversando” com celebridades televisivas. *Álvaro*, 19 anos, utiliza o site da Globo para se informar sobre a vida das celebridades. *Mônica*, apesar de não gostar dos atuais conteúdos televisivos, foi no canal gratuito *SBT* (Sistema Brasileiro de Televisão), que encontrou o seu

---

<sup>92</sup> Antes da ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

programa favorito, que hoje só consegue acompanhar pela internet, pois parou de ser veiculado na televisão. *Paulo* sempre que tem oportunidade na Casa Brasil acessa o site da Record pra ter acesso às notícias. Já *Gaspar*, 22 anos, prefere o site da Globo onde pode acompanhar todas as novelas:

Eu conheci a Fafá de Belém, o Caio Castro, lá no Marina Parque. Primeiro conheci eles no sábado no Marina Parque. E eles deram o blog deles, o email. E eu acessei, comecei a falar com eles, eu disse que era o Caio do desfile e tal, e ela começou a conversar, falamos muito na internet, até hoje somos muito amigos. (Jair, 18 anos, Usuário da LAN house).

Eu vi na televisão, eu olho o que ta passando na televisão, esse vídeo ta em tal site, aí eu ia La e depois olhava(...)Eu olho muito também o negócio de celebridade, o que ta acontecendo. Hoje mesmo eu estava olhando o negócio da AMY que ela foi internada.(Alvaro, 19 anos, frequentador da LAN house).

Acesso o *youtube* e *Orkut*, além do site da *wwi* que é um site de luta livre americana e a Cidade web rock, que é uma rádio rock na internet(...) Acho que há uns três anos atrás no SBT resolveu testar esse programa aqui, pra passar aqui no Brasil ( Mônica, 22 anos, usuária da LAN house).

Desde começo eu assisto a Record né, aí passava que tinha o portal deles e eles deram R7.com, aí eu abri uma vez. E até hoje sempre que eu posso, eu acesso. (Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Vou ao site da malhação, no site da malhação tem disponível o da globo né! Que mostra todas as outras novelas e outros assuntos.(Gaspar 22 anos, aluno da Casa Brasil e frequenta a LAN house).

Além da TV, outro meio de comunicação que está muito presente no entretenimento dos jovens, de forma indireta, é o rádio pois as músicas e os artistas mais buscados por esses jovens na internet são os que mais tocam nas rádios. Na Casa Brasil, esse aspecto é evidenciado no acesso aos sites de letras de música. Na LAN *house* além das letras de música foram identificados acessos aos sites das bandas famosas, o *download* de músicas e o acesso aos *clips* no *Youtube*. Além dos acessos, nos depoimentos os jovens deixam claro essa ligação com as músicas e com os artistas famosos.

O que eu mais crio é site pro *high school music*, por causa do filme. (*Bárbara, 18 anos*, aluna da Casa Brasil).

Eu gosto de celebridades internacionais, mais de cantoras. Lady Gaga, Madonna, shakira, essas coisas. Gosto muito de olhar. (Jair, 18 anos, internauta da LAN house).

Eu olho muito também o negócio de celebridade, o que ta acontecendo. Hoje mesmo eu estava olhando o negócio da AMY que ela foi internada...(músicas que gosta de ver no Youtube) Beyonce, David Loubato, Lady Gaga. (Álvaro, 19 anos, internauta da LAN house).

Eu gosto de música internacional, gosto de pop rock, música romântica também gosto...(Lady Gaga nem tanto, eu gosto de James Blunt, Backstreet Boys, N'Sync, Avril Lavigne...(André, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

Aí depois eu vou lá pro, pro site da cidade web rock, enquanto eu fico olhando emails, comunidades. Eu fico ouvindo musica, quando passa alguma musica que eu não gosto, eu baixo o som da rádio e vou pro youtube... Eu tenho que estar ouvindo musica todo tempo. (Mônica, 22 anos, internauta da LAN house).

A forte presença tanto da televisão quanto do rádio nos acessos e nos discursos desses jovens reforça a noção de legitimidade que os meios de comunicação de massa ainda possuem nas apropriações desses jovens internautas.

Em relação às *pesquisas escolares* identifiquei que a influência do “agir normativo” foi claramente evidenciada durante esses acessos, já que a Casa Brasil apresentou um percentual bem mais expressivo do que na LAN *house*, evidenciando a força do elemento “sala de aula” no condicionamento dos acessos.

Um aspecto interessante nessa categoria é que apesar de os acessos possuírem uma mesma natureza, a pesquisa de conteúdos e as apropriações são distintas. Na instituição as pesquisas eram direcionadas aos conteúdos do curso de informática, ganhando uma conotação mais prática e profissionalizante. O jovem aluno tinha um envolvimento com os conteúdos acessados, faziam uma calma leitura dos textos e não dividiam sua atenção com outros elementos da rede. Na LAN *house*, a pesquisa escolar era direcionada para as atividades escolares. Enquanto faziam a

pesquisa costumavam acessar outros sites simultaneamente, pelo que pude acompanhar, “passavam a vista” rapidamente nos textos encontrados, importavam os conteúdos para o *software* e enviavam para impressão. De fato, diante desses aspectos avalio que os jovens da Casa Brasil se apropriavam das pesquisas escolares como forma de aprender para uma profissão futura, já os jovens da *LAN house* executavam tal acesso para cumprir uma demanda escolar. Essa diferença em relação ao comprometimento com a pesquisa pode ser evidenciado no discurso dos jovens internautas:

Pesquisa, Orkut, MSN. Pesquisar mais ou menos, trabalho da escola, essas coisas. (Jair, 18 anos, internauta da LAN house).

(...)aqui no web sites, eu to , assim, eu vejo, eu vou procurar um site, aí quando eu vejo, eu procuro o código chave dele se estiver disponível, se não eu tento copiar o banner, o formato.(...) Sim, procuro tentar aprimorar o meu conhecimento em web site, pra aplicar no meu site que eu fizer. (Mateus, 20 anos, aluno da Casa Brasil).

É uma boa fonte de pesquisa né, eu uso mais é pra pesquisar alguma coisa, só isso mesmo. É difícil eu entrar em Orkut, MSN. ( Paulo, 18 anos, aluno da Casa Brasil).

Além da conversação e entretenimento, uma das categorias que pude identificar que existia, por parte dos internautas da *LAN house*, uma atenção maior durante os acessos, foi a busca por empregos. Categoria que não foi identificada na Casa Brasil. Apesar de um pequeno percentual, os jovens da *LAN house*, quando se dedicavam à busca de emprego costumavam concentrar-se nessa atividade sem alternância com outros usos. Nesse sentido, identifiquei que a internet para esses jovens está muito vinculada à noção de profissionalização ou articulação profissional e cada vez mais desvinculada dos processos da educação formal.

Esse distanciamento da educação formal à perspectiva das novas tecnologias é evidenciado no discurso de dois jovens estudantes que deixam claro a deficiência no processo de apropriação da internet com vistas ao aprendizado escolar:

**Pesquisador** - Você acha que o fato de você acessar a internet, melhora o teu desempenho escolar ou não? **Jair** – Não. Assim, melhora um pouco pela parte dos trabalhos e tudo, mais pelo outro não influencia em nada. (Jair, 18anos internauta da *LAN house*).

**Pesquisador** - E na escola em que interfere (utilizar a internet), você acha que melhora o teu aprendizado? **Bárbara** – Eu acho que não muda nada na escola. ( Bárbara, 18 anos, aluna da Casa Brasil).

Como já relatei durante o tópico anterior, em ambos os lugares existe uma forte associação da Internet a novas perspectivas, tanto no sentido do acesso à informação como também em relação ao acesso à novas oportunidades. Durante a pesquisa de observação e a entrevista em profundidade identifiquei que apesar apresentarem opiniões semelhantes a noção de oportunidade na internet se modifica entre os jovens dos dois lugares de acesso.

Quando os jovens da *LAN house* se referem a novas perspectivas costumam perceber a Internet como uma ferramenta de busca de novos empregos, facilitando a inserção no mercado. *Álvaro*, que tem 19 anos, terminou o segundo grau em 2009 e trabalha desde os 15 (quinze) anos de idade. Ele acredita que a internet lhe abriu novas oportunidades, pois todos os seus últimos empregos foram encontrados pela internet. Outro exemplo é *Mônica*, 22 anos, que há quatro anos terminou o ensino médio e ainda não conseguiu um emprego. Na época da entrevista utilizava a internet, na *LAN house*, para enviar o seu currículo e tentar uma vaga como auxiliar de escritório.

Já na Casa Brasil essa noção de novas perspectivas está associada a uma formação profissional que poderá romper com uma condição imposta anteriormente por sua posição social, ou seja, os jovens que faziam os cursos de informática buscavam por meio do contato com a tecnologia novas condições de vida. Esse é o caso de *André*, 19 anos, que segundo ele, no período escolar não conseguiu obter um “bom desenvolvimento”. Foi somente depois que começou a fazer vários cursos de

informática que começou a se sentir mais “inserido”, ao interagir com os professores e colegas de turma. Ao contrário da maioria dos jovens que possuem a mesma condição social, André não pretendia começar sua vida profissional trabalhando em Super-Mercados e buscava por meio da adesão às TIC romper com essa realidade. De fato, no período que aconteceu a entrevista André foi chamado para ministrar oficinas de fotografia, e computação nas escolas públicas e recebia uma remuneração razoável por esse trabalho. Estava com 07(sete) turmas em três escolas nos bairros vizinhos.

Frequento o Centro Cultural do Bom Jardim, participo do curso de web sites também, frequento a Escola Ícaro de Souza, que é o Condomínio Digital, faço curso lá também de, condomínio digital, que inclui a formação de cidadão na pessoa e de preparar agente pro mercado de trabalho(...)pra mim é super importante, porque eu não queria tipo, no meu primeiro emprego, eu não queria trabalhar, tipo, no mercantil(...) (André, 19 anos, aluno da Casa Brasil).

Outro exemplo interessante é o de *Mateus*, 20 anos, que há dois anos tinha terminado o segundo grau. Em 2009 trabalhou em um supermercado como jovem aprendiz (empacotava mercadorias, fazia entregas e outras atividades) e durante o período de um ano possuía uma carga horária de 25 horas semanais. Apesar de ter gostado da experiência, *Mateus* não pretendia mais voltar a desempenhar as mesmas atividades. Para conseguir melhores colocações no mercado de trabalho se dedicava simultaneamente a vários cursos de informática e, na época, tinha iniciado um curso pago sobre programação de infra-estrutura para banco de dados. Por meio desses conhecimentos pretendia trabalhar na área de informática, ou sendo professor, ou fazendo conserto de computadores.

Se por acaso eu não conseguir encontra vaga de emprego no, de acordo com o meu conhecimento, aí eu pretendo voltar. (...)Pretendo trabalhar na área de



informática, ou sendo professor, ou sendo... Consertando, dando auxiliar. (Mateus, 20 anos, aluno da Casa Brasil).

Em relação à utilização da ferramenta de busca *Google*, como já mencionamos anteriormente, os jovens da Casa Brasil e da LAN *house*, apesar de dedicarem uma quantidade de tempo muito semelhante, se apropriam de forma diferente da ferramenta. Enquanto os jovens da Casa Brasil utilizam a ferramenta o tempo inteiro direcionada aos conteúdos do curso, os jovens da LAN *house* utilizam o *Google* de forma variada, às vezes relacionada ao entretenimento, outras, às pesquisas escolares, outras à notícias. Enfim a apropriação da ferramenta de forma diferenciada nos dois lugares reitera a noção de que a natureza normativa desses espaços direciona alguns acessos e modificam algumas apropriações.

A categoria *produção de conteúdos* (construção de *Blogs*) foi identificada exclusivamente na Casa Brasil e foram dedicados somente 83 minutos a esta atividade, apenas por um jovem da instituição. Durante a observação participante também não consegui identificar nenhum jovem executando tal atividade. Ao contrário desses dados, durante a entrevista em profundidade, quatro jovens afirmaram ter ou já ter tido um *blog* (três jovens da Casa Brasil e um da LAN *house*). Diante dessas afirmações percebi que a produção *on-line* é apropriada pelos jovens como uma forma *status*. Ser responsável por um *blog*, divulgar suas ideias, se apresenta como uma possibilidade de tornar-se famoso no universo digital ou mesmo de ficar mais próximo do “mundo das celebridades”: “Eu acho que muda, porque você sente que ta interagindo com resto do mundo, como se você realmente fosse conhecido, tipo um famoso, só que na internet. (Álvaro, 19 anos, internauta da LAN *house*).

A categoria *notícia* foi identificada nos dois lugares de acesso em pequenas porcentagens. Em relação a essa categoria os jovens de ambos os lugares costumavam agir de forma semelhante, pois se dirigiam aos portais G1 (emissora Globo) ou ao R7 (emissora *Record*) e navegavam na busca, tanto notícias como entretenimento. Essa falta de importância dada às notícias em geral e a grande atenção direcionada ao entretenimento retrata um pouco a noção da baixa integração social citada por Canclini (2008) ao descrever traços dos jovens contemporâneos.

A categoria compras on-line, identificada apenas na LAN *house*, foi evidenciada durante o acesso dos jovens aos sites de venda. Pelo que pude perceber, os principais produtos procurados pelos jovens eram artigos vinculados à tecnologia como celulares e câmera digital. Um dos jovens investigados, estava com o seu celular ligado ao computador e enquanto baixava “novos toques” para o seu celular, pesquisava preços de outros telefones. Nesse dia, o garoto não efetuou a compra, mas deixou evidente sua adesão às novas tecnologias.

A Casa Brasil por seu caráter formal como promotora de inclusão digital é reconhecida e representada por seus alunos – os jovens – como espaço de aprendizagem. Essa noção de aprendizagem é uma maneira de reproduzir um agir normativo e simbólico da instituição, vinculado à formação profissional e à educação formal. No Telecentro, durante o curso de *websites*, que utilizava a internet de forma repetitiva e mecânica, me deparei com uma troca de saberes silenciosa. Paralelo aos comandos ditados, os jovens permaneciam on-line, acessando os seus sites prediletos. Quando o professor se ausentava os alunos costumavam conversar tirando dúvidas, que não se limitavam aos conteúdos do curso, mas dúvidas que surgiam durante o acesso, seja em relação aos jogos ou às novas funcionalidades do *Orkut*. Paralelo a uma estratégia governamental de inclusão me deparei com as *táticas* de inclusão, com forma

de apropriação da internet que não está vinculada somente aos comandos mecânicos dos cursos e seus tutores.

Essa noção de aprendizagem informal, de trocas de saberes, também foi evidenciada durante a investigação na LAN *house*. A maioria dos jovens que frequenta o estabelecimento afirma ter aprendido a manipular o computador neste lugar. De fato durante seus acessos costumam tirar dúvidas com o funcionário do estabelecimento, costumam fazer perguntas aos usuários das cabines vizinhas. Até mesmo costumam acessar com os amigos para receberem *instruções nos usos*. Apesar de não existirem os cursos formais de inclusão, a LAN *house* se traduz como *tática* destes jovens para fazerem parte do “universo *on-line*”.

Com esse exemplo, reafirmo a noção de que as formas de agir de um espaço influenciam, mas não determinam as escolhas dos jovens na rede, nem a aprendizagem desse jovem. Na Casa Brasil, por trás de uma formação profissional, existe uma troca de saber informal que burla as regras do espaço, cria novas possibilidades de uso, negocia significados. Na LAN *house*, espaço direcionado unicamente para o acesso livre, também encontramos essas trocas, que são responsáveis pela entrada de muitos jovens na perspectiva digital.

Diante das apropriações da internet por parte destes jovens, identifico uma pluralidade de funções atribuídas a um mesmo uso de um meio, a internet. Assim revisito a noção de De Certeau (1994) que afirma que, identificar apenas os usos o pesquisador não possui uma noção completa acerca das apropriações. Somente a partir da investigação de como os jovens usam a internet é possível compreender qual a relação estabelecida entre os usuários e o meio. E nessa investigação sobre as formas de uso, os contextos não podem deixar de ser evidenciados, pois estão presentes fazendo também parte dessa relação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociedade da Informação junto à ascensão da internet é responsável pela reconfiguração de parcela expressiva das relações sociais na contemporaneidade (LEMOS, 2003). Nos setores sociais médios e altos, essa reconfiguração é uma realidade, presentes nos mais diversos serviços *on-line* ou nos milhões de computadores adquiridos por esses segmentos nos últimos anos. No decorrer dessa dissertação, pude perceber também, que essas reconfigurações estão sendo vivenciadas também pelos setores populares. Apesar de ser um setor marcado pelo baixo poder de consumo - fato que inviabiliza muitas vezes, a adesão de forma particular à internet e a um computador privado - a periferia já vivencia a Sociedade da Informação. Contudo, as formas de uso dessas tecnologias, ao chegar aos setores populares, passam a ser reconfiguradas de acordo com a própria dinâmica desses segmentos, que também sofre profundas alterações diante desse novo cenário contemporâneo.

No bairro Granja Portugal a ascensão das novas tecnologias foi evidenciada pela multiplicação dos lugares coletivos de acesso a internet neste pedaço. Eles cresceram dentro do bairro, antes de tudo, com o objetivo de possibilitar conexão à internet para essa parcela da população, e foram, aos poucos, modificando os hábitos dos moradores do bairro, desde os mais velhos até os mais jovens. Devo enfatizar que principalmente entre os mais jovens, esses lugares coletivos de acesso à internet foram responsáveis por mudar algumas rotinas, reconfigurar alguns hábitos, lançar novos costumes.

Com base nas mudanças no bairro trazidas pelas novas tecnologias, resalto as práticas culturais tradicionais dos moradores e destaco a feira como exemplo. Por meio das observações durante essa prática percebo o quanto, nos setores populares,

existe uma modernidade não consolidada. Diante da sociedade da informação de todas as mudanças ocorridas nas relações sociais, encontro senhores e senhoras que parecem viver a parte dessas mudanças. Senhores que criam animais domésticos em suas residências e vão á feira para comercializar, que continuam reproduzindo os hábitos de uma cultura rural. Essas práticas, na feira são partilhadas a outras, de aspectos bastante contemporâneos como é o caso da LAN *house* que localizada em frente à feira, fica cheia de pessoas em busca de acesso. De fato, a LAN *house* e a Casa Brasil fazem parte dessa realidade popular e passam a ser modeladas por elas.

Cada lugar de acesso possui características específicas, que foram apresentadas no segundo capítulo dessa dissertação. Essas peculiaridades são evidenciadas na forma de funcionamento e nas “condições de uso” da internet que esses lugares estabelecem expressas na estruturação técnica e nas regras e normas provenientes de cada lugar. De acordo com a análise, pude identificar que as “condições de uso” da internet, traçada por esses espaços, estão presentes nas suas relações com os jovens internautas.

No caso da Casa Brasil, algumas “condições de uso” foram construídas anteriormente, durante o projeto inicial. Quando a instituição foi instalada no bairro essas condições tiveram que se adequar a realidade local. Uma das mudanças mais significativas nas condições de uso da internet, num primeiro momento, foi o bloqueio de “internet livre” aos moradores do bairro, elemento que estava presente como premissa principal da instituição no projeto inicial. Com o passar do tempo, a instituição passou por uma séria crise, fato que obrigou a Casa Brasil a mudar suas “condições de uso” da internet e que também me obrigou a traçar todo o processo que instituição sofreu ao longo da pesquisa. Dentre as condições estabelecidas, destaco algumas que perduraram ao longo de todo o processo: Os usos da internet só poderiam ser efetuados

durante os cursos de informática. Essa condição pautada no monitoramento dos acessos, impedia o acesso livre e irrestrito da internet. A outra condição de uso está relacionada à forte vinculação das possibilidades da internet a uma perspectiva profissionalizante. Em relação à estrutura técnica da instituição é possível uma boa navegação, mas impede alguns acessos, tanto pelo sistema operacional adotado, como por falta de equipamentos de áudio nos computadores.

Na LAN *house*, as “condições de uso” da internet permaneceram iguais no decorrer de toda a pesquisa. A primeira e principal condição de uso do estabelecimento diz respeito à comercialização da internet. Os acessos só podem ser executados mediante ao pagamento e o valor efetuado determina a quantidade de tempo conectado. Outra condição faz referência a noção de privacidade durante o acesso à internet, o estabelecimento assegura ao cliente discrição durante a navegação. Em relação a estrutura técnica, apesar de um número de computadores bastante reduzido, o estabelecimento oferece internet banda larga com bastante rapidez, equipamentos de áudio acoplado aos computadores e um sistema operacional convencional que não limita muito os acessos.

Durante meu período de permanência em campo, além de buscar compreender como esses lugares funcionavam, também busquei estabelecer uma relação de proximidade com seus principais frequentadores, os jovens do bairro. Com base na observação participante nesses lugares e a partir do depoimento dos jovens internautas pude compreender que os usos e apropriações desses lugares de acesso, por parte dos jovens, eram os mais variados. Diante desses usos e apropriações identifiquei que esses lugares ganhavam configurações diversas podendo ser enquadrados à categoria de *circuito*, *mancha* e *pedaço*. A Casa Brasil e a LAN *house* foram

compreendidos como parte do *circuito* dos jovens internautas que em busca de informatização incluem esses dois lugares em seus trajetos.

Esses lugares foram também compreendidos como *mancha* quando, de acordo com as representações juvenis do bairro, possuíam funções diferenciadas para esse jovem. A Casa Brasil, localizada próximo à escola municipal e a outras instituições públicas, era fortemente associada à noção de aprendizagem, por isso ocupa uma *mancha* no bairro que denominei de mancha educacional. A LAN *house* localizada em frente à praça principal, é fortemente compreendida e usada pelos os jovens como um espaço que promove diversão *on-line*. Por esse motivo, esse estabelecimento ocupa uma *mancha* de lazer dentro do bairro.

Nesses dois lugares de acesso, os jovens estabelecem uma rede de relações, e apesar desses dois lugares serem vinculados à noção de globalização, homogeneização, ou mesmo de “não-lugar”, quando são usados e apropriados pelos jovens e pelos moradores do bairro ganham uma configuração de *lugar antropológico* a partir do momento que fazem parte da rotina daquele *pedaço*.

Esses lugares possuem em sua organização formas de agir (SANTOS, 2009) diferenciadas, essas maneiras de agir podem ser simbólicas, normativas e técnicas<sup>93</sup>. Com base nas diversas *formas de agir* desses espaços coletivos de acesso à internet e dos usos e apropriações desses lugares por parte dos jovens do bairro, eles passam a ser integrados ao bairro em alguns momentos de forma semelhantes, em outros de forma bastante específica. Essa *forma de agir* de cada lugar pode modificar não somente o seu papel dentro do bairro, mas também os usos e apropriações da internet, por parte dos jovens internautas, quando inseridos nesses lugares.

---

<sup>93</sup> Essas formas de agir também são expressas nas condições de uso da internet estabelecidas por cada lugar de acesso.

Para realizar a investigação dos usos da internet nos dois lugares de acesso utilizei a *webgrafia* que me permitiu acompanhar a rotina de acessos dos jovens internautas. Durante esse acompanhamento identifiquei que os *sites* mais acessados, em ambos os lugares, apontam para o *entretenimento* e *comunicação* e alguns dos principais sites acessados se repetiam nos dois lugares como é o caso do *Orkut*, do G1 e do R7. Na LAN *house* a variedade de acessos que aponta para essa direção é bem maior do que na Casa Brasil. Outras categorias encontradas em ambos os lugares são *notícias*, *ferramenta de busca* e *pesquisa escolares* que apresentam um baixo percentual. Além das semelhanças existem também as categorias peculiares em cada lugar como é o caso da *busca de empregos* e *compras* identificadas somente na LAN *house* e da *produção de conteúdos* presente apenas na Casa Brasil. Com base nesses registros pude perceber que o *agir técnico* de cada lugar interfere fortemente nos usos da internet e o *agir normativo* também é responsável pelo direcionamento de alguns acessos. Contudo, apesar de existir especificidades, os acessos também apresentaram semelhanças fato que reitera a noção que a natureza de cada espaço ela interfere nos acessos, mas não os determina.

Paralelo a esses usos encontro também as apropriações da internet. Ou seja, mesmo apresentando alguns usos semelhantes nos dois lugares encontro *formas de uso* distintas da internet em cada lugar. Essas distinções se expressam nas apropriações do site de relacionamento *Orkut*, nas formas de uso da ferramenta de busca *Google*, nas *pesquisas escolares*. Apesar de usarem de formas semelhantes atribuem finalidades específicas em cada local de acesso.

Além das peculiaridades existem também as apropriações semelhantes, como é o caso da busca por *notícias* e *entretenimento* intimamente relacionados aos meios de “comunicação de massa”, também da categoria *comunicação* em que a rede de



relação dos internautas ora apresentam traços de cosmopolitismo e ora revelam uma forte ligação com o *pedaço*.

Com base nessas apropriações me deparo mais uma vez com interferências do *agir normativo e técnico*, elementos de uma *cotidianidade familiar* que se fizeram presentes, durante todo o processo de apropriação da rede por parte dos jovens que em alguns momentos se apresentam reproduzindo as formas de agir desses espaços e em outros demonstram elementos marcado por *táticas*, resistências e negociações.

Estou ciente que investigar usos e apropriações de um determinado meio requer dedicação do pesquisador, mas acima de tudo requer tempo. Tempo pra amadurecer o olhar e perceber quais os sentidos que estão presentes na forma de agir de um internauta. Estou ciente que durante essa pesquisa alguns detalhes passaram despercebidos, fruto da minha inexperiência como pesquisadora, e do restrito limite de tempo permitido à pesquisa de campo. Espero que numa pesquisa futura possa dar continuidade a exploração desse território.

Ao final desse trabalho, reafirmo a importância das mediações de Martin-Barbero e concluo que os lugares coletivos de acesso e suas “*formas de agir*” específicas exercem influência nos *usos* da internet e que se fazem presentes na produção de sentido que os internautas constroem a certas operações *on-line*. Outra consideração importante está fundada na noção de usos e apropriações de De Certeau (1994), esse autor trouxe à luz desse trabalho a noção das práticas silenciosas, as *táticas* operadas juntos aos usos, que podem modificar completamente os significados dados aos conteúdos acessados. E de fato, na investigação de como os jovens usam a internet pude perceber essas diferenças nas *formas de uso* da rede e nos significados dados a esses usos pelos jovens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Livro Verde. Brasília: Socinfo, 2000. Disponível em: <www.socinfo.gov.br>. Acesso em: março de 2010.

ABRAMO, Helena. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Editora Scrita, 1994.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação, nº 5. Mai/Jun/Jul/Ago, 1997.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História**. Belo Horizonte: UFMG. 2005

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. Campinas: Editora Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para Pesquisa de Campo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BECKER, Howards. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Falando de Sociedade. Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERNHEIN, C.; CHAÚÍ, M. **Desafios da Universidade na Sociedade do Conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior**. Brasília: UNESCO, 2008

BOURDIEU - Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, *Association des Ages*, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BREDARIOLI, Cláudia Maria. **Comunicação em Rede, Novos Agentes Socializadores e Recepção/Práticas Culturais: O consumo de internet em lan-house na periferia de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – ESPM, São Paulo, 2008

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.1).

CANCLINI. **Diferentes, Desiguais e Desconectados.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadão: Conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de La modernidad.** Buenos Aires, Paidós, 2005

\_\_\_\_\_. **Consumo Acesso e Sociabilidade.** *Revista Comunicação Mídia e Consumo*, São Paulo, Vol 6, N.16, pag: 111-127, Julho de 2009

CASA BRASIL. Disponível em: <[www.casabrasil.gov.br](http://www.casabrasil.gov.br)>.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão Digital: Uma Visão Crítica.** São Paulo: Ed SENAC, 2008.

\_\_\_\_\_. ; BREDARIOLI, Cláudia. Internet na periferia: entre o potencial e o uso concreto. In: **Revista Galáxia**. n. 16, ed.89. São Paulo: dez. 2008, p. 79-90.

**CDVHS.** Centro de Defesa da Vida Hebert de Sousa. Disponível em: <<http://www.cdvhs.org.br>>. Acesso em: Março de 2010.

**CETIC.BR.** Centro de Tecnologia de Informação e Comunicação. Disponível em: <[www.cetic.br](http://www.cetic.br)>. Acessado em: maio de 2010.

CICOUREL, A. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES. A.Z.(Org). **Desvendando as Máscaras Sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A, 1980, p. 87 – 121.

DA MATTA, R. **Relativizando: Uma introdução à antropologia social.** Petrópolis: Vozes, 1974, p: 23 – 35.

\_\_\_\_\_. O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E.O.(Org). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_.; GIARD, MAYOL. **A invenção do Cotidiano: Morar e Cozinhar.** Petrópolis: Ed Vozes, 1994.

DELEUZE, Giles; GUATARRI, Félix. **Rizoma. Mil Platôs, 1.** São Paulo, Editora 34, 1996.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. In: **Revista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia** (IBICT). vol 29, n.2. Brasília, maio/ago. 2000. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> .

ESCOSTEGUY, Ana Carolina, JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

ESTEBAN, Maria Tereza. Dilemas para uma pesquisa com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. RJ DP&A, 2003.

FRAGOSO, Suely. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André Lemos; CUNHA, Paulo. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, v. 1, p. 212-231.

FRAGOSO, S.; REBS, R. R.; BARTH, D. L. Territorialidades Virtuais: Identidade, Posse e Pertencimento em Ambientes Multiusuário On-line. In: **E-Compos: XIV Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, Jun 2010. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1\\_suely\\_fragoso.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_suely_fragoso.pdf)>.

FEIXA, Carlos. O quarto dos Adolescentes na Era Digital. In: COSTA, Márcia; SILVA, Elizabeth M. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. São Paulo: EBUC, 2006, p. 75-110

FRÚGOLI Jr., H. O Urbano em questão na antropologia: interfaces com a Sociologia. In: **Revista de Antropologia**. vol. 48, nº 1. Departamento de Antropologia da USP. São Paulo:jan.-jul/2005.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/Ra/v48n1/a04v48n1.pdf>>.

GARBIN, M, E. Cultur@as Juvenis, Identid@ades e Internet: questões atuais. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 23. Rio de Janeiro: 2003, p. 119-134.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Nova luz da Antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed Unesp, 2ª Edição, 1991

GPDU. **Gestão Pública de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <<http://www.gpdu.com.br>>. Acesso em: março de 2010.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 5º edição. Petrópolis:Vozes, 1997

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992

**IBGE.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: Maio 2010.

**IBOPE.** Disponível em: <www.ibope.com.br>. Acesso em: abril de 2010.

**INCLUSÃO SOCIAL DO GOVERNO FEDERAL.** Disponível em: <www.inclusãodigital.gov.br>. Acesso em: abril de 2010.

INTERNET WORLD STATS. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acessado em: Maio de 2010.

JACKS, N. Tendências Latino-Americanas nos Estudos da Recepção. In: **Revista FAMECOS**. nº 5. Porto Alegre, Nov. 1996, p. 44-49.

\_\_\_\_\_.; MENEZES, D; MELLO, V. Estudos de Recepção e Identidade Cultural: Abordagens Brasileiras na Década de 1990. In: **UNIrevista**. nº 3. São Leopoldo: julho de 2006, p.1-13.

JUNKER, B. **A importância do trabalho de campo. Uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro, Lidador, 1960.

LACERDA, Juciano de Souza. **Ambiências Comunicacionais e Vivências Midiáticas Digitais**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Ciência da Comunicação São Leopoldo: UNISINOS, 2008, 291p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: EDUC, 1999

LE BRETON, David. **L'interactionnisme Symbolique**, Paris PUF, 2004.

LE MOS, André. **Cultura das redes: ciberensaios para o século xxi**. Salvador: UFBA, 2002.

\_\_\_\_\_. Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003.

LÈVY, Pierre. **Cybercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

\_\_\_\_\_. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. In: **Para Navegar no Século XXI**. MARTINS. Menezes, MACHADO. Juremir. Porto Alegre: Editora Sulina/Edipucr, 2000, 2ed.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol 17, n.49. São Paulo: Jun 2009.

\_\_\_\_\_. A festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. In: **Revista Tempo Social** – revista de Sociologia da USP. vol 17, n.02. São Paulo: Nov.2005.

\_\_\_\_\_. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. [online]. In: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível em: <[www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html](http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html)>. Acesso em: 25 agosto.2010.

\_\_\_\_\_. Etnografia como Prática e Experiência. In: *Horizontes Antropológicos*. n. 32. Porto Alegre: 2009, p. 129-168.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem unidimensional**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1964.

MARQUES, Ana Cesaltina. **A Praça Portugal como Lugar: Negociações de Sentidos em Encontros Presenciais e Mediados por Computador**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará: UFC, 2010

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ofício do Cartógrafo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

MATTELART, Armand. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MEC - Ministério da Educação. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)> . Acesso em: 08 abril.2010.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociedade Reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOREIRA, Ruy. **Sociabilidade e Espaço**. *Revista Agrária*. Nº 2, São Paulo, p 93-108, março de 2005

NAZARENO, Claudio. **Tecnologias da Informação e Sociedade: O Panorama Brasileiro**. Brasília: Editora Câmara dos Deputados, Coodenação de Publicações, 2006.

PINHO, Ana Maria. **Pintando Janelas em Muros: A Arte como Método Vivencial de Facilitação de Grupos Populares**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará: UFC, 2010

REGUILLO, Rosana. **Emergência de Culturas Juveniles Estratégias del Desencanto**. Buenos Aires: Norma, 2000

RUDIGER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da sociedade**: fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno. Porto Alegre: Editora ED/PUCRS, 2002.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: ED USP, 2009

SELLTIZ, Claire et alii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU, 1987

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Exclusão Digital**: A Miséria na Era da Informação. Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia**. São Paulo, Ed: Edições Loyola, 2005.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: Unesco, 2003.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópoli: Editora Vozes, 1990.

TRIVINHO, Eugênio. **A Dromocracia Cibercultural**. São Paulo: Paulus, 2003.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade Transparente*. Lisboa: Edição 70, 1989

VELHO, G. O Desafio da Proximidade, In: VELHO, G; KUSCHNIR, K.(Org). **Pesquisas Urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003, p. 11 – 19.

VELHO, G. Observando o Familiar, In: NUNES, E.O.(Org). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978, p. 36-46.

UNESCO. Disponível em: [www.brasilia.unesco.br](http://www.brasilia.unesco.br). Acesso em: 06/04/2010.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Internet e Depois?** Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

ANEXOS



## APÊNDICES

## APÊNDICE I

### Questionário para ser aplicado na Casa Brasil

1. Por que você freqüenta a Casa Brasil?
  - a. Curso de Informática
  - b. Atividades do PRONASCI
  - c. Grupos de dança/teatro/
  - d. Frequentar a sala de leitura
  
2. Você costuma acessar a internet na Casa Brasil?
  - a. Sim
  - b. Não
  
3. Você acessa a Internet em outros lugares? Onde?
  - a. Casa
  - b. Casa de amigos ou familiares
  - c. LAN house
  - d. Escola
  - e. Outros programas de acesso gratuito
  
4. Quanto tempo faz que você acessa à internet?
  - a. Menos de 1 ano
  - b. Mais de 1 ano
  - c. 1 ano
  - d. Mais de 2 anos
  
5. Onde e com que você aprendeu a acessar a Internet?
  - a. Curso de informática da Casa Brasil
  - b. Curso de informática da LAN house
  - c. Com meus amigos na Casa Brasil
  - d. Com meus amigos na LAN house
  - e. Sozinho na LAN house
  - f. Outros \_\_\_\_\_
  
6. O que você mais gosta de acessar?
 

Na Casa Brasil:

  - a. Orkut
  - b. MSN
  - c. Joguinhos em geral
  - d. You tube
  - e. E-mail
  - f. Pesquisas Escolares
  - g. Notícias em geral

Na LAN House ou em outros lugares.

  - h. Orkut
  - i. MSN
  - j. Joguinhos em geral
  - k. You tube
  - l. E-mail
  - m. Pesquisas Escolares
  - n. Notícias em geral
  
7. O que você acha mais legal da Internet?
  - a. A quantidade de Informações que se pode acessar
  - b. Os inúmeros amigos que você pode encontrar na Internet
  - c. Os inúmeros amigos que você pode fazer na Internet
  - d. As inúmeras maneiras de se divertir na internet – joguinhos, bate papo etc
  - e. Que todas as minhas pesquisas escolares podem ser feitas pela Internet
  - f. Que eu posso criar meu blog e divulgar minhas idéias
  - g. Que eu posso participar mais de todas as coisas importante que acontecem no mundo.
  - h. Outros \_\_\_\_\_.

8. O que você acha mais legal na Casa Brasil?
  - a. Todos os cursos de informática que a Casa me oferece.
  - b. Que aqui na Casa eu posso encontrar meus amigos do bairro e conhecer novas pessoas.
  - c. Os grupos de dança e teatro.
  - d. A internet livre

#### Questionário para ser aplicado na LAN house

1. Por que você frequenta a LAN house?
  - a. Realizar Impressões, Xérox, e Fotos 3x4
  - b. Fazer meu Currículo, pesquisas escolares, cadastros e inscrições
  - c. Acessar a Internet
  - d. Jogar em rede
  
2. Você acessa a Internet em outros lugares? Onde?
  - a. Casa
  - b. Casa de amigos ou familiares
  - c. LAN house
  - d. Escola
  - e. Outros programas de acesso gratuito
  
3. Quanto tempo faz que você acessa à internet?
  - a. Menos de 1 ano
  - b. Mais de 1 ano
  - c. 1 ano
  - d. Mais de 2 anos
  
4. Onde e com que você aprendeu a acessar a Internet?
  - a. Curso de informática da Casa Brasil
  - b. Curso de informática da LAN house
  - c. Com meus amigos na Casa Brasil
  - d. Com meus amigos na LAN house
  - e. Sozinho na LAN house
  - f. Outros \_\_\_\_\_
  
5. O que você mais gosta de acessar na LAN house?
  - a. Orkut
  - b. MSN
  - c. Joguinhos em geral
  - d. You tube
  - e. E-mail
  - f. Pesquisas Escolares
  - g. Notícias em geral
  
6. O que você acha mais legal da Internet?
  - a. A quantidade de Informações que se pode acessar
  - b. Os inúmeros amigos que você pode encontrar na Internet
  - c. Os inúmeros amigos que você pode fazer na Internet
  - d. As inúmeras maneiras de se divertir na internet – joguinhos, bate papo etc
  - e. Que todas as minhas pesquisas escolares podem ser feitas pela Internet
  - f. Que eu posso criar meu blog e divulgar minhas idéias
  - g. Que eu posso participar mais de todas as coisas importante que acontecem no mundo.
  - h. Outros \_\_\_\_\_.
  
7. O que você acha mais legal na LAN house?
  - a. Acessar à Internet
  - b. Encontrar com os amigos pra acessar á internet
  - c. Usufruir dos serviços que a LAN house disponibiliza, além do acesso à internet

## APÊNDICE II

### Roteiro da Entrevista em Profundidade com os jovens da Casa Brasil

1. Há quanto tempo você freqüenta a Casa Brasil, quais os cursos que você já participou? E qual está participando? Existem outros programas de inclusão que você freqüenta? Quais? Qual o principal motivo de você participar desses cursos de informática? Qual o principal motivo de freqüentar a Casa Brasil?
2. Para você o que representa a Casa Brasil. Como você ver essa instituição na sua vida?
3. Pra você o que representa a Internet? (Se ela lhe abriu novas possibilidades. Uma forma de diversão. Uma forma de criar conteúdos).
4. Aqui na Casa Brasil, quais são os conteúdos que você mais acessa na Internet?  
Qual é a sua rotina de acesso?  
O que você acessa com mais freqüência?
5. Na LAN house quais são os conteúdos que você mais acessa? ?  
Qual é a sua rotina de acesso?  
O que você acessa com mais freqüência?
6. Existe diferença em acessar na Casa Brasil ou na LAN house? Por que?
7. Quais são os seus sites preferidos?
8. O que você faz nesse site? ( conversa com amigos, busca informações, encontrar pessoas interessantes, postar informações)
9. Os cursos que você faz na Casa Brasil influenciam de alguma forma pela preferência desses sites?
10. As pessoas que você se relaciona aqui na Casa Brasil, já são suas conhecidas do bairro?
11. Você se relaciona na Internet com alguém que você convive na Casa Brasil?

### Roteiro da Entrevista em Profundidade com os jovens da Casa Brasil

1. Há quanto tempo você freqüenta a LAN House?  
de informática?
2. Qual o principal motivo de freqüentar a LAN house?
3. Você acessa a internet em outros lugares? Quais?
4. Além de acessar a Internet, você usufrui de algum outro serviço oferecido pela LAN house? Qual?
5. Para você o que representa a LAN house?  
Um lugar de encontrar amigos  
Um lugar pra gastar o tempo livre  
Um lugar que me possibilita executar operações que não consigo fazer e peço pro rapaz da LAN house.
6. Pra você o que representa a Internet?  
Se ela lhe abriu novas possibilidades.  
Uma forma de diversão.  
Uma forma de criar conteúdos.
7. Aqui na LAN House, quais são os conteúdos que você mais acessa na Internet?  
Qual é a sua rotina de acesso?  
O que você acessa com mais freqüência?
8. Existe diferença em acessar na LAN house e acessar em outros lugares? Por que?
9. Quais são os seus sites preferidos?
10. O que você faz nesse site? ( conversa com amigos, busca informações, encontrar pessoas interessantes, postar informações)
11. Você se relaciona com alguém que freqüenta essa LAN house?
12. As pessoas que você se relaciona aqui na LAN house, já são suas conhecidas do bairro?
13. Você se relaciona na Internet com alguém que você convive na LAN house?

### APÊNDICE III

#### **Roteiro da Entrevista em Profundidade com o Coordenador ou Professor da Casa Brasil**

1. Para você o que representa a Casa Brasil dentro do bairro e na vida dos jovens que freqüentam a instituição?
2. Há quanto tempo você trabalha na Casa Brasil e como/ou por que você se mobilizou a trabalhar na Casa Brasil?
3. A partir do que a Casa Brasil se propõe a fazer qual atividade da instituição que você considera mais importante? Por que?
4. Dentre as atividades propostas pela Casa Brasil , quais as mais procuradas pelos jovens do bairro?
5. Pra você o que representa a internet?
6. Na vida desses jovens, o que você acha que o acesso a internet pode representar?
7. Durante os cursos de informática, sobre o que você percebia um maior interesse por parte dos jovens? Durante estes cursos, de alguma forma, acessavam a internet?
8. Como aconteciam esses acessos? Antes de começar a aula. Como uma disciplina do curso
9. Você acha que existe alguma diferença durante os cursos, nas habilidades em manipular o computador, na habilidade em acessar a internet, entre os alunos que freqüentam a LAN house e os alunos que não freqüentam a LAN house? Qual?
10. Qual a sua opinião sobre a instalação das Lans dentro do bairro?
11. Você acha que a intensa procura por internet no bairro possui alguma relação com a instalação da Casa Brasil, ou vice e versa?
12. Você considera que a instalação da Casa Brasil influenciou de alguma forma os usuários da LAN house? E vice-versa?
13. Pra você o que a LAN house representa dentro do bairro?
14. Pra você o que a LAN house representa para os jovens que freqüentam o estabelecimento?
15. Você acha os acessos feitos na Casa Brasil pode contribuir para melhorar de alguma forma a vida desse jovem ( no sentido de inserção no mercado de Trabalho, ou mesmo na apreensão de novos conhecimentos)? Porque?
16. Você acha os acessos feitos na LAN house pode contribuir para melhorar de alguma forma a vida desse jovem ( no sentido de inserção no mercado de Trabalho, ou mesmo na apreensão de novos conhecimentos)? Porque?
17. Você sabe que a Casa Brasil está sofrendo uma grande crise. Muito do que foi planejado no início da Casa Brasil não está sendo executado. Diante desse quadro da instituição, como você pensa essa crise?

#### **Roteiro da Entrevista em Profundidade com o responsável pela LAN house**

1. Para você o que representa esta Lan House para este bairro e na vida dos jovens que freqüentam este espaço?
2. Há quanto tempo existe essa LAN house? Por que você teve a idéia de abrir uma LAN house?
3. Dentre os serviços oferecidos, qual o serviço oferecido que você considera mais importante? Por que?
4. Dentre os serviços oferecidos , quais os mais procurados pelos jovens do bairro?  
Dentre os serviços oferecidos quais dão maior lucratividade ao estabelecimento?
5. Pra você o que representa a internet?
6. Na vida desses jovens, o que você acha que o acesso a internet pode representar?
7. Durante a permanência dos jovens na Lan, eles costumam acessar a internet?

8. Pelo que você pode perceber de que maneira esses jovens costumam usar o computador: dois por máquina, um em cada máquina, utilizam sempre os fones de ouvido, utilizam conversando entre si e interagindo com os demais que estão na LAN house?
9. Você acha que existe alguma diferença no desempenho no uso da Internet entre os alunos que freqüentam a Casa Brasil e os alunos que não freqüentam a Casa Brasil? Qual?
10. Qual a sua opinião sobre a instalação da Casa Brasil dentro do bairro?
11. Você acha que a intensa procura por internet no bairro possui alguma relação com a instalação da Casa Brasil, ou vice e versa?
12. Você considera que a instalação da Casa Brasil influenciou de alguma forma os usuários da LAN house? E vice-versa?
13. Pra você o que a Casa Brasil representa dentro do bairro?
14. Pra você o que a Casa Brasil representa para os jovens que freqüentam o estabelecimento?
15. Você acha os acessos feitos na LAN house pode contribuir para melhorar de alguma forma a vida desse jovem ( no sentido de inserção no mercado de Trabalho, ou mesmo na apreensão de novos conhecimentos)? Porque?
16. Você acha os acessos feitos na Casa Brasil pode contribuir para melhorar de alguma forma a vida desse jovem ( no sentido de inserção no mercado de Trabalho, ou mesmo na apreensão de novos conhecimentos)? Porque?

## APÊNDICE IV

### Planilha de Usos e Apropriações – Casa Brasil

Lista de Sites que foram mais encontrados durante a pesquisa de campo

Orkut, e-mails, Site da Globo.com, Twitter, Letras de música(LM), Mensagens(MENS), Joguinhos em Geral(JOG), Blog, Portal Verdes Mares.

COMPS	Orkut	E-mails	Globo	Twitter	LM	MENS	JOG	Blogs	OUTROS
01	5,6,7,8,9,10,11,12 13,14,15,16,17,18 19,20	1,2,3,4							
02	1,2,3,4,5,6,7,8, 15,16,17, 18, 19,20	9,10,11,12,13, 14							
03	1,2,3,4,5,					6,7,8,9,10,11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20			
04	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
05	1,2,3,4,5,6,7,8, 9		14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 ( Sport)						10, 11, 12, 13 (GOOGLE)
06	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
07		13, 14, 15, 16, 17, 18						1,2,3,4,5,6,7, 8, 9, 10, 11, 12, 19, 20	
08	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
09	1,2,3,4,5,12 13,14,15						6,7,8,9,10,11 16,17,18,19,20		
10			12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20						1,2,3,4,5,6,7,8 (GOOGLE) 9,10,11 (Record – Nov)
11	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
12	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
13	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
14	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
15	XXXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXX	XX	XXXXX	XXXXX	XXXXX	XXXXX
16	1,2,3,4,5,6,7,8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 15,16,17, 18, 19,20								

- A cada minuto os computadores que estão sendo utilizado devem estar sendo acompanhados
- Caso o site utilizado não esteja entre os mais navegados marcar em outros

## APÊNDICE V

Acompanhamento de acessos na *LAN house*

	COMP 1	COMP 2	COMP 3	COMP 4	COMP 5
1'	Orkut	VD ( Emp)	MSN	Orkut	Orkut
2'	Orkut	VD ( Emp)	MSN	Orkut	Orkut
3'	Orkut	VD ( Emp)	Orkut	Orkut	Orkut
4'	MSN	VD ( Emp)	twitter	Orkut	Orkut
5'	MSN	VD ( Emp)	twitter	MSN	Orkut
6'	MSN	VD ( Emp)	twitter	MSN	Orkut
7'	R7(fofoca)	Orkut	G1 ( Nov)	MSN	Orkut
8'	R7(fofoca)	Orkut	G1 ( Nov)	MSN	Orkut
9'	R7(fofoca)	Orkut	G1 ( Nov)	MSN	Google(P. E.)
10'	R7(fofoca)	Orkut	Orkut	Orkut	Google(P. E.)
11'	R7(Not)	Orkut	Orkut	Orkut	Google(P. E.)
12'	R7(Not)	Orkut	Orkut	Orkut	World
13'	R7(Not)	Orkut	twitter	Orkut	World
14'	G1 ( Not)	Orkut	twitter	Orkut	World
15'	G1 ( Not)	VD ( Emp)	MSN	Orkut	World
16'	G1 ( Nov)	VD ( Emp)	MSN	MSN	Orkut
17'	G1 ( Nov)	VD ( Emp)	MSN	MSN	Orkut
18'	G1 ( Nov)	VD ( Emp)	twitter	Orkut	Orkut
19'	G1 ( Nov)	e-mail	twitter	Orkut	Orkut
20'	You tube	e-mail	twitter	Orkut	Google(P. E.)
21'	You tube	e-mail	Orkut	Orkut	Google(P. E.)
22'	MSN	e-mail	Orkut	Orkut	World
23'	MSN	VD ( Emp)	Orkut	MSN	World
24'	Orkut	VD ( Emp)	Orkut	MSN	World
25'	Orkut	Google	MSN	You tube	World
26'	Orkut	Google	twitter	You tube	World
27'	You tube	Google	MSN	You tube	Orkut
28'	You tube	Google	twitter	You tube	Orkut
29'	You tube	e-mail	Orkut	You tube	Orkut
30'	You tube	e-mail	Orkut	You tube	Orkut